

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MICHEL ANGELO ABADIO DE OLIVEIRA

**MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA:
HISTÓRIA, JUVENTUDE E REPRESENTAÇÕES.
(UBERLÂNDIA, 1977-2014)**

UBERLÂNDIA
2014

MICHEL ÂNGELO ABADIO DE OLIVEIRA

**MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA:
HISTÓRIA, JUVENTUDE E REPRESENTAÇÕES.
(UBERLÂNDIA, 1977-2014)**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Uberlândia, pela linha de pesquisa “Política e Imaginário”, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em História Social.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFU, MG, Brasil.

O39m Oliveira, Michel Ângelo Abadio de, 1988-
2014 Movimento de Renovação Carismática Católica : história, juventude
e representação (Uberlândia, 1977-2014) / Michel Ângelo Abadio de
Oliveira. - 2014.
131 f. : il.

Orientadora: Mara Regina do Nascimento.
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em História.
Inclui bibliografia.

1. História - Teses. 2. História social - Teses. 3. Renovação
Carismática Católica - Teses. 4. Grupos de oração - Uberlândia - Teses.
I. Nascimento, Mara Regina do. II. Universidade Federal de Uberlândia,
Programa de Pós-Graduação em História. III. Título.

MICHEL ÂNGELO ABADIO DE OLIVEIRA

**MOVIMENTO DE RENOVAÇÃO CARISMÁTICA CATÓLICA:
HISTÓRIA, JUVENTUDE E REPRESENTAÇÕES.
(UBERLÂNDIA, 1977-2014)**

BANCA DE DEFESA

Prof.^a Dr.^a Mara Regina do Nascimento
(Orientadora)

Prof. Dr. Rodrigo Coppe Caldeira
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-Minas

Prof. Dr. Antônio de Almeida
Universidade Federal de Uberlândia – UFU

*Aos meus pais,
Com amor.*

Agradecimentos

PRIMEIRAMENTE GOSTARIA de agradecer aos meus pais, Adaurí e Ângela, por todo amor, dedicação e confiança a mim depositados. Com certeza, mais uma etapa vencida graças aos esforços dessas duas almas, que me ensinaram que humildade é o bem mais valioso que o ser humano pode possuir. Sem vocês, eu não teria chegado até aqui. Um abraço especial ao meu irmão Adaurí Júnior que, mesmo indiretamente, me ensina muito a crescer.

A toda minha família: Dona Alice, minhas tias e tios e toda a ‘primaíada’, cujo apoio e incentivo sempre foram peças fundamentais nessa caminhada. Um abraço apertado em cada um de vocês.

Aos professores, alunos e funcionários do Programa de Pós Graduação em História Social da UFU na pessoa da professora Mara Regina, que vem me acompanhando desde os anos finais da graduação. Meu reconhecimento por todo esforço e dedicação destinados a essa escrita. Obrigado por toda entrega e solidariedade que teve comigo durante esses últimos três anos.

Aos professores que fizeram parte de minha banca de defesa: professor Antônio de Almeida, sempre presente durante toda a graduação e que mais uma vez aceitou analisar meu trabalho e professor Rodrigo Coppe Caldeira que, mesmo com calendário e datas apertados, pode estar presente em minha defesa. Aproveitando, meus agradecimentos aos professores João Marcos Alem e Mauro Passos, que estiveram presentes em minha banca de qualificação, cujas apreciações foram de suma importância para conclusão deste trabalho.

Aos amigos e colegas de UFU que, de uma forma ou de outra, ajudaram nesse percurso. Vocês fizeram essa caminhada menos árdua e mais divertida. Obrigado pelas risadas, pelos bares, pizzas e tudo mais. E também às novas amizades feitas durante o mestrado, onde dividimos nossos medos e alegrias. Valeu pessoal!

Resumo

O presente trabalho procura mostrar a inserção do Movimento Carismático NO Catolicismo Contemporâneo em Uberlândia. A partir das representações de evangelização, busca-se entender analogias como Modernidade/Tradição e Tempo/História/Religião, com base na participação dos jovens no Movimento Carismático. Como consequência, também se fez necessário abordar princípios do Concílio Vaticano II, uma vez que permitiu o surgimento da Renovação Carismática, trazendo suas aproximações e distanciamentos com o pentecostalismo protestante. Além disso, tendo o foco na juventude carismática, é importante analisar alguns de seus elementos mais expressivos, como os Grupos de Oração e a relação desses jovens com a universidade.

Palavras-chave: Renovação Carismática Católica, Grupos de Oração, Universidade, Contemporaneidade, Evangelização, Juventude, Uberlândia.

Abstract

This work wants show the insertion of Charismatic Movement in Contemporary Catholicism en Uberlândia. From representations of evangelization, it seeks to understand analogies as Modernity/Tradition and Time/History/Religion, based on participation of young people in the Charismatic Movement. As a consequence also became necessary to address principles Vatican Council II, since it allowed the emergence of Charismatic Renewal, bringing their similarities and differences with the Protestant Pentecostalism. Furthermore, with the focus on charismatic young, it is important to examine some of his most expressive elements, such a Prayer Groups and the relationship of these young people with university.

Keywords: Catholic Charismatic Renovation, Prayer Groups, University, Contemporaneity, Evangelization, Youth, Uberlândia.

Lista de Siglas e Abreviaturas

A.T.	Ato dos Apóstolos
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
G.O.	Grupos de Oração
G.O.U.	Grupos de Oração Universitários
M.J.	Ministério Jovem
M.J.U.	Ministério Jovem Uberlândia
M.R.J.	Momento de Reflexão Jovem
M.U.R.	Ministério Universidades Renovadas
P.U.R.	Projeto Universidades Renovadas
RCC	Renovação Carismática Católica
TdL	Teologia da Libertação

Na Religião há algo de eterno, destinado a sobreviver a todos os símbolos particulares dos quais o pensamento religioso foi sucessivamente rodeado.

Émile Durkheim
As Formas Elementares de Vida Religiosa

Sumário

Resumo	07
Introdução	12
Capítulo I - Religião em Movimento: aportes teóricos	22
1.1 - <i>História, Tempo e Religião</i>	25
1.2 - <i>Antecedentes do Concílio Vaticano II</i>	36
1.3 - <i>Vaticano II: uma Visão Conservadora</i>	46
1.4 - <i>Papado: entre Tradição e Modernidade</i>	50
Capítulo II - Catolicismo Carismático: entre a Doutrina e a Prática	56
2.1 - <i>O Catolicismo no Brasil Contemporâneo</i>	56
2.2 - <i>As Bases Gerais do Movimento Carismático</i>	65
2.3 - <i>Embates Internos do Movimento Carismático</i>	67
2.4 - <i>Pentecostalismo Católico e Protestante: Proximidades e Diferenças</i>	72
Capítulo III - Movimento Carismático e Juventude em Uberlândia	78
3.1 - <i>RCC, M.J., e G.O.s: a Renovação em Sintonia com a Juventude</i>	85
3.2 - <i>Momento de Reflexão Jovem e Grupos de Oração Universitários representações da juventude carismática na Diocese de Uberlândia</i>	93
Considerações Finais	106
Referências Bibliográficas e Fontes	110
Anexos	124

Introdução

O presente trabalho tem por objetivo a análise do Movimento da Renovação Carismática Católica em Uberlândia, Minas Gerais. Enquanto Movimento Religioso integrante do Catolicismo Contemporâneo, a RCC nos permite entender não apenas as crenças que norteiam essa ‘nova’ forma de espiritualidade, mas todo um processo histórico pela qual a Igreja vem passando desde meados dos anos 1960, que incluiu tanto o surgimento da Renovação quanto a realização do Concílio Vaticano II.

O tempo histórico fora delimitado entre 1977, ano da chegada do Movimento em Uberlândia e também por ser o ano de transição entre os Bispos da Diocese, e 2014, uma vez que a abordamos elementos contemporâneos do Carismatismo e analisamos grupos e suas atuações hoje.

Ao trabalharmos o Movimento conceitualmente, partimos da ideia de Koselleck, que em seu livro *Futuro e Passado*, escreve:

Sem conceitos comuns não pode haver uma sociedade e, sobretudo, não pode haver unidade de ação política. Por outro lado, os Conceitos fundamentam-se em sistemas político- sociais que são, de longe, mais complexos do que faz supor sua compreensão como comunidades linguísticas organizadas sob determinados conceitos-chave.¹

Doravante a ideia de que, ao estabelecermos conceitos, produzimos possibilidades de conhecimento que vão além da linguística, buscarei entender os possíveis distanciamentos e aproximações com o pentecostalismo protestante que a juventude católica produziu com o Movimento ao longo das últimas décadas, mesmo não sendo um objetivo de fato.

Assistimos desde o final do século XX e início do XXI um processo de mudanças que sensibilizam o imaginário e sugerem alterações nas crenças, sejam essas de cunho religioso ou teórico-científico, levando à busca por novos paradigmas de leitura e análises.

Partindo do ponto de vista da Sociologia da Religião são várias as reformulações e diversos teóricos, dos quais podemos destacar: Durkheim, Roger Caillois, Weber e Gramsci. Tais autores destacam a religião enquanto referência à compreensão do

¹ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro e Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006, p. 98.

desenvolvimento das sociedades humanas. Dessa maneira é pertinente tomar como apoio as reflexões que esses teóricos desenvolveram em torno do fenômeno religioso.

Durkheim chama atenção para o cuidado, ao trabalhar com essa temática, de libertar nosso espírito de qualquer ideia preconcebida. Posto isto, nos leva a entender a preocupação peculiar do positivismo quanto à questão da neutralidade. De qualquer modo, isto não representa empecilho à busca de uma compreensão do objeto em estudo.

Para ele, as crenças religiosas conhecidas supõem uma classificação das coisas reais ou ideais que os homens concebem e que podem ser designadas pelos termos Sagrado e Profano. Neste sentido, não só os deuses ou espíritos se constituem no sagrado, mas também as coisas tomadas como tal. Assim, é necessário distinguir entre o mundo mágico e o religioso. Tanto a magia quanto a religião têm crenças e ritos, porém, são opostas entre si. Para Durkheim os que as distingue é que “[...] as crenças religiosas são sempre comuns a uma coletividade determinada, que declara aderir a elas e praticar os ritos que lhe são solidários.”² Isso implica que o culto religioso seja sempre celebrado coletivamente.

Com base nessas argumentações, Durkheim define religião como “[...] um sistema solidário de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral, chamada igreja, todos aqueles que a elas aderem.”³

Ao tratar as representações religiosas como constitutivas da sociedade, Durkheim é precursor da ideia de que a religião não é simples ilusão. Ao acentuar o lado consensual da religião, ele determina a igreja como o espaço no interior do qual as crenças e as práticas religiosas se articulam e se unem para dar corpo a uma mesma comunidade moral.

De acordo com Caillois, qualquer concepção religiosa do mundo implica a uma distinção do sagrado e do profano. Ambos os gêneros são necessários ao desenvolvimento da vida: um como meio onde ela se desdobra, o outro como a fonte inesgotável que a cria, mantém e renova. “Por muito evoluída ou por muito grosseira que a concebamos, a religião implica o reconhecimento desta força com a qual o homem deve contar.”⁴

² DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália.** Tradução Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996, p. 28.

³ Ibid. p. 32.

⁴ CAILLOIS, Roger. **O Homem e o Sagrado.** Tradução de Geminiano Cascais Franco. Lisboa: Edições 70, 1963, p. 22.

A vida religiosa seria a soma das relações profanas (humanas) com o sagrado. Suas diversas manifestações nos levam à noção da religião enquanto administradora do sagrado, onde as crenças as expõem e os ritos as asseguram na prática. Hubert define isso como a ideia-mãe da religião. “*Os mitos e os dogmas analisam-lhe o conteúdo a seu modo, os ritos utilizam-lhe as propriedades, a moralidade religiosa deriva dela, os sacerdócios incorporam-na, os santuários, lugares sagrados e monumentos religiosos, fixam-na ao solo e enraízam-na.*”⁵

Por sua vez, Weber prevê o declínio da religião. Porém, esta previsão muda de direção na medida em que o eixo da questão se desloca para mudanças no campo religioso, sugerindo a busca de outros paradigmas de leitura e análise do fenômeno religioso.⁶

Ao participar da discussão acerca do fenômeno religioso e da religião, ele rompe com as posições até então discutidas, colocando a religião em destaque, reconhecendo assim, sua autonomia em relação aos processos sociais.

Weber trabalha então com imagens, representações e fins subjetivos, as possibilidades de inovação e de mudança social e interroga sobre o processo de racionalidade instalado, que traduz no plano religioso em “desencanto do mundo” (Entzauberung) - eliminação da magia como técnica de salvação.⁷

Dessa forma, a questão religiosa não pode ser analisada isoladamente, pois integra a ação social explicada no contexto do desenvolvimento das sociedades humanas, como parte do quadro de organização social, político e econômica, que colabora e sofre reflexos da secularização, que pode também variar tal qual outra manifestação cultural da sociedade em seus contextos históricos específicos.⁸

O foco do primeiro capítulo, intitulado Religião e Movimento: aportes teóricos, é a relação entre História, Tempo e Religião. Ao buscar a compreensão desses elementos e, como forma de estabelecer um plano geral do Vaticano II, acabaremos por

⁵ HUBERT, H. Prefácio. CHANTEPIE DE LA SAUSSAYE. **Manual da História das Religiões**. Paris: s/ed., 1904.

⁶ HUBERT, H. Prefácio. CHANTEPIE DE LA SAUSSAYE. **Manual da História das Religiões**. Paris: s/ed., 1904.

⁷ SILVA, Bernadete França Albano. **Grupo de Oração Universitário (GOU) na Universidade Católica de Goiás: uma análise sociológica**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2002, p. 26.

⁸ A secularização não deve ser entendida como um dado natural, mas, antes, como um conceito que pode ganhar configurações variadas. Na época moderna, portanto, o termo ‘secularização’ designa os processos de laicização, isto é, de autonomia em relação à esfera religiosa, que surgiram no Ocidente a partir da dissolução do Feudalismo. Por isso, secularização tornou-se sinônimo de subtração de poder, do saber e do agir social, do controle ou da influência de instituições eclesiásticas ou de universos simbólico-religiosos.

descrever os antecedentes do Concílio, correlacionando duas visões: uma conservadora e outra renovadora. Porém, antes, se fez necessário levantar as ligações entre Tradição e Modernidade no papado, tendo em vista a representatividade que os papas adquiriram nos últimos dois séculos e, em especial, o diálogo estabelecido com o laicato e a juventude como um todo.

De maneira geral, as fontes mais utilizadas nesse capítulo estão todas disponíveis online. No site do Vaticano é possível encontrar a grande maioria, como os vários documentos papais, destacando as Cartas Encíclicas de Pio XI, acerca do Fascismo, do Comunismo e da Ação Católica; os tratados sobre da Questão Social, levantadas por João XXIII, bem como seu discurso na abertura do Concílio Vaticano II e os diálogos travados por Bento XVI e Papa Francisco com os representantes de outras religiões. Além disso, estão disponíveis no site oficial de notícias do Vaticano - Radio Vaticana - o discurso de renúncia de Bento XVI, dentre outros. Importante destacar ainda o Novo Mapa Religioso divulgado pela Fundação Getúlio Vargas, também disponível na web.

No segundo capítulo, cujo título é Catolicismo Carismático: entre a doutrina e a prática, trabalharei as noções básicas do catolicismo no Brasil contemporâneo. De forma ampla, traçarei as bases gerais do Movimento Carismático e sua relação com os jovens, tendo em vista sua massiva participação desde o início do movimento. Além disso, será possível demonstrar distanciamentos e aproximações do Pentecostalismo Protestante com a Renovação, por vezes chamada de Pentecostalismo Católico, e os embates internos da RCC, uma vez que, encontramos dentro do próprio seio católico membros que não apoiam a atuação e os ritos carismáticos. Sendo contra ou a favor, sempre é possível estabelecer relações de como essa renovação está em sintonia com a juventude.

Isso fortalece a compreensão gramsciana do fenômeno religioso, onde o leigo passa a ocupar o lugar do sagrado divinizado e a religiosidade agrava os conflitos ideológicos na estrutura da sociedade.

Segundo Portelli, Gramsci, ao abandonar a trajetória da concepção de religião como universal, desenvolve o conceito de religião popular vista pela ótica política. Ele trata a questão religiosa sob o ponto de vista positivo. Não especula sobre a religião enquanto concepção de mundo, mas, sobretudo, pela norma de conduta prática que

corresponde a cada religião.⁹ Considera que a religião não é um conjunto ideológico homogêneo, mas subdividido:

Toda religião, inclusive a católica [...], é na realidade uma multidão de religiões distintas, frequentemente contraditórias: há um catolicismo dos camponeses, um catolicismo dos pequenos burgueses e dos operários urbanos, um catolicismo das mulheres e um catolicismo dos intelectuais [...].¹⁰

A religião terá, pois, em Gramsci o sentido de concepção do mundo que se manifesta em todas as instâncias de vida, individuais e coletivas, levando o conceito de religião a um sentido laico, secularizado.

Dessa maneira ele define uma “[...] religião do povo, particularmente nos países católicos e ortodoxos, muito diversa da religião dos intelectuais (que são religiosos) e muito diversa, especialmente daquela organicamente sistematizada pela hierarquia eclesiástica.”¹¹

Contudo, parece que tal análise não previu os desdobramentos pós Vaticano II e a concepção gramsciana de Igreja estática é substituída pelo dinamismo do movimento leigo em expansão que, mesmo submetido à disciplina, conquista espaços internos, mantendo acesa a chama da luta da Igreja na sociedade. Podemos levantar também alguns aportes teóricos acerca da relação entre religião e do espaço público e algumas questões para análise.

Dentre as várias fontes utilizadas, podemos destacar o Censo do IBGE de 2010, que possibilitou o levantamento do número de católicos no Brasil nos séculos XX e XXI; o site do Vaticano, com quase todos seus documentos traduzidos e disponibilizados, como por exemplo, o Discurso do Papa João Paulo II aos Responsáveis pelo Movimento Carismático Católico, realizado no vaticano em 1998 e a Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, dentre tantos outros. No que diz respeito à História de Uberlândia e do Catolicismo na cidade, o relato de memorialistas como Tito Teixeira e o Mons. Antônio Afonso da Cunha foram de suma importância, bem como os sites da Diocese, da RCC e, em especial, do Movimento Jovem. Destacam-se também as Orientações Teológicas e Pastorais da RCC, o Documento 53 da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, realizada em Brasília em 1994 e uma entrevista de Dom

⁹ PORTELLI, Hugues. **Gramsci e a questão religiosa.** 2 Ed Tradução Luiz João Galo: revisão Luis Roberto Benedetti. São Paulo: Paulinas, 1984, (Coleção Sociologia e Religião), p. 31.

¹⁰ GRAMSCI, Antônio. **Concepção dialética da história.** Tradução de Carlos Nelson Coutinho. 6 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986, p. 144.

¹¹ GRAMSCI, Antônio. **Literatura e vida nacional.** Tradução e seleção de Carlos Nelson Coutinho, 3 ed. Rio de Janeiro, s/e, 1986, p. 185.

Cláudio Hummes ao Programa Canal Livre, em 2002. Além desses, algumas Apostilas do Ministério de Formação, disponíveis em blogs mantidos por carismáticos.

É interessante destacar como o Movimento faz uso frequente de siglas: RCC, G.O., M.J., M.U.R., entre vários outras. Por parte dos membros, nos é perceptível seu uso como papel identitário e de afinidade entre eles e o Movimento. Por outro lado, parece que a própria Instituição Eclesiástica, também se utiliza desse sistema como forma de aproximação com essa juventude, cujo papel dentro da Igreja cresce a olhos vistos a cada dia. Isso fica evidente, também, no uso que a instituição faz da internet e dos meios midiáticos como um todo. Boa parte de minhas fontes encontram-se disponíveis online, tanto em blogs, mantidos por carismáticos, quanto o próprio site do Vaticano e seu site oficial de notícias.

Em relação à RCC essa abordagem midiática é justificada por sua própria organização, uma vez que, na formação dos líderes carismáticos são utilizados conceitos de marketing. Por outro lado, os empreendimentos do Movimento são organizados como verdadeiras estratégias comerciais. Apesar das manifestações carismáticas surgirem como apelo na disputa de fiéis sobrepondo às motivações religiosas, ou seja, à concorrência religiosa, juntamente com as medidas publicitárias se sobrepõe à dimensão devocional do Movimento Carismático, sua análise mais profunda surge como renovadora da fé católica frente à Modernidade. Dessa maneira, os meios midiáticos devem ser interpretados como instrumentos para a missão evangelizadora, como reforço e propagação da fé, principalmente entre os jovens, contrariando algumas análises que interpretam como simples disputa no mercado das religiões.¹²

Por fim, o terceiro capítulo. Sob o título Movimento Carismático e Juventude, buscarei compreender as representações de juventude com base nas relações estabelecidas entre os jovens e o Movimento Carismático, análise que já se faz presente nos dois capítulos anteriores.

Essa sintonia nos é perceptível ao passo em que interpretamos o Movimento de dentro da Diocese de Uberlândia. Para isso, partimos da análise do chamado Ministério Jovem, uma coordenação que tem por objetivo orientar os jovens dentro do Carismatismo. Com isso, fizemos uma análise do que são os Grupos de Oração,

¹² Tivemos a oportunidade de refletir um pouco mais sobre isso em nossa monografia de conclusão de curso. OLIVEIRA, Michel Angelo Abadio de. **Religião e Contemporaneidade:** um estudo acerca da Renovação Carismática Católica. Monografia (Bacharelado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011. p. 47-49.

conhecidos como células-mãe do movimento. É nele que encontramos a efetiva participação dos jovens e suas formas de evangelização.

O Momento de Reflexão Jovem, criado com essa intenção de aproximar e evangelizar a juventude carismática uberlandense, é um grupo que surgiu por intermédio de jovens casais do movimento Diálogo Conjugal, também proveniente da Diocese. Ademais, foi de extrema importância abordar as práticas dos chamados GOUs, Grupos de Oração Universitários, pois são relevantes no que diz respeito à análise da juventude carismática e seus variados espaços de atuação e evangelização.

As principais fontes utilizadas foram sites do Movimento Carismático, tanto em Uberlândia quanto em nível nacional. Além disso, a Revista O Vagalume, procedente do movimento Diálogo Conjugal é que reserva um espaço para uma coluna exclusiva de e para jovens, a Igreja Jovem.

Por um lado, a inserção de movimentos religiosos no espaço público coloca em xeque o seu caráter laico à medida que converte as instituições públicas em um instrumento religioso, uma vez que, a própria modernidade não deu conta das estruturas de sentido, sendo por onde a religião teria conseguido penetrar e retomado sua influência.

Por outro lado, as conquistas da modernidade são irredutíveis. Dessa forma, fica difícil aceitar a ideia de que a religião conseguirá esgotar as instituições modernas e influenciar a sociedade por meio delas. Assim a religião ficaria à deriva da modernidade.

Contudo, de acordo com Carlos Procópio

[...] se desdobra uma análise para um viés compreensivo e através da experiência de cada contexto de relação entre religião e espaço público, pode-se perceber que o que se está em jogo são novas combinações que são compostas na interação dialética entre visões de mundo diferenciadas. Isso nos permite falar em movimentos, instituições e sujeitos sem ter que excluir um ou outro da análise, pois todos são partes de um mesmo processo de interação.¹³

Essa perspectiva teórica privilegia a hibridização, na qual a relação entre religião e espaço público é entendida em um processo contínuo, onde um influencia o outro e se deixar influenciar. Isso implica que cada um desses elementos pode ser mediador um do outro, permitindo-nos, assim, responder as perguntas que a vida cotidiana demanda.

¹³ PROCÓPIO, Carlos Eduardo Pinto. **Universidade, Formação e Missão: o movimento dos Grupos de Oração Universitários Carismáticos.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora - MG, 2008, p. 11.

Podemos destacar alguns teóricos que pretendem demonstrar como religião e espaço público podem comportar certa aceitabilidade múltipla.

De acordo com Daniele Hervieu-Lèger, ao articular uma dimensão histórica colocada enquanto sucessão de etapas, a modernidade se comporia como um paradoxo, impulsionada pelo progresso científico. Por outro lado, comporia uma dimensão utópica, depositando nesse mesmo progresso a esperança de soluções dos problemas humanos e, ao fazer isso, supre as funções que antes ficavam a cargo da religião. Porém, à medida que tais funções não são totalmente supridas, a religião consegue retomar o seu lugar.¹⁴ Contudo, será que a religião já deixou de estar lá, no seu lugar? A questão, ao meu ver, seria a desinstitucionalização e sua consequente desregulação.

Já Enzo Pace dá ênfase no redirecionamento da religião diante da modernidade, analisada pela ótica da globalização, entendida como um processo onde identidades individuais e coletivas são recompostas o que fragiliza os limites simbólicos das crenças e pertencimentos. Para ele na há um fim da religião, mas a enxerga “*[...] muito visível, seja na esfera pública, seja nas múltiplas formas que assume na biografia concreta de milhões de pessoas em busca de um sentido religioso, fora, à margem ou dentro, das religiões de origem.*”¹⁵ Dessa maneira, a religião assumiria uma dimensão mais individualizada, onde se buscaria emoções e sentidos para além dos limites da tradição.

Peter Beyer também analisa a religião pela via da globalização, contudo, por sua vez, aponta para a privatização da mesma, que não levaria ao seu encolhimento, mas a sua influência pública. Para ele, isso implicou na renovação da influência, entendida como a capacidade da religião de “*[...] tornar-se a fonte de compromisso coletivo, de tal forma que o afastamento de suas normas reduzem em negatividade tanto para os que aderem a ela quanto para os que não aderem.*”¹⁶

¹⁴ HERVIEU-LÈGER, Daniele. Secularización y modernidad religiosa, 1987, p. 224-225 apud PROCÓPIO, Carlos Eduardo Pinto. **Universidade, Formação e Missão: o movimento dos Grupos de Oração Universitários Carismáticos.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora - MG, 2008, p. 12.

¹⁵ PACE, Enzo. Religião e Globalização. In: ORO, Ari Pedro; Steil, Carlos (orgs.). Globalização e Religião, 1997, p. 32 apud PROCÓPIO, Carlos Eduardo Pinto. **Universidade, Formação e Missão: o movimento dos Grupos de Oração Universitários Carismáticos.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora - MG, 2008, p. 16.

¹⁶ BEYER, Peter. A privatização e a influência pública da religião na sociedade global. In: FEATHERSTONE, Mike (org.). Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade, 1998, p. 395 apud PROCÓPIO, Carlos Eduardo Pinto. **Universidade, Formação e Missão: o movimento dos Grupos de Oração Universitários Carismáticos.** Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora - MG, 2008, p. 18.

No Brasil podemos destacar alguns teóricos que também estão preocupados com a análise da religião em relação ao espaço público, direcionando-a para o processo de hibridização constitutiva do fenômeno religioso.

Emerson Giumbelli está interessado em relativizar a ideia de religião como uma esfera adaptativa da sociedade moderna. Ele afirma que ela reflete e condiciona a constituição moderna, reconhecendo nela ao mesmo tempo em que a reconhece. Tal esfera é fundamentada em pressupostos respaldados religiosamente, relativizando “[...] duas instâncias eleitas [para a] modernidade como essenciais: a objetividade da natureza e a autonomia da humanidade.”¹⁷

Já Marcelo Camurça busca a articulação entre secularização e reencantamento na análise dos fenômenos religiosos, visto que os movimentos religiosos que surgem no cotidiano da vida moderna traduzem no interior do indivíduo um sentido de totalidade religiosa. Ele vê a necessidade de “[...] recolocar a questão do lugar da religião na modernidade, de forma a buscar mediações que (...) articulem moderno e sagrado.”¹⁸

Numa mesma perspectiva, Patrícia Birman busca compreender as condições em que as crenças são formadas. Para ela, “[...] há, pois, uma configuração dada pelo campo religioso que supõem o exercício de ‘escolhas’, mas é preciso compreender o sentido que estas assumem e não supor a priori que estamos em presença de sentido plenamente solidários com aqueles provenientes de uma visão moderna de indivíduo.”¹⁹

Para se compreender tais aspectos, é interessante destacar o conceito de campo religioso proposto por Bourdieu e sintetizado por Sérgio Miceli como sendo:

[...] campo de forças onde se enfrentam o corpo de agentes altamente especializados (os sacerdotes), os leigos (os grupos sociais cujas demandas por bens de salvação os agentes religiosos procuram atender) e o ‘profeta’ enquanto encarnação típica do agente inovador e revolucionário que expressa, mediante um novo discurso e por uma nova prática, os interesses e reivindicações de determinados grupos sociais.²⁰

O campo religioso é, portanto, o lugar onde se pensam as relações entre os homens através de símbolos religiosos e suas representações. E, de acordo com essa perspectiva, considerando que o Movimento de Renovação Carismática da Igreja

¹⁷ GIUMBELLI, Emerson. **O fim da religião**. São Paulo: Attar, 2002, p. 418-419.

¹⁸ CAMURÇA, Marcelo. Secularização e reencantamento: a emergência dos novos movimentos religiosos. **BIB**, n.56, 2003, p. 65.

¹⁹ BIRMAN, Patrícia. Modos periféricos de crença. In: SANCHIS, Pierre (org.). **Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural**. São Paulo: Loyola, 1992, p. 175.

²⁰ MICELI, Sérgio. A força do sentido. Introdução à **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectivas, 1982, p. 25.

Católica possui como essência a participação leiga, sendo assim, esses os agentes transformadores dessa nova realidade social e religiosa.

Capítulo I - Religião em Movimento: aportes teóricos

A religião sempre esteve em movimento! Enquanto elemento social, assim como os vários outros, a religião é parte pulsante da vida em sociedade. Erroneamente, apesar de muitas pesquisas contemporâneas em contrário, ainda tem-se atribuído à religião uma visão estagnada, retrógrada e até mesmo superada, frente às transformações e mudanças de um mundo cada vez mais acelerado. Contudo, ao buscarmos *in loco* seus vários agentes, percebemos quão viva ela está. Estamos de acordo com Mata de que “*os sistemas de crenças, seitas e igrejas não refluíram ante o avanço da ciência e da racionalização. A ilusão religiosa passou a se servir, e cada vez mais, da técnica, de forma a ampliar sua influência. O mundo não foi desencantado.*”²¹

Mas o que seria esse desencantamento? Seguindo a perspectiva weberiana da tradição judaica, de racionalização e recuo da magia, o mundo fora apenas desencantado. Porém se tomamos o conceito entendido apenas como sinônimo de ‘menos religião’, ai sim ele nunca foi desencantado.

Contudo, se por um lado podemos afirmar que o mundo não fora desencantado²², partindo das proposições de Stefano Martelli, por outro, percebemos suas consequências; apreendemos que “*o preço pago pela manutenção da religião (e das instituições religiosas) nas sociedades contemporâneas parece ter sido também, em grande medida, o do enrijecimento e o da indisposição crescente para o diálogo.*”²³ Verificamos tal ‘endurecimento’ trazendo alguns exemplos de nossa história recente, como o papel central desempenhado pela religião no atentado terrorista às torres gêmeas do World Trade Center em 2001; a crise diplomática entre Dinamarca e alguns países, entre eles Egito, Irã, Paquistão, Arábia Saudita e Turquia, devido à publicação de caricaturas de Maomé por um jornal conservador, o que fora considerado ofensivo pela comunidade mulçumana. No Brasil, constatamos diversos casos de intolerância

²¹ MATA, Sérgio da. **História e Religião**. Belo Horizonte: Autêntica. 2010, p. 12.

²² Para Weber, existem dois tipos ideais de religião, o tradicional e o racionalizado. O catolicismo tradicional é o fundamento religioso baseado nos costumes e legitimado pela tradição, diferente do racionalizado, cujos valores e concepções estão ‘à parte’ e sua relação com a sociedade – já secularizada – é distante, problemática e tensionada.

²³ MATA, Sérgio da. **Op., Cit.**, 2010. p. 12.

religiosa, especialmente de igrejas neopentecostais contra religiões de matriz africana, como a Umbanda e o Candomblé.²⁴

De todo caso, as variedades contemporâneas de experiência religiosa não se resumem a produzir conflitos. E um dos principais aliados têm sido os meios de comunicação em massa. Podemos exemplificar os gigantescos funerais de João Paulo II e do aiatolá Khomeini e a popularidade de figuras kadercistas, como Chico Xavier. Como bem explicitou Huston Smith,

a religião exibe a mais vil das expressões a muitos olhos contemporâneos. Preconceitos de grupo, violência perpetuada em seu nome, sexismo, mercantilismo e charlatanismo – tais aspectos brutais frequentemente nos deixam cegos para a sabedoria libertária subjacente. Admitimos que nem todos os aspectos dessas tradições de sabedoria sejam eternamente judiciosos.²⁵

O grande catalisador desse carisma religioso têm sido os meios de comunicação em massa, principalmente entre protestantes e católicos. Testemunhamos hoje no Brasil não só uma multiplicação da mídia religiosa, mas uma transparente ‘confessionalização’ de algumas das principais redes televisivas brasileiras, como a Rede TV, Bandeirantes e Rede Record.

Essa ideia também pode ser encontrada na análise do Movimento Carismático Católico. Nele encontramos os pontos centrais dessa ideia, principalmente no que se remete à adaptação a essa nova visão do religioso na contemporaneidade. Os dois principais traços são a mídia, como veículo de propagação da fé e a ‘disputa do mercado religioso’ com as novas denominações religiosas, principalmente Pentecostais.

A RCC muitas vezes é interpretada e aproximada junto ao Pentecostalismo, como uma disputa de mercado com as denominações religiosas pentecostais protestantes que proliferaram no país frente a esse enrijecimento, resultado da manutenção da religião na contemporaneidade.

Essa hipótese de ‘disputa de mercado religioso’ é caracterizada principalmente entre católicos e as denominações pentecostais como as Igrejas Universal do Reino de Deus e Internacional da Graça e motivada a partir do número de membros e das horas disponíveis na mídia. Em relação à RCC essa abordagem é justificada por sua própria organização, uma vez que, na formação dos líderes carismáticos é utilizado conceitos de

²⁴ Ver: FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios: interpretações sociológicas do pentecostalismo**. 2^a ed. Petrópolis: Vozes, 1994 p. 70.

²⁵ SMITH, Huston. *The World's Religions*. San Francisco: Harper San Francisco. 1991, p. 387 apud NOVAK, Philip. **A Sabedoria do Mundo**. Rio de Janeiro: Record; Nova Era, 1999. p. 15.

marketing. Por outro lado, os empreendimentos do Movimento são organizados como verdadeiras estratégias comerciais. Dessa maneira, as manifestações carismáticas surgem como apelo na disputa de fiéis sobrepondo às motivações religiosas, ou seja, a concorrência religiosa, juntamente com as medidas publicitárias se sobrepõe à dimensão devocional do Movimento Carismático.

Contudo, quando visto ‘por dentro’ o Movimento Carismático nos dá outra visão. Ele surge como renovador da fé católica frente essa sociedade ‘pós-moderna’, e só aparentemente secularizada, uma vez que, os traços religiosos ainda se fazem presentes. No caso católico, a RCC é o exemplo perfeito, ao lado das denominações pentecostais protestantes, de como a religião se adaptou a esse novo mundo, valendo-se dos próprios elementos dessa sociedade para se manterem no cenário. Ela usa vários veículos de propagação da fé católica. No caso brasileiro, o mais expressivo é, com toda certeza, a Comunidade Canção Nova que nasceu por volta de 1976 tendo como fundador monsenhor Jonas Abib. Hoje ela possui como explicitado em seu site:

(...) o Sistema Canção Nova de Comunicação abrange diferentes mídias que, como a figura da Santíssima Trindade, se completam seguindo uma linha única de apostolado. São elas: Revista, Rádio (AM e FM), TV, Portal, WebTV e Mobile (...).²⁶

Todos esses recursos são interpretados como instrumentos cruciais para a missão evangelizadora. A TV Canção Nova, por exemplo, possui um conteúdo totalmente diferenciado. “A grade de programação não tem vínculo algum com anunciantes, o que reforça sua autonomia para selecionar as informações mais apropriadas para seu público-alvo.”²⁷

Essa Evangelização que se dá por meios das mídias eletrônicas atinge, em maior escala, a juventude carismática, objeto central dessa análise. A Rede Canção Nova possui uma grade que também é voltada para o público infanto-juvenil, expressada no programa ‘Bem da Hora’.

Exibido de segunda a sexta-feira às 17h30 (exceto as quintas) e reprisado aos sábados, às 11h00, os apresentadores apresentam jogos, curiosidades e musicais de forma descontraída e dinâmica, além de contarem com bailarinos da Companhia de Artes Canção Nova animam a atração com coreografias.

²⁶ Meios de comunicação. Disponível em: <http://comunidade.cancaonova.com/meios-de-comunicacao>
Acesso em: 06/07/2014 às 15:37.

²⁷ Idem.

Apresentada por missionários da Comunidade Canção Nova, a atração tem o objetivo de promover a evangelização entre os adolescentes por meio de uma linguagem adequada à faixa etária deles. Ao longo da edição, são exibidos quadros especiais sobre temas relacionados à juventude, “sempre com conteúdos inteligentes, atuais e sadios para ajudá-los a discernir o caminho a seguir guiados pelos ensinamentos de Jesus.”²⁸

Dessa forma, percebemos como a mídia é utilizada como reforço e propagação da fé, contrariando algumas análises que interpretam como pura e simples disputa no mercado das religiões. Seria isso uma atualização da religião ou sua persistência na modernidade? Imprescindivelmente, as práticas mágicas persistem com o mesmo vigor, como por exemplo, nos ritos do Movimento Carismático. Para Mata, “*o que define a religião de massas no mundo contemporâneo é, em grande medida, a sua dimensão terapêutica. A ‘salvação’ deve dar-se aqui e agora – por meio da cura.*”²⁹

O fenômeno religioso possui uma imensa gama de possibilidades. Dado isso, devemos assumir um conceito amplo e versátil de religião. Para além da teoria, tal conceito deve ser adaptável a uma sociedade pluralista. Cabe ao historiador expressar a especificidade enganosa de qualquer explanação simplista de religião.

1.1 História, Tempo e Religião

É perceptível como o campo religioso contemporâneo é complexo. As grandes religiões universais comprovam tal vitalidade, ao passo que o sistema religioso de pequenas comunidades e grupos étnicos por todo o mundo tenham sido adulterados por completo. Os contatos culturais se expressam também por meio de formas de religiosidade que poderíamos chamar de ‘leigas’, à exemplo da RCC.

Partindo de uma historiografia reflexiva e crítica acerca do religioso, não se pode ter a presunção de dizer o que, ou em que, as pessoas devem acreditar ou não. Acima de qualquer outro campo de pesquisa histórica, o campo religioso deve-se recusar a construção de análises a partir de juízos de valor. De acordo com Gomes, “*poderíamos falar aqui numa espécie de ‘dever’ de autocontrole científico. Trata-se de um preceito que a literatura mais recente tem designado ‘agnosticismo metodológico’.*”³⁰

²⁸ Disponível em: <http://tv.cancaonova.com/programa-jovem-aborda-a-campanha-da-fraternidade>. Acesso em: 06/07/2014 às 16:10.

²⁹ MATA, Sérgio da. **História e Religião**. Belo Horizonte: Autêntica. 2010, p. 15.

³⁰ GOMES, Francisco José Silva. A religião como objeto da história. In: LIMA, L. L.; CIRIBELLI, M.; HONORATO, C. T.; SILVA, F. C. T. (Orgs.) **História & Religião**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002, p.13-24.

Contudo, uma pesquisa que objetiva-se ser científica, baseando-se além de seu rigor, deve estar pronta para a reavaliação e aperfeiçoamento constantes de seus pressupostos teóricos. Principalmente a história das religiões, cujo objetivo não é estar embasada nos discursos que a religião faz de si mesma, sendo esse, apenas mais um dos vários discursos encontrados.

Antes de qualquer coisa, deve-se ter em vista o distanciamento presente em relação à teologia, tendo em mente que essa não se insere no campo teórico metodológico adotado como perspectiva dessa análise, uma vez que o foco seja o homem, e não o sagrado. Além disso, a história das religiões, em relação à história eclesiástica (perspectiva teológica), se distancia ao passo em que a primeira é, enquanto disciplina, autônoma; seu objeto é multicultural e possui uma forma agnóstica de análise.

Outro ponto que merece ser exposto é a relação entre religião e historiadores. Muitas vezes ela é vista como algo que pertence ao passado, cujo contexto está ligado ao atraso. Além, claro, do distanciamento que é pregado entre religião e o advento da modernidade, há o risco de redução da sua importância em um passado remoto. Obviamente, um pequeno esforço investigativo, ou até mesmo de reflexão, nos revela o equívoco dessa análise. O grande objetivo é justamente adentrar nesse campo onde a mentalidade nos pareça errada, ou simplesmente nos é desconhecida.

Mas o que é o fenômeno religioso? Como deve ser analisado? Tais questões são centrais no que diz respeito à pesquisa histórica religiosa. Nas palavras de Mata

é a força capaz de gerar efeitos sociais concretos, de regular com maior ou menor êxito uma conduta de vida, de moldar com maior ou menor sucesso algumas das estruturas de pensamento por meio das quais apreendemos e nos relacionamos com o mundo. Pois se há uma coisa que as religiões demonstram, desde sempre (algo que um marxismo dogmático nunca pôde admitir), é a efetividade histórico-social das ideias.³¹

Não diferente, a RCC busca moldar seus participantes em relação à conduta pessoal e social, bem como a forma de pensar e agir perante determinadas situações frente a uma sociedade cada vez mais secularizante. Exemplo disso, são suas posições contra o aborto e a utilização de células-tronco embrionárias em pesquisas genéticas.

Evitando qualquer tipo de simplificação, além de um conhecimento aprofundado e amplo do objeto, não se pode desqualificar o trabalho dos pesquisadores que mantêm

³¹ MATA, Sérgio da. **História e Religião**. Belo Horizonte: Autêntica. 2010, p. 22.

proximidades em relação à religião. Apesar do distanciamento entre história e teologia, não se deve dar as costas aos teólogos, devido ao rico diálogo que pode ser estabelecido.

Para entendermos toda a complexidade do fenômeno religioso, não devemos nos reduzir exclusivamente a termos como fé ou santificação, por exemplo. Trata-se mais do que isso, trata-se de política e sociedade, economia e sexualidade... Existira assim uma ética histórica das religiões? Um lugar onde o homem se relacione com o tempo e processo histórico? Para além das possibilidades da história, não é nosso objetivo trazer à tona a relação que existia entre crenças religiosas e representações temporais nos primórdios da humanidade.

Mesmo não sendo a proposta desse estudo, não devemos negar a importância da história comparada das religiões. Apesar disso, deve-se escapar da armadilha que é a ideia de estágios evolutivos da religião. Contudo, uma das grandes contribuições dela foi o fato de constatar o *mito* como estrutura elementar, presente em todas as religiões e visões de mundo.

Geralmente tal representação se estrutura doravante a relação - ou oposição - entre sagrado e profano. Por conseguinte, outras categorias do pensamento humano, como tempo e espaço, refletem em tal relação como sendo realidades não homogêneas. Seria, por exemplo, determinados espaços constituídos enquanto elevados, conferidos com demasiado capital simbólico. Seu inverso seriam os espaços associados ao perigo e ameaça. Dessa forma, tais realidades aparecem distintas e o mito como o tempo no qual todos os outros parecem ‘desbotados’. Para o filólogo alemão Hermann Usener, o tempo do mito é um tempo ‘sagrado’. Isso implica dizer que o mito recoloca o homem em contato com tempo originário, rompendo com a simples duração do tempo cotidiano, da vida. Apesar de que, nas sociedades cuja mentalidade está dominada pelo mito prevalecer uma condição a-histórica, não há sociedade humana sem história.

Contudo, uma questão paira no ar. O que significou o surgimento do monoteísmo para nossa concepção de tempo? A primeira compreensão humana no que diz respeito ao monoteísmo remete ao deus único de Israel. Apesar de ser tido como o mais poderoso, Javé não intenciona ser o único, uma vez que, ao atestar que “*Fará justiça contra todos os deuses do Egito*”³², demonstra que o judaísmo primitivo tratava-se de uma monolatria e não monoteísmo.

³² “Naquela mesma noite passarei pelo Egito e matarei todos os primogênitos, tanto dos homens como dos animais, e executarei juízo sobre todos os deuses do Egito. Eu sou o Senhor!” *Êxodo 12:12*. Disponível em http://www.bibliaon.com/exodo_12/. Acesso em 07/08/2013 às 18:10.

Divergências hermenêuticas à parte, é notável que o profetismo judaico, diferentemente das anteriores concepções de tempo, estabelece uma concepção linear e universal de tempo. Será em Isaías que Javé aparecerá como senhor absoluto da história³³ e do próprio tempo³⁴. A partir disso, a profecia surge como o oposto do mito, devido à importância central que os profetas assumem enquanto orientação para o futuro e não com o olhar para o eterno retorno.

Contudo, devemos perceber a importância da memória no que diz respeito ao sentido de História presente na religião. Tal ideia está presente no Livro do Deuteronômio, cujo olhar antes posto no futuro, desloca-se pouco a pouco para o passado, lugar esse que privilegia o rito e a escritura em razão da memória coletiva.

O segredo da revolução introduzida pelo judaísmo nas concepções humanas de tempo está precisamente nessa inextinguível tensão entre a força essencialmente conservadora do cânone e a energia revolucionária da profecia. Uma aponta para o passado, a outra para o futuro. A perspectiva temporal se dilata em ambas as direções. E o tempo, antes mera duração, se torna História.³⁵

Mas qual é a relação existente entre Cristianismo, tempo e sentido da história? Para além de uma reflexão, “*sob determinados aspectos, o problema do tempo constitui o elemento central da autoconsciência do cristianismo.*”³⁶

Por outro lado, como explanado anteriormente, a tradição judaico-cristã levou ao rompimento de como tempo e história eram compreendidos nas civilizações arcaicas. Segundo Reis, “*os sistemas arcaicos são profundamente anti-históricos: desvalorizam a experiência temporal, recusam a sua irreversibilidade e procuram viver em um eterno e sagrado presente.*”³⁷

Podemos estabelecer outras relações no que diz respeito à experiência de tempo na História. De acordo com Giorgio Agamben, “*toda concepção de história é sempre*

³³ “Quem despertou o que vem do oriente e o chamou em retidão ao seu serviço, entregando-lhe nações e subjugando reis diante dele? Com a espada ele os reduz a pó, com o arco os dispersa como palha.” Isaías 41: 2. Disponível em http://www.bibliaon.com/isaias_41/. Acesso em 07/08/2013 às 18:15.

³⁴ “Desde o início faço conhecido o fim, desde tempos remotos, o que ainda virá. Digo: Meu propósito permanecerá em pé, e farei tudo o que me agrada.” Isaías 46:10. Disponível em http://www.bibliaon.com/versiculo/isaias_46_10/. Acesso em 07/08/2013 às 18:21.

³⁵ MATA, Sérgio da. **História e Religião**. Belo Horizonte: Autêntica. 2010, p. 29.

³⁶ PATTARO, Germano. A concepção cristã do tempo. In: RICOER, Paul (Org.). **As culturas e o tempo**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Edusp, 1975. p. 197.

³⁷ REIS, José Carlos. **Tempo, história e evasão**. Campinas: Papirus, 1994. p. 145 apud ROCHA, Daniel. **Venha a nós o vosso Reino**: relações entre escatologia e política na história do pentecostalismo brasileiro. São Paulo: Fonte Editorial. 2012. p.31.

*acompanhada de certa experiência do tempo que lhe está implícita, que a condiciona e que é preciso, portanto, trazer à luz.”*³⁸

Também os gregos dispunham de uma visão da história que favorecia o eterno, onde esse era cílico, onde tal movimento garantiria a manutenção das coisas através continuo retorno. Para Platão o tempo seria medido pela revolução cíclica das esferas celestes, definindo assim a eternidade: “*Então, pensou em construir uma imagem móvel da eternidade quando ordenou o céu, construiu, a partir da eternidade que permanece uma unidade, uma imagem eterna que avança de acordo com o número; é aquilo a que chamamos tempo.*”³⁹ A visão temporal circular do Helenismo nos é apresentada por Pattaro como que:

incapaz de escapar a seu próprio movimento, o tempo é prisioneiro dum círculo sem saída. O homem e as coisas se movem nesse tempo sem fim nem significado possível. Segundo semelhante concepção, o futuro não constitui uma libertação e, por conseguinte, essa libertação não se realiza como passagem do passado ao futuro, mas sim do ‘aqui’ ao ‘alhures’. Em consequência, é mister voltar-se para a ascensão mística, de tipo espacial, onde o ‘alhures’, o local da libertação, se situa ‘além’ e fora do ‘tempo’.⁴⁰

Aristóteles também parte do princípio de que o tempo é circular e, consequentemente, sem direção. Seria um continuum, pontual, infinito e quantificado. Essa continuidade seria garantida pela sua divisão em instantes (continuidade do tempo). O Tempo é o *Aion*⁴¹:

Visto que o instante é, simultaneamente, fim e início do tempo, não da mesma porção dele, mas fim do passado e início do futuro, assim como o círculo é no mesmo ponto côncavo e convexo, da mesma maneira o tempo estará sempre prestes a começar e a terminar e, por esta razão, ele parece sempre outro.⁴²

³⁸ AGAMBEN, Giorgio. *Tempo e História: crítica do instante e do contínuo*. In: **Infância e História: destruição da experiência e origem da história**. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2008, p. 113.

³⁹ PLATÃO. **Timeu-Crítias**. Tradução do grego, introdução, notas e índices: Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. Série Coleção autores gregos e latinos. 2011. p. 109.

⁴⁰ PATTARO, Germano. A concepção cristã do tempo. In: RICOER, Paul (Org.). **As culturas e o tempo**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Edusp, 1975. p. 201.

⁴¹ Tempo, duração da vida, eternidade. Para os antigos gregos, o tempo sem seu sentido absoluto, considerado uma divindade nas religiões iniciáticas.

⁴² ARISTÓTELES. **Física**. apud AGAMBEN, Giorgio. *Tempo e História: crítica do instante e do contínuo*. In: **Infância e História: destruição da experiência e origem da história**. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2008, p. 113-114.

Apesar da influência da filosofia grega na teologia cristã⁴³, o cristianismo resguardou sua tradição judaica. Para o cristão, o mundo é criado e deve acabar no tempo, ele tem início (Gêneses) e fim (Apocalipse), seus eventos são únicos, ele não é eterno, nem infinito, contudo possui direção e sentido. O próprio tempo passou a ser contado antes e depois de Cristo, o que o mostra como centro da história. A sobreposição dessa perspectiva linear⁴⁴ se deu a partir da cristianização do Ocidente.

No Cristianismo, a História é cheia de significado, e a realização do fim acontece no mundo, no tempo, na história. Não há uma busca no passado mítico, mas os acontecimentos passados ressignificam o presente e dá esperanças quanto ao futuro. De fato, o Cristianismo “é uma religião da história.”⁴⁵

Já na Idade Moderna, a concepção de tempo estabeleceu-se por uma laicização do tempo cristão retilíneo e irreversível, desassociado de uma ideia de fim e esvaziado de qualquer sentido que não seja o de um processo estruturado conforme o antes e o depois. Para Agamben,

esta representação do tempo como homogêneo, retilíneo e vazio nasce da experiência do trabalho nas manufaturas e é sancionada pela mecânica moderna, à qual estabelece a prioridade do movimento retilíneo uniforme sobre o movimento circular. A experiência do tempo morto e subtraído à experiência, que caracteriza a vida nas grandes cidades modernas e nas fábricas, parece dar crédito à ideia de que o instante pontual em fuga seja o único tempo humano.⁴⁶

⁴³ “A influência do pensamento grego sobre a teologia cristã eliminou os elementos utópicos do seu conceito de tempo. O tempo grego é circular: o fim desemboca no princípio. Sendo vazio de propósito, o tempo é irredimível. O problema, portanto, é transcender o tempo, salvar-se dele na eternidade. Quando tal concepção se amalgamou com a vertente hebraica do pensamento cristão, obteve-se o seguinte resultado. Contra o espírito grego: o tempo tem um início e um fim. Em harmonia com o espírito grego: o propósito do tempo é a abolição do tempo, a entrada na eternidade.” ALVES, Rubem. **Religião e repressão**. São Paulo: Ed. Loyola, 2005. p. 193.

⁴⁴ A posição quanto à linearidade da história como marca da mentalidade cristã não é tão unânime assim. Destaca-se a reflexão de Moltmann: “Permaneceu a concepção de que a revelação escatológica teria imposta a compreensão linear de tempo contra a compreensão cíclica do tempo nas culturas orientadas na natureza. Contudo, a compreensão linear do tempo, que não reconhece mais qualquer diferença qualitativa entre passado e futuro, mas situa as diferentes épocas numa mesma linha de tempo e apenas as diferencia quantitativamente, é uma categoria das ciências naturais, e não uma categoria escatológica.” MOLTMANN, Jürgen, **O espírito de Deus**: escatologia cristã. São Leopoldo: Unisinos, 2003. p. 154.

⁴⁵ DUBY. Georges. **Ano 1000, ano 2000**: na pista de nossos medos. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998. p. 16.

Ver também: LE GOFF, Jacques. Memória. In: História e Memória. Tradução de Bernardo Leitão... [et al.]. - 5ª Ed. - Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003. p.419-476.

⁴⁶ AGAMBEN, Giorgio. Tempo e História: crítica do instante e do contínuo. In: **Infância e História**: destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2008, p. 117.

Em um primeiro momento, a modernização da sociedade fora entendida como sinônimo de secularização, contrapondo a religião ao progresso e ao desenvolvimento social, colocando a racionalização crescente da vida social como causa inevitável de retraimento da religião. Contudo, verificamos hoje que essa é uma visão linear e progressiva da história, pois tal contraponto perde importância frente a uma religião cristã e carismática que seja aberta à ambivalência dos fenômenos sociais e ao reconhecimento da persistência dela na sociedade contemporânea.

A concepção de tempo em Agamben nos ajuda a compreender melhor tais questões, visto que, de acordo com o autor, a cronologia nada explica, só explicita que estamos ligados à história linear e contínua. Não é a razão que nos dá uma compreensão do tempo, há uma experiência de sucessão que é comum a todos, onde tempo e eternidade se comunicam, tornando o instante inteiro e pleno.

A religião, enquanto fator relevante da mutação social e política que está rapidamente mudando o resto do mundo contemporâneo, é entendida em uma nova perspectiva diante dessa nova sociedade. Ela deve ser considerada como um recurso cultural e como forma complexa que escapa à identificação com qualquer instituição religiosa ou com partes do sistema social, cujos símbolos interpretam a nova realidade percebida pelos atores, sem passar diretamente pela religião institucionalizada, pois, de outra forma como explicarmos os ritos carismáticos que incorporaram elementos pentecostais? Contudo, devemos sempre ter em mente que o *instante continuum* não possui sentido linear progressivo da história. Afinal de contas, que progresso fora esse o dos Fascismos?

A História não é essa sucessão previsível de acontecimentos, devemos levar em consideração o Ser dentro do tempo e compreendê-lo no tempo. Mesmo existindo uma temporalidade que não é dada, para Heidegger, o Ser somente se temporaliza à medida que toma consciência do tempo. Em seu pensamento há uma crítica radical da concepção de tempo pontual e contínuo, onde a História supere o historicismo, onde essa aconteça concomitantemente a uma análise temporal que traga uma legítima experiência de tempo. Seu foco deixa de ser o instante pontual e passa a ser o átimo da decisão do Ser, onde o homem não mais cai no tempo, mas existe como temporalização originária.⁴⁷

⁴⁷ HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. 2^a ed. Petrópolis: Vozes; 2007.

Podemos então denominar a sociedade contemporânea como ‘pós-secular’ na qual a ênfase na tendência secularizante é deixada de lado permitindo perceber inúmeros fenômenos de dessecularização, como o crescente números de adeptos das religiões evangélicas (neo) pentecostais, principalmente no Brasil, o que possibilita também reconsiderar o fenômeno religioso na sua globalidade e peculiaridade, sem esquecer a espessura institucional ou esvaziar a dimensão ética dos fenômenos religiosos. Esse instante da História Humana seria, segundo Agamben, o prazer em Aristóteles,

a forma (*eidos*) do prazer - ele escreve na *Ética a Nicômano* - é perfeita (*téleion*) em qualquer momento; e acrescenta que o prazer, diversamente do movimento, não se desenrola em um espaço de tempo, mas é a cada instante um quê de inteiro e de completo.⁴⁸

O prazer é incomensurável no que concerne ao tempo quantificado. Dessa forma, “contrariamente ao que afirmava Hegel, somente como lugar original da felicidade a história pode ter um sentido para o homem.”⁴⁹ A experiência ocidental do tempo, incidida em uma *eternidade e tempo linear contínuo* tem como ponto de divisão o instante. Dessa forma, ainda de acordo com Agamben, a história não é “*a sujeição do homem ao tempo linear e contínuo, mas a sua liberação deste: o tempo da história é o cairós em que a iniciativa do homem colhe a oportunidade favorável e decide no átimo a própria liberdade.*”⁵⁰

Podemos compreender essa relação do tempo em relação à secularização da sociedade a partir da leitura de Vattimo. Em seu livro, *A Sociedade Transparente*, ele escreve que “uma cultura secularizada não é uma cultura que simplesmente deixou para trás os conteúdos religiosos da tradição, mas que continua a vivê-los como traços, modelos escondidos e distorcidos, porém profundamente presentes.”⁵¹ Diferentemente de Vattimo, penso que tais fenômenos devem ser entendidos como de uma sociedades dessecularizada. Dessa maneira, percebemos que a necessidade do sagrado nunca desapareceu totalmente. A tida secularização do mundo moderno não inverteu a ordem sagrada ou a superou, mas criou uma relação de retomada e manutenção, ligando a

⁴⁸ AGAMBEN, Giorgio. Tempo e História: crítica do instante e do contínuo. In: **Infância e História:** destruição da experiência e origem da história. Tradução de Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2008, p. 127.

⁴⁹ Idem. p. 127-128.

⁵⁰ Ibidem. p 128.

⁵¹ VATTIMO, Gianni. La società transparente. Milão: Garzanti. 1989 apud MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna:** entre secularização e dessecularização. Tradução de Euclídes Martins Balancin. São Paulo: Paulinas. 1995.p. 437.

civilização profana às suas raízes judaico-cristãs. A Renovação Carismática é exatamente isso: um Movimento interno do catolicismo que, ao incorporar novas formas do religioso, acabou por resgatar algumas práticas cristãs primitivas, próprios dessa cultura desecularizante.

Essa preocupação em se libertar do tempo também está presente em Nietzsche: “*Considera o rebanho que passa ao teu lado pastando: ele não sabe o que é ontem e o que é hoje; ele saltita de lá para cá, come, descansa, digere, saltita de novo; e assim de manhã até a noite, dia após dia; ligado de maneira fugaz com seu prazer e desprazer à própria estaca do instante, e, por isto, nem melancólico nem enfadado.*”⁵² Mesmo que o intuito do filósofo seja o de questionar o valor e a falta de valor da história, como o objetivo de “*impulsionar a história a serviço da vida!*”⁵³ não podemos deixar de pensar nesse prazer de se viver o instante, sem se preocupar com as questões passadas ou futuras.

Koselleck afirma que na modernidade há um desmembramento inexorável entre imanência (intramundano) e transcendência (extramundano); em outras palavras, um desligar do mundo com o eterno, do sagrado com o profano. Para ele, nessa perspectiva, as filosofias da história possuiriam uma função cultural equivalente à dos sistemas religiosos⁵⁴. Contudo, essa ideia acaba por excluir áreas completas da sociedade contemporânea que não foram influenciadas pelas hipóteses filosóficas. Como aceitar a exclusão de Corpo e Alma, tendo em vista a utilização do corpo enquanto instrumento para receber o Espírito Santo durante os ritos carismáticos dos Grupos de Oração?

A visão mais aprimorada entre religião e modernidade pode ser encontrada em Troeltsch. De acordo com o teólogo alemão, a religião pode ser constada na esfera individual; é ali que ela se mantém, não havendo assim uma irremediável secularização da vida social, ou a sobreposição da imanência sobre a transcendência, o que diverge das ideias defendidas por estudiosos importantes como Weber e Koselleck.

A crise das Igrejas não seria fruto de (...) uma posição especial à religião e às coisas religiosas; pelo contrário, trata-se de uma recusa específica do modelo eclesiástico e uma aversão à forma da Igreja e aos pressupostos da Igreja. A opinião corrente é: a religião não é nada que possa ser exercido em comunidade; nada, em absoluto, que possa

⁵² NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda Consideração Intempestiva**: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003 p. 7

⁵³ Idem. p. 6.

⁵⁴ KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006. p. 183.

ser construído de maneira análoga; ela é uma coisa privada do indivíduo. (...) As causas deste fenômeno indicam, em grande medida, que a vida religiosa está a procurar outros caminhos que não os eclesiásticos.⁵⁵

Apesar de fazer parte de uma religião institucionalizada, o Movimento Carismático privilegia a individualização das práticas, ao passo que coletiviza a experiência espiritual. Cada um desses membros, leigos ou não, são capazes de receberem os Dons.

O termo ‘secularização’ acabou passando por mudanças em seu significado com o decorrer dos séculos, saindo de uma noção eclesiástica para representar um conceito político-judaíco. Como explicitado anteriormente, acabou designando o [suposto] retrocesso da religião frente às ideias profanas de socialização e construção simbólica do mundo. A partir de tal conceitualização, podemos entender que secularização, na verdade, sempre se tratou de um mito.

Se por um lado, modernidade representa a autonomia e legitimação do poder político sobre o religioso (ou eclesiástico), por outro percebemos como a política se valeu dele para se ‘sobrepor’. É o que nos mostra Heinrich Heine, ao observar a França do início do século XIX:

aquele que afirma que o povo francês seria irreligioso porque não crê mais em Cristo e em seus santos, está errado. É antes o caso de dizer que a irreligiosidade dos franceses assenta no fato de que eles, ao invés de deuses imortais, agora acreditam em um homem.⁵⁶

Sem dúvidas, esse homem que substituiu os deuses imortais fora Napoleão. A experiência do sagrado e a noção de ‘salvação’ estão presentes tanto na esfera religiosa, quanto na esfera política. Para isso, o Homem cria seus mitos: do eterno dualismo entre Osíris e Seth à Revolução de Marx, do mito de Nação para Mussolini às musas gregas; da antropofagia dos Tupinambás ao Nacional-Socialismo de Hitler. Aliás, foram justamente os fascismos que inauguraram os mitos políticos modernos.

Os mitos antigos representam a ânsia de fuga da história através do eterno retorno do mesmo; o tempo cíclico que exprimia ao mesmo tempo meio e fim. Ele circunscreve um acontecimento, portando uma potência mobilizadora, ou catalisadora, que acaba por ‘reatualizar’ o passado. Para além de duração, ele é eficácia, o absolutismo da realidade.

⁵⁵ TROELTSCH, Ernst. **Die Soziallehren der chirstlichen Kirchen und Gruppen**. Tübingen, J. C. B. Mohr, 1994 apud MATA, Sérgio da. **Religião e modernidade em Ernest Troeltsch**. Tempo Social, v.20, n. 2. 2008. p. 246.

⁵⁶ HEINE, Heinrich. **Sammtliche Werke - Band 5**. Hamburg: Hoffman und Campe, 1876. p. 270 apud MATA, Sérgio da. **Religião e modernidade em Ernest Troeltsch**. Tempo Social, v.20, n. 2. 2008. p. 80.

Já os mitos políticos modernos buscam ser o combustível que move as engrenagens da revolução. A religião civil norte-americana, a Religião Revolucionária Francesa e a Revolução Xiita no Irã surgem como possibilidades de revoluções político-sociais. Se por um lado a religião política se sobrepõe à religião tradicional, como na Alemanha Nazista (o que não implica em substituição), por outro, como no socialismo real soviético, o mito político busca ocupar as antigas formas de devoção, como um verdadeiro culto à personalidade de Stalin e do ‘panteão de semideuses’ bolcheviques.

Com todo o exposto podemos chegar a importantes conclusões. Primeiro, o poder político acabou por prolongar e não expropriar a religião tradicional, o que nos basta para demonstrar a impossibilidade da secularização. Com isso, não devemos falar também em um ‘retorno do sagrado’, tendo em vista que ele nunca se foi, apenas se adaptou às modalidades profanas. Segundo, o ser humano vive sob a condição religiosa, principalmente no que diz respeito à esfera individual, sem esquecer, claro, das esferas políticas e institucionais. Ela nunca foi abandonada efetivamente, mas substituída por uma nova forma social de religião, persistindo mesmo no sentido não tradicional do termo. Segundo Bernstein e Poiti,

os limites da ideia segundo a qual a religião seria, acima de tudo, uma forma de justificação e manutenção da ordem social tornam-se patentes. A face de Jano da religião fica demonstrada ainda no caso da alta hierarquia da Igreja Católica, dividida entre atuação política subversiva no bloco socialista europeu e o combate à teologia da libertação na América Latina.⁵⁷

Tal ideia fecha, por assim dizer, a frase que iniciou essa discussão. Sim! A religião não é e nunca esteve estática. Talvez, mais do que nunca, hoje ela pulsa nas veias da sociedade. Se por um lado a política ganhou maior centralidade na sociedade moderna, ela o fez modelando o vocabulário e a função do religioso.

O maior exemplo Católico de todo esse processo, que envolve noções de temporalidade, abarcando teorias histórias, teológicas e filosóficas, e que passa por ideias chave como secularização e modernidade, fora o Concílio Vaticano II. Além de demonstrar certa vitalidade da Igreja frente esse mundo moderno, ele nos apresenta vários elementos, externos e internos, que explicita toda a vitalidade da religião, mesmo que institucionalizada.

⁵⁷ BERNSTEIN, Carl; POLITI, Marco. **Sua Santidade: João Paulo II e a história oculta de nosso tempo.** São Paulo: Objetiva, 1996. p. 100.

1.2 Antecedentes do Concílio Vaticano II

O Vaticano II, que durou de 1962 a 1965, institucionalizou mais mudanças do que jamais se havia visto desde o Concílio de Trento, quatro séculos antes. O período anterior desvela uma sociedade repleta de mudanças. Em poucos anos, uma série de fatos acarretaram em grandes modificações que acometeram a humanidade. Desde os pontificados de Pio XI (1922-1939) e Pio XII (1939-1958), a Igreja vinha vivenciando debates e, de certo modo, possibilidades de mudanças, afrontada pela modernidade que acometia principalmente o ocidente cristão. Nas décadas anteriores ao Concílio, vários movimentos promoveram uma volta às fontes e à renovação da consciência eclesial e em aspectos como o campo bíblico, litúrgico e ecumênico. O Vaticano II realiza-se, enfim, como evento e processo; apontando o ser e o agir enquanto Igreja, abrindo novas rotas de diálogo que alcançam os dias atuais.

O Vaticano II fora sem dúvida um marco de suma importância na história da Igreja Católica; um divisor de águas, símbolo máximo do diálogo com a modernidade no século XX. Contudo, para ser mais bem compreendido, se faz necessário entender seus antecedentes históricos. As fases desse processo retornam ao pontificado de Pio X (1903-1914), que lá no início do século dedicou-se à renovação interna da Igreja; reorganizando a curia romana e se preocupando com questões relativas à catequese, formação, evangelização e reforma litúrgica.

Outra via de extrema importância no entendimento da modernidade é o pontificado de Bento XV (1914-1922), que mediou sem sucesso a Primeira Guerra Mundial. Tal processo veio colocar por terra as cruciais competências modernas:

O caos global da guerra (1914-1918) tornou evidente que os principais valores da modernidade estavam em crise: a absolutização moderna da razão, do progresso, da nação e da indústria. A total crença na razão, no progresso, no nacionalismo, no capitalismo e no socialismo fracassara. A Europa estava pagando um preço alto como os movimentos reacionários do fascismo, nazismo e comunismo. Esses movimentos idealizaram de maneira moderna, as raças, a classe, e seus líderes impediram uma ordem mundial nova e melhor. (grifo nosso)⁵⁸

Esse evento encaminhou a revolução global, explícita após a Segunda Guerra Mundial; uma mudança no arquétipo eurocêntrico da modernidade, cujos estigmas eram

⁵⁸ SOUZA, Ney de. Antecedentes e Evento Histórico. In: ALMEIDA, João Carlos, MANZINI, Rosana, MAÇANEIRO, Marcial (org.) **As Janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo**. Aparecida\SP: Editora Santuário. 2013, p. 66.

o colonialismo, imperialismo e capitalismo. A partir de então, surge um novo paradigma: global, ecumônico e policêntrico. Contudo, a Igreja Católica reconheceria isso tarde e em partes.

O pontificado de Pio XI (1922-1939) aconteceu durante um período marcado no entre guerras e, como todo evento, deve ser compreendido dentro de seu próprio tempo. É característico desse período uma humanidade oprimida pela sociedade de massa, diferenças ideológicas, totalitarismos e uma hostilização dos valores da Igreja, como família, moral e a hierarquia. Ele se desenrolou ao mesmo tempo de grandes eventos dramáticos que marcaram para sempre o mundo contemporâneo: fascismo, nazismo e o totalitarismo stalinista. É justamente tal contexto que explicita sua política, marcada principalmente pelos Pactos Lateranenses de 1929 que, dentre outras coisas, reconhecia a total soberania da Santa Sé no Estado do Vaticano.

Tais atividades podem ser mais bem entendidas através de suas encíclicas: *Quadragesimo anno* (1931)⁵⁹, em que retoma as palavras de Leão XIII e reafirma que “*a Igreja é a que aufere do Evangelho a única doutrina capaz de pôr termo à luta, ou ao menos de suavizá-la, tirando-lhe toda a aspereza; é ela que com seus preceitos instrui as inteligências e se esforça por moralizar a vida dos indivíduos*”⁶⁰; a *Non abbiamo bisogno* (1931), onde destaca a importância da Ação Católica “*tanto por su naturaleza y su esencia misma (participación y colaboración del Estado seglar en el Apostolado jerárquico), como por Nuestras precisas y categóricas normas y prescripciones, está fuera y por encima de toda política de partido.*”⁶¹ Podemos destacar também as encíclicas *Mit brennender Sorge*⁶² e *Divini Redemptoris*⁶³, ambas de

⁵⁹ Carta Encíclica de Sua Santidade Papa Pio XI sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social em conformidade com a lei evangélica no 40º aniversário da Encíclica de Leão XIII *Rerum Novarum*. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno_po.html. Acesso em 01/08/2013 às 15:01.

⁶⁰ Carta Encíclica *Rerum Novarum* do Sumo Pontífice Papa Leão XIII sobre a condição dos operários. Nº 13. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum_po.html. Acesso em 07/12/13 às 16:41.

⁶¹ Carta Encíclica Del Sumo Pontífice Pio XI acerca del Fascismo y la Acción Católica. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310629_non-abbiamo-bisogno_sp.html. Acesso em 01/08/2013 às 15:04.

⁶² Carta Encíclica Del Sumo Pontífice Pio XI sobre La situación de la Iglesia Católica em El Reich Alemán. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_14031937_mit-brennender-sorge_sp.html. Acesso em 01/08/2013 às 15:07.

⁶³ Carta Encíclica de Sua Santidade Papa Pio XI sobre o Comunismo ateu. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris_po.html. Acesso em 01/08/2013 às 15:10.

1937, que demonstram as atitudes tomadas pela Igreja perante o Nazismo e o Comunismo.

Pio XI governava a Igreja Católica de modo que sua palavra fosse espalhada pelos membros da Ação Católica⁶⁴, braço da hierarquia e percussores dos movimentos leigos que viriam logo em seguida. O movimento leigo está na base da preparação do Concílio Vaticano II, uma vez que a Ação Católica⁶⁵ levou seus colegiais para dentro da Igreja, ambos com seus problemas e reflexões acerca da modernidade. No Brasil, por exemplo, em 1952, já sob o pontificado de Pio XII, ocorreu a primeira Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), o que estimulou um reformismo católico baseado na juventude, possibilitando o surgimento de várias organizações, entre elas a Renovação Carismática. A atuação do laicato no mundo, principalmente entre os jovens, cujo engajamento assumido perante as ideias políticas refletiram em uma maior participação dentro da própria Igreja e toda sua mentalidade era caracterizada pelos sinais da modernidade.

Seu sucessor, Pio XII, apesar de herdar de seu antecessor uma Igreja fortemente centralizada, suas atividades tomaram outras vias, principalmente em relação com a Alemanha e o Nazismo. Ao buscar seus escritos, nos deparamos com diversas Exortações Apostólicas, Encíclicas e outros documentos em que ele se pronuncia na busca por propostas alternativas aos regimes totalitários. Podemos destacar a Carta Encíclica *Communium Interpretes Dolorum*, para pedir orações públicas para a paz entre os povos, de abril de 1945, onde ele expõe as mazelas pelos quais os povos passam perante a guerra:

Não é, no entanto, fácil, em meio a tanto desarranjo de coisas, enquanto a disposição de muitos ainda permanece agitada de sentimentos de vingança, alcançar uma paz que seja igualmente moderada pela equidade e pela justiça, que satisfaça com fraterna caridade as aspirações de todos os povos e elimine os germens latentes das discórdias e das rivalidades. Consequentemente de modo especial são esses que têm necessidade das luzes celestes, cabendo-lhes o gravíssimo encargo de resolver tal problema, de cujo juízo depende a sorte não apenas de sua nação, mas também de toda a humanidade e das futuras gerações. Por esse motivo pedimos que todos dirijam a

⁶⁴ No Brasil tal incentivo veio por meio da carta *Quamvis Nostra de actione catholica aptius promovendo, de 1935*. No documento, o papa exorta o Cardeal Leme, arcebispo do Rio de Janeiro, a constituir as associações de Ação Católica devido à insuficiência do clero. Ver: **Enchiridion delle Encicliche**. v. 5, Bologna: Dehoniane, 1995.

⁶⁵ Série de movimentos sociais dentro da Igreja Católica que buscavam ampliar sua ação na sociedade, tendo como base a inclusão de alguns setores do laicato, mantendo reformas pastorais e a articulando com setores populares, enquanto instrumento eclesial da reestruturação de suas estratégicas, com base na Doutrina Social da Igreja. Sobre essa questão, ver páginas 25 e 26 de nossa pesquisa.

Deus fervorosas e intensas orações e, particularmente, as crianças durante o mês de maio implorem da Mãe da divina Sabedoria a assistência sobrenatural àqueles cuja sentença deverá decidir a causa de todos os povos. Considerem estes, refletindo atentamente diante de Deus, que tudo o que ultrapassasse os limites da justiça e da equidade, certamente, cedo ou tarde, voltaria com enorme dano para os vencidos e vencedores, pois aí estaria escondida a semente de novas guerras.⁶⁶

Durante seu pontificado, diversos foram os aspectos autoritários, destacando-se sua rejeição às doutrinas evolucionistas, existencialistas e historicistas, além da censura de vários estudiosos e padres operários. Podemos destacar entre seus documentos a *Mystici Corporis*, que trata da identidade e do ordenamento da Igreja, combatendo a nova teologia, tida como libertária, e criticando os membros da Igreja que não a compreendem como um verdadeiro corpo, onde cada um possui sua função. No trecho a seguir, de 1950, ele expõe tal julgamento:

Como membros da Igreja contam-se realmente só aqueles que receberam o lavacro da regeneração e professam a verdadeira fé, nem se separaram voluntariamente do organismo do corpo, ou não foram dele cortados pela legítima autoridade em razão de culpas gravíssimas. "Todos nós, diz o Apóstolo, fomos batizados num só Espírito para formar um só Corpo, judeus ou gentios, escravos ou livres" (*I Cor 12, 13*). Portanto como na verdadeira sociedade dos fiéis há um só corpo, um só Espírito, um só Senhor, um só batismo, assim não pode haver senão uma só fé (cf. *Ef 4, 5*), e por isso quem se recusa a ouvir a Igreja, manda o Senhor que seja tido por gentio e publicano (cf. *Mt 18, 17*). Por conseguinte os que estão entre si divididos por motivos de fé ou pelo governo, não podem viver neste corpo único nem do seu único Espírito divino.⁶⁷

Outra Encíclica de destaque é a *Humani Generis*, que determina sua posição a respeito da moderna teoria evolucionista, também de 1950. Percebemos no trecho abaixo sua aversão ao comunismo e à leitura que os adeptos dessa corrente fazem da teoria evolucionista:

Se olharmos para fora do redil de Cristo, facilmente descobriremos as principais direções que seguem não poucos dos homens de estudo. Uns admitem sem discrição nem prudência o sistema evolucionista, que até no próprio campo das ciências naturais não foi ainda indiscutivelmente provado, pretendendo que se deve estendê-lo à origem de todas as coisas, e com ousadia sustentam a hipótese monista e panteísta de um mundo submetido à perpétua evolução. Dessa

⁶⁶ Carta Encíclica do Sumo Pontífice Papa Pio XII para pedir orações públicas para a paz entre os povos Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_15041945_communium-interpretes-dolorum_po.html. Acesso em 08/01/2014 às 19:49.

⁶⁷ Carta Encíclica do Sumo Pontífice Papa Pio XII sobre o corpo místico de Jesus Cristo e nossa união Nele com Cristo. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi_po.html. Acesso em 01/08/2013 às 16:22.

hipótese se valem os comunistas para defender e propagar seu materialismo dialético e arrancar das almas toda noção de Deus.⁶⁸

Contudo, seus documentos não retrataram a questão social. Seu foco foram as questões relativas ao mundo teológico, o que prejudicou outras atividades e, durante quase todo o seu governo, houvera a forte influência de uma Cúria retrógrada. Estava instaurada uma ‘crise’, o que aumentou a necessidade de se convocar um concílio. De acordo com Ney Souza, até se chegou a fazer pequenos preparativos nesse sentido, mas o estado de saúde do papa, cada vez mais precário, impossibilitou a continuação dos planos.

Tanto o mundo quanto a Igreja almejavam ares de novidades. Apesar de ver com bons olhos as reformas, Pio XII era extremamente prudente. Tinha profunda percepção acerca das mudanças radicais pelas quais se passavam o mundo e da importância, por parte da Igreja, de não perder o contato vital com tal realidade. Para Souza,

sua preocupação, cada vez maior para com uma Igreja envolvida num mundo de agitações e tensões revolucionárias, explica, em parte, por que Pio XII começou a concentrar o governo em suas mãos. Pacelli via na exposição da doutrina da Igreja em face dos muitos problemas do mundo moderno sua missão mais importante. (...) Sua encíclicas, em geral, têm um tom suave e destacam-se pela ausência de condenações pessoais. Uma especial atenção dispensou à questão sobre Maria. Em 1950, proclamou o dogma da Assunção de Nossa Senhora.⁶⁹

Apesar disso, podemos perceber que, dentro desse processo histórico que era gerado, a tendência tridentina foi perdendo força e foram sendo colocados os pilares do diálogo com a modernidade e o laicato. Diálogo esse que teve como evento maior o Vaticano II, ‘concílio da modernidade’, que teve como grande objetivo, reconciliar a Igreja com o mundo moderno. O próprio João XXIII virá afirmar posteriormente, que os preceitos Tridentinos ainda se faziam presentes na modernidade.

Em outubro de 1958 faleceu Pio XII, após uma longa enfermidade. O conclave que se reuniu naquele mesmo mês elegeu como sucessor de Pacelli o Cardeal Angelo Roncalli, Patriarca de Veneza, que adotou como nome João XXIII. Desconhecido do

⁶⁸ Carta Encíclica do Sumo Pontífice Papa Pio XII sobre opiniões falsas que ameaçam a doutrina Católica. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis_po.html. Acesso em 01/08/2013 às 16:25.

⁶⁹ SOUZA, Ney de. Antecedentes e Evento Histórico. In: ALMEIDA, João Carlos, MANZINI, Rosana, MAÇANEIRO, Marcial (org.) **As Janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo.** Aparecida\SP: Editora Santuário. 2013, p. 69-70.

grande público, sua escolha foi recebida com grande surpresa. Parecia mais um daqueles papas de transição, devido, principalmente, à idade avançada do cardeal, 77 anos. Podia-se esperar dele a abertura e compreensão das necessidades do mundo moderno? Teria sido uma aliança entre cardeais conservadores e progressistas? Tal conclave pode ser entendido como ‘alternativa para a falta de alternativas’ na escolha papal. Tendo em vista seu anonimato e sua idade avançada, nos leva a creditar que tal ideia é, no mínimo, aceitável.

Logo, as surpresas vieram. Não só por sua simpatia, ou pela ‘jovialidade’ que apresentava, mas por seu projeto: convocar um concílio. O anúncio veio três meses após ocupar a Cátedra de São Pedro, em 1959, depois de uma missa na ‘Basílica de São Paulo Fora dos Muros’, ao revelar a intenção de iniciar uma reforma ampla da Igreja durante seu pontificado, por meio de um Concílio Ecumênico. Muitos cardeais manifestaram preocupação. Uma assembleia internacional com membros do episcopado de todos os cantos do mundo poderia causar mais confusão do que propriamente trazer vantagens. Nesse contexto, é bem provável que Roncalli não tivesse compreendido a transformação que seria tal evento. Quem buscava uma reforma no sistema, não esperava o fim de uma época.

João XXIII explicitou várias vezes as motivações que tivera para convocar um concílio: “*Era necessário limpar a atmosfera de mal-entendidos, de desconfiança e de inimizade, que durante séculos tinham obscurecido o diálogo entre a Igreja Católica e outras Igrejas Cristãs.*”⁷⁰ Contudo, a tarefa essencial do concílio e mais importante contribuição para a unidade por parte da Igreja, seria o programa mencionado pelo papa como *aggiornamento*. Esse termo em italiano, que significa ‘estar em dia’, fora utilizado por João XXIII, se popularizou como expressão do desejo de que a Igreja Católica saísse atualizada do Concílio Vaticano II.⁷¹ A Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia, propõe a participação ativa como forma concreta, ritual e simbólica de entrar em relação, na fé, com o mistério pascal e com a história da salvação. Ela se refere a uma participação interna contraposta a uma participação externa ou à participação dos fiéis na ação realizada pelo clero. Ela buscou “*fomentar a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor as necessidades do nosso tempo*

⁷⁰ SOUZA, Ney de. Antecedentes e Evento Histórico. In: ALMEIDA, João Carlos, MANZINI, Rosana, MAÇANEIRO, Marcial (org.) *As Janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo*. Aparecida\SP: Editora Santuário. 2013, p. 72.

⁷¹ Encyclopédia Católica Popular. Disponível em <http://www.ecclesia.pt/catolicopedia/>. Acesso em 10/07/2013 às 20:35

às instituições susceptíveis de mudança, promover tudo o que pode ajudar a união de todos os crentes em Cristo, e fortalecer o que pode contribuir para chamar a todos ao seio da Igreja.”⁷² Portanto, tratava-se de uma atualização da Igreja, uma inserção no mundo moderno onde o cristianismo deveria fazer-se atuante e presente. Além disso, foi através dela que o concílio renovou a forma litúrgica, repensando as fórmulas, a estética e a espiritualidade litúrgicas, incrementando um sacerdócio comum dos fiéis e a dimensão pastoral do culto.

João XXIII tinha como ponto forte em seus discursos o fato de evidenciar com perfeição as falhas da Igreja e a profunda necessidade de transformação e, diferentemente de clérigos do passado ou de seu próprio tempo, ele via o sinal de força, e não de fraqueza, nessas lacunas. No decorrer do pontificado foram vários os acontecimentos marcantes para a modernidade:

nomeou cardeais de outros âmbitos, não só italianos ou europeus, mas alargou o seu colégio cardinalício com a nomeação de um negro, um filipino, um japonês. Iniciou contatos ecumênicos com o Arcebispo anglicano de Cantuária, o monge protestante de Taizé, Roger Schutz, o patriarca ortodoxo Antenágoras. No aniversário de 80 anos do líder soviético Khruchtchev, enviou-lhe telegrama de felicitações, criando um vínculo de relações com o mundo comunista. Tempos depois, recebeu Alexei Adjubei, diretor do *Isvezstia* e membro do comitê central do partido comunista soviético.⁷³

No decorrer de seu pontificado, também vieram as encíclicas sociais. Primeiro a *Mater et Magistra*, de maio de 1961, ocasião em que ele retomava a atualidade das questões expostas por Leão XIII, em sua *Rerum Novarum*⁷⁴, no que concerne à doutrina e à ação social da Igreja. Ao levantar tal questão, João XXIII enunciou que

poucas vezes a palavra de um papa teve ressonância tão universal, pela profundezas e vastidão da matéria tratada, bem como pelo vigor incisivo da expressão. A linha de rumo ali apontada e as advertências feitas revestiram-se de tal importância, que nunca poderão cair no esquecimento. Foi aberto um caminho novo à ação da Igreja. O Pastor supremo, fazendo próprios os sofrimentos, as queixas e as aspirações

⁷² Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia. Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html. Acesso em 10/07/2013 às 20:40.

⁷³ SOUZA, Ney de. Antecedentes e Evento Histórico. In: ALMEIDA, João Carlos, MANZINI, Rosana, MAÇANEIRO, Marcial (org.) **As Janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo**. Aparecida\SP: Editora Santuário. 2013, p. 73.

⁷⁴ Encíclica escrita pelo Papa Leão XIII em 1891, no contexto da Revolução Industrial. Discutindo as relações entre Estado, Trabalho e Igreja, o pontífice abordava, entre outros aspectos os direitos dos operários, suas condições de trabalho e moradia, porém se posiciona contra o socialismo. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum_po.html. Acesso em 08/01/2014 às 21:06.

dos humildes e dos oprimidos, uma vez mais se ergueu como defensor dos seus direitos.

E hoje, apesar de ter passado tanto tempo, ainda se mantém real a eficácia dessa mensagem, não só nos documentos dos papas sucessores de Leão XIII, os quais, quando ensinam em matéria social, continuamente se referem à encíclica leonina, ora para nela se inspirarem, ora para esclarecerem o seu alcance, e sempre para estimular a ação dos católicos; mas até na organização mesma dos povos. Tudo isso mostra como os sólidos princípios, as diretrizes históricas e as paternais advertências contidas na magistral encíclica do nosso predecessor conservam ainda hoje o seu valor e sugerem, mesmo, critérios novos e vitais, para os homens poderem avaliar o conteúdo e as proporções da questão social, tal como hoje se apresenta, e decidir-se a assumir as responsabilidades daí resultantes.⁷⁵

Depois, em abril de 1963, veio a *Pacem in Terris* que, assim como sua predecessora, modificou o pensamento político da Igreja. Aqui, o pontífice buscou estabelecer o princípio de colaboração mútua entre os homens, como verificado a seguir.

Sendo os homens sociais por natureza, é mister convivam uns com os outros e promovam o bem mútuo. Por esta razão, é exigência de uma sociedade humana bem constituída que mutuamente sejam reconhecidos e cumpridos os respectivos direitos e deveres. Segue-se, igualmente, que todos devem trazer a sua própria contribuição generosa à construção de uma sociedade na qual direitos e deveres se exerçam com solerça e eficiência cada vez maiores.⁷⁶

Contudo, seria uma ingenuidade histórica falar que todo seu pontificado fora inovador. Em vários planos ele mantinha-se limitado às questões conservadoras. Porém é importante destacar que as alternativas colocadas durante seu papado foram tomadas e traduzidas em um enorme diálogo com a modernidade, principalmente em relação à juventude e a apostolado dos leigos.

Foram dois anos de preparação efetiva para o concílio. Foram criadas comissões preparatórias, que representavam 79 países, com 300 bispos, 146 professores, 11 reitores, 44 responsáveis de instituições e 17 diretores de revistas e/ou jornais. Apesar dessa grande manifestação de amplitude, 80% eram europeus. Além disso, era notável a ausência de leigos, inclusive na comissão do apostolado dos leigos. Uma novidade foi a atenção especial que se deu às Igrejas Cristãs. Diferentemente do

⁷⁵ Carta Encíclica de Sua Santidade João XIII sobre a recente evolução da questão social à luz da doutrina cristã. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater_po.html. Acesso em 01/08/2013 às 18:22.

⁷⁶ Carta Encíclica do Sumo Pontífice João XIII sobre a paz de todos os povos na base da verdade, justiça, caridade e liberdade. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_11041963_pacem_po.html. Acesso em 01/08/2013 às 18:25.

Vaticano I, cujo convite se deu como forma de reconhecimento, por partes dessas igrejas, da necessidade de se voltarem ao seio da Igreja-Mãe, no Vaticano II o procedimento fora totalmente diferente. As Igrejas não unidas a Roma foram convidadas como irmãs, com quem a Igreja Católica estava ligada em virtude de sua fé. Destaca-se também a importante atenção que foi dada ao episcopado mundial, uma vez que fora solicitado a todos os bispos e universidades católicas listas de assuntos que deveriam ser tratados.

As comissões e secretariados prepararam 75 projetos. Contudo, questões acerca das transformações culturais da sociedade ocidental, os graves problemas sociais da América Latina e as consequências produzidas pela descolonização sobre a igreja asiática e africana eram praticamente ignoradas, ao passo que prevalecia uma atenção em proteger o centralismo romano e uma reação ao renascimento do modernismo. O concílio não apenas validava, mas criaria o novo perfil da igreja nesse novo mundo.

Diante às transformações do mundo moderno, como o avanço tecnológico, a globalização das economias e o declínio da Europa como centro da civilização ocidental, a Igreja repensa sua postura e se percebe enquanto componente da história, como a instituição que acompanha as mudanças, ao mesmo tempo em que é também, ela própria, a provocadora das transformações sociais.

Nessa ‘abertura de um diálogo’ com o mundo moderno e o ecumenismo⁷⁷, a Igreja se viu na necessidade de construir uma identidade para o católico: jovens, mulheres... Contudo, não foram propostos novos dogmas, mas sim uma reformulação da fé em uma nova linguagem, de maneira compreensível para o fiel. Segundo Weigel João XXIII

(...) imaginava o Concílio como um ‘novo Pentecostes’ (...); “uma grande experiência espiritual que reconstituiria a Igreja Católica” não apenas como instituição, mas sim ‘como um movimento evangélico dinâmico (...); e uma conversa aberta entre os bispos de todo o mundo sobre como renovar o Catolicismo como estilo de vida inevitável e vital’.⁷⁸

Todos esses embates eclesiológicos são encontrados na *Lumen Gentium* (Luz das Nações), quarta e última Constituição Pastoral sobre a Igreja atual aprovada no Vaticano II. Nela centram-se as discussões ligadas a aspectos pastorais e não-

⁷⁷ O termo ecumenismo é usado para os movimentos que, desde o século XIX, almejam a união entre os cristãos de diferentes denominações e igrejas. No caso Católico, o movimento ganhou impulso a partir dos anos 1950, quando observadores católicos foram enviados a uma conferência ecumênica internacional (Conferência de Lund).

⁷⁸ WEIGEL, George. A Verdade do Catolicismo. Lisboa: Bertrand, 2002, p. 45-46.

dogmáticos e nos problemas do mundo atual, como a questão demográfica, a guerra nuclear e as injustiças sociais entre povos e classes. Além disso, nela é demonstrada uma maior tolerância em relação aos progressos científicos por parte da Igreja.

Tal diálogo com esse ‘novo mundo’ e esse ‘novo fiel’ se deu por meio da reforma espiritual, baseado em um Cristianismo mais evangélico e no ecumenismo. Essa busca de uma legitimidade se deu junto às camadas populares⁷⁹ por meio de uma linguagem clara, tanto na sua expressão quanto na sua formulação.

Foi justamente essa ‘opção pelos pobres’, através dessa forma acessível e facilmente assimilável de receber e compreender a palavra de Deus que a Igreja, adaptada à mentalidade moderna, obteve a unidade cristã.

A primeira sessão do Concílio, precedida por João XXIII, se deu em 11 de outubro de 1962, na Basílica de São Pedro. O texto de abertura⁸⁰ desempenhou significativo prestígio e influenciou consideravelmente os documentos conciliares. O ponto central do Concílio seria assim não apenas

uma discussão de um ou outro artigo da doutrina fundamental da Igreja, repetindo e proclamando o ensino dos padres e dos teólogos antigos e modernos, pois se supõe que isso já seja bem presente e familiar. Para isso, não haveria necessidade de um Concílio. Trata-se de uma renovada, serena e tranquila adesão a todo o ensino da Igreja, em sua integralidade, como brilha nos atos conciliares, desde Trento até o Vaticano I.⁸¹

O Vaticano II chegou ao fim com um total de 16 documentos conciliares, entre decretos, constituições e declarações⁸². Entre esses podemos destacar como eixo central a constituição dogmática *Lumen Gentium*⁸³, onde a Igreja busca conhecer-se melhor para renovar-se no espírito de sua missão e origem; e a constituição pastoral *Gaudium et*

⁷⁹ A expressão ‘Camadas Populares’ refere-se aos estratos sociais de baixa renda da população. No entanto, pela abrangência do termo, pode denotar ainda grupos ou camadas sociais que, de média ou alta renda, incluem indivíduos de pouco conhecimento dos dogmas católicos ou sua doutrina e princípios reguladores de conduta.

⁸⁰ “O que mais importa ao Concílio Ecumênico é o seguinte: que o depósito sagrado da doutrina cristã seja guardado e ensinado de forma mais eficaz.” *Gaudet Mater Ecclesia*. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council_po.html. Acesso em 19/08/2013 às 14:58.

⁸¹ SOUZA, Ney de. Antecedentes e Evento Histórico. In: ALMEIDA, João Carlos, MANZINI, Rosana, MAÇANEIRO, Marcial (org.) **As Janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo**. Aparecida\SP: Editora Santuário. 2013, p. 75.

⁸² Para uma leitura dos textos conciliares: *Enchiridion Vaticanum*, vol. 1. Bologna: EDB, 1981.

⁸³ Constituição dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja. Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em 19/08/2013 às 17:53.

*Spes*⁸⁴, onde ela se apresenta ao mundo demonstrando seu empenho em dialogar e contribuir na construção de uma nova sociedade, voltada principalmente para a juventude cristã.

1.3 Vaticano II: uma visão conservadora

Encontramos, como citado anteriormente, uma ótica que foge ao processo renovador do Vaticano II. Liderados pelos bispos brasileiros Antonio de Castro Mayer (1904-1991) e Geraldo de Proença Sigaud (1909-1999), juntamente com o apoio de alguns bispos italianos e latino-americanos, esta ala lutou pela manutenção, pode-se assim dizer, de uma Igreja do século XIX no século XX. Uma Igreja de matriz institucional ultramontana cuja concepção apresentava-se inábil de aceitar as novidades capazes de ameaçar a autoridade da tradição eclesiástica fortemente sedimentada.

Em um concílio ecumênico sempre florescem tensões, disputas e estratégias comuns às assembleias parlamentares modernas e isso já se verificou no século XIX, dado os rumos que o Vaticano I (1869-1870) tomou. No Vaticano II tais disputas se intensificaram. A noção de ‘campo de lutas simbólico-normativas’, empregada por Caldeira, em que duas tendências que disputam espaço num determinado cenário social lutam obstinadamente por certa hegemonia, parece responder adequadamente a essa equidade.

Os bispos minoritários, ligados ao tradicionalismo situado entre o Concílio de Trento e o Vaticano I, eram a favor da irredutibilidade da tradição, baseados em uma Igreja antimoderna, anticomunista e antijudaíca.⁸⁵ Tais elementos aparecem como novos problemas frente a uma Igreja disposta a uma abertura para o mundo, cujos principais defensores eram bispos e teólogos pertencentes à Aliança Centro-Europeia, composta principalmente por eclesiásticos franceses e alemães. Mas o que significa ser antimoderno nesse momento em que a Igreja romana busca uma verdadeira abertura frente à cultura moderna?

O antimodernismo católico se faz presente desde o cisma concebido pela reforma protestante do século XVI. Esse seria o movimento que iria inaugurar o

⁸⁴ Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo atual. Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html. Acesso em 19/08/2013 às 17:54.

⁸⁵ CALDEIRA, Rodrigo Coppe. **Os Baluartes da Tradição:** o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II. Curitiba: CRV, 2011. p. 17.

paradigma moderno, trazendo “transformações substanciais no panorama político-religioso e também nas consciências dos indivíduos [individualização da fé] ao longo dos tempos.”⁸⁶ Além disso, o movimento Iluminista acabou por afligir o Cristianismo, o que acelerou a crise da visão teocêntrica, reconfigurando uma nova ordem, agora mundana, sem a presença da religião. Por fim, veio a Revolução Francesa, tida pelos antimodernistas como o ‘grande satã’ do século XVIII, que gerou um dos frutos mais amargos a serem digeridos pela Igreja no século seguinte: o liberalismo. Cabe atribuir aqui, a devida importância à figura de Pio IX e a publicação do *Syllabus* em 1864 - que condenava ideologias como o panteísmo, naturalismo, racionalismo, indiferentismo, socialismo, comunismo, franco-maçonaria e judaísmo - e à de Pio X no enfrentamento do que se estipulou chamar de ‘modernismo’.

Frente ao avanço da secularização e da laicidade, a alternativa foi uma centralização, o que acabou por levar a um excesso dogmático e uma fixação por não abrir vias de comunicação com as igrejas locais. Dessa forma, as decisões da Cúria Romana acabaram levando a conflitos com vários Estados Nacionais. No Brasil, a formação de um catolicismo antimoderno só foi possível graças à herança dos modelos conservadores do século XIX e início do XX, que construíram sólidas alianças com o poder político. Para Caldeira, “com as mudanças conjunturais que ocorreram com a tomada de poder por Getúlio Vargas, a Igreja passou a uma nova fase na vida pública do país.”⁸⁷

A Igreja Católica inicia o século XX com o desafio de reestruturar sua instituição após o término do regime de padroado, buscando se refundar orientada por e para Roma. Ela muda sua postura em relação à modernidade da sociedade (entendida aqui como os avanços tecnológicos e científicos típicos do novo século e os desafios por eles impostos à ética cristã), condena o socialismo enquanto poder desestruturante da sociedade e muda sua compreensão acerca da questão social.

De acordo com Wellington Silva,

a Questão Social se impôs e o Papa Leão XIII norteou o sentido de uma compreensão da Igreja Católica sobre esse tema. A Carta Encíclica *Rerum Novarum* – Sobre a condição dos operários – principiou a tradição das encíclicas sociais do século XX que cumpriram o papel de matrizes para a interpretação dos católicos seduzidos pela revolução. Essa grande instituição, resistente e

⁸⁶ CALDEIRA, Rodrigo Coppe. **Os Baluartes da Tradição:** o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II. Curitiba: CRV, 2011. p. 93.

⁸⁷ Idem. p. 30.

condenatória das expressões da modernidade e do modernismo, parece compreender o irrecorável e improcrastinável movimento da história. O saudosismo medieval ainda persiste, mas foi vencido pela necessidade de envolver os operários na grande teia de sentidos católica, que os estava perdendo para os sedutores movimentos socialistas.⁸⁸

No século XIX a palavra de ordem do episcopado era ‘Reforma’, seja do clero ou do povo cristão. A partir da terceira década do século XX a preocupação da hierarquia eclesiástica brasileira é a reafirmação da Igreja nesta sociedade. Assim o grande lema do episcopado brasileiro passa a ser ‘Restauração’. Além, claro, da grande euforia religiosa que se segue no período, o papa passa a se preocupar com a influência da Igreja na sociedade moderna. A esse respeito, Diel afirma que

o que se percebe a partir daí é não mais uma Igreja retraída e voltada para si mesma, na amargura, mas, ao contrário, uma instituição que busca efetivamente afirmar-se no mundo, como condição para transmitir aos homens sua mensagem religiosa. A influência política passa a ser vista como instrumento oportuno para a transmissão da fé.⁸⁹

A Restauração se afirma na sociedade brasileira com a divulgação de suas novas ideias através dos Congressos Eucarísticos, principalmente após o Congresso Eucarístico do Rio de Janeiro no ano de 1922, considerado marco inicial de uma nova etapa da vida católica do Brasil. Nas palavras de Azzi, esse período de restauração católica teve como aspectos centrais a) “*a consciência da necessidade de uma maior presença efetiva no âmbito da sociedade brasileira*” e b) “*o empenho por uma maior aproximação e colaboração entre Igreja e Estado.*”⁹⁰

Dessa forma, houve um fortalecimento de um novo tipo de relacionamento entre Igreja e Estado, caracterizado não por uma união, mas por uma colaboração mútua que respeitasse a distinção entre esfera espiritual e temporal. Essa cooperação teria em vista a manutenção da ordem social contra as ameaças em comum: os movimentos de tendência liberais, anarquistas e socialistas.

⁸⁸ SILVA, Wellington Teodoro da. Um percurso no catolicismo brasileiro: tradição e revolução. In: PASSOS, Mauro. (Org.). **Diálogos Cruzados:** religião, história e construção social. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010, p. 278.

⁸⁹ DIEL, Paulo Fernando. A paróquia no Brasil na restauração católica durante a Primeira República. In: TORRES-LONDOÑO, Fernando. (Org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil:** perspectiva histórica. São Paulo: Paulus, 1997, p. 146

⁹⁰ AZZI, Riolando. A Teologia na Reforma Católica (1840-1920). In: AZZI, Riolando. **Teologia em diálogo.** São Paulo: Paulinas, 1992, p. 99.

A comemoração das bodas de ouro sacerdotais do Cardeal Arcoverde em 1924 serviu para assinalar uma reaproximação mais expressiva entre hierárquica católica e o poder político. Segundo relato de Azzi,

No dia 4 de maio o Cardeal recebeu, no Palácio São Joaquim, a visita do Presidente da República. Artur Bernardes compareceu acompanhado por todo o ministério e elevadas autoridades políticas. Foi saudado por Dom Joaquim Silvério do Souza, seu conterrâneo.

Na resposta, Bernardes afirmava a necessidade da colaboração das autoridades eclesiásticas com o governo do país, auxiliando-o na manutenção da ordem e promovendo o progresso social.

A necessidade de maior colaboração entre Igreja e Estado foi expressa ainda de forma mais explícita no dia seguinte, no banquete oficial oferecido pelo governo a Dom Arcoverde a ao episcopado Brasileiro.

Houve protesto dos republicanos mais radicais contra esse evento, pois segundo eles violava o estatuto de separação entre os dois poderes. Era, de fato, um episódio inédito na história republicana. O banquete contou com a presença de diplomatas, políticos, militares e eclesiásticos.⁹¹

Dessa maneira, o governo reconhecia a importância da atividade dos bispos e o papel da religião na formação moral do povo e sua contribuição para a ordem e disciplina da sociedade, servindo como instrumento de contenção da onda revolucionária.⁹² De outros modos, a ‘Restauração’ pareceu estabelecer pontos de contato e fornecer inspiração para o que viria a ser, nas duas décadas após a segunda guerra, uma rede de conservadorismo católico. Assim, quando João XXIII foi eleito em 1959 o ‘papa de transição’ e logo anunciou a realização de um concílio, os antimodernos se mobilizaram em torno das principais demandas que os afligiam; como ressalta Coppe Caldeira:

As matérias que eram caras aos antimodernos e as quais deveriam se empenhar defensivamente contra as ideias introduzidas pela Aliança e seguidas pela maioria eram as seguintes: a liturgia codificada pela tradição, a transmissão imutável da revelação, a inerência das Escrituras, a estrutura hierárquica da Igreja, o primado do catolicismo sobre as outras tradições religiosas, o dever do Estado assumir a moral católica e a moral cristã.⁹³

⁹¹ AZZI, Riolando. **A Igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira**. Aparecida: Editora Santuário, 2008, p. 101.

⁹² OLIVEIRA, Michel Angelo Abadio de. **Religião e Contemporaneidade**: um estudo acerca da Renovação Carismática Católica. Monografia (Bacharelado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011. p. 23.

⁹³ CALDEIRA, Rodrigo Coppe. **Os Baluartes da Tradição**: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II. Curitiba: CRV, 2011. p. 131.

Os antimodernos eram contra a renovação da Igreja Católica, a restauração da unidade dos cristãos e o diálogo da Igreja com o mundo contemporâneo, por acharem que tal unidade se reestabeleceria com o ‘retorno dos hereges’.⁹⁴ Aliás, essa ideia era algo desligado de qualquer determinação ou influência frente à Igreja. Para eles, o Vaticano II foi visto como a oportunidade de rever o Vaticano I; era inconcebível reconsiderar a política da Igreja frente ao mundo. Contudo, mesmo chegando a ser Igreja de vanguarda, silenciou-se, resguardando íntegra cautela no meio da onda de avanços, reformas e inovações pós-conciliares.

Rodrigo Coppe Caldeira reitera em sua pesquisa que há uma persistência de crise vivenciada pelo catolicismo e reconhecida pelo então papa Bento XVI, que se deve, principalmente, “à hermenêutica que privilegia a noção de ruptura do evento Conciliar.”⁹⁵ De fato, o catolicismo é uma esfera em crise e, apesar de seu anseio pela busca de uma homogeneidade, o que permanece pós Vaticano II é a dubiedade entre tradição e progresso, expressa no movimento carismático, como objeto fundamental da história de um catolicismo imerso na modernidade.

1.4 Papado: entre tradição e modernidade

Antes mesmo dos embates entre Renovação Carismática e Teologia da Libertação, e da tênue relação do Movimento com o Pentecostalismo Protestante, a Igreja Católica convive com um dualismo ainda mais melindroso: as relações do papado tradicional com a modernidade. Tal duplicidade talvez não tenha estado tão presente nas camadas eclesiásticas quanto nos últimos anos. Os recentes acontecimentos em torno da figura de dois pontífices católicos suscitaram novamente em análises que colocam em voga concepções como tradição e modernidade; liturgia e prática.

Em pleno século XXI a figura do Papa é muito mais influente do que foi em 1500. Naquele tempo, sua autoridade era restrita à Europa Ocidental e à Ásia Menor. Hoje, porém, se trata de uma figura global; chefe de uma população de católico que, desde o século XVI, se multiplicou por inúmeras vezes. De acordo com Blainey,

⁹⁴ Esses três pontos, centrais ao entendimento das diretrizes conciliares, estão presentes no “Discurso de Paulo VI na continuação do Concílio Vaticano II”. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630929_concilio-vaticano-ii_po.html. Acesso em 10/07/2013 às 18:45

⁹⁵ CALDEIRA, Rodrigo Coppe. **Os Baluartes da Tradição:** o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II. Curitiba: CRV, 2011. p. 250.

Em 1900, ninguém podia prever o rápido declínio da Europa como coração do Cristianismo. Mesmo hoje, é difícil reconhecer esse declínio, apesar das fortes evidências. Um dado estatístico revela o surgimento de um novo mundo cristão: mais da metade das pessoas que receberam o batismo católico em 1999 vivia na América Latina e na África. No Protestantismo, nota-se a mesma redução da importância do papel exercido pela Europa.⁹⁶

Até meados da década de 1940, a Igreja Católica era a instituição que mais reuniu terras e povos em toda a história. Apesar de seu controle estar em mãos europeias, metade de seu prelado vivia fora da Europa, constituído, principalmente por latino-americanos, africanos e asiáticos. O desafio estava em administrar uma Igreja global em um mundo que passava por mudanças drásticas. Era preciso mudar, mas o excesso de transformações poderia prejudicar uma continuidade que sempre fora a força da Instituição.

Com a morte de João Paulo II em 2005, o primeiro conclave do século XXI elegeu como Sumo Pontífice o alemão Joseph Aloisius Ratzinger, que adotou como nome Bento XVI. Como prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé⁹⁷, Ratzinger foi responsável por perseguir casos de heresia e apostasia⁹⁸, principalmente entre o clero.

Já como papa, um dos principais objetivos foi de recristianizar da Europa, centro do Catolicismo, que durante todo século XX e início do XXI, vinha perdendo fiéis. De pensamento Católico Ortodoxo, e tido como Conservador, Bento XVI adotou em seu pontificado a reafirmação da Doutrina do Catecismo.

Em 11 de fevereiro de 2013, o papa anunciou que renunciaria ao pontificado no dia 28 daquele mês, alegando incapacidade, devido sua idade avançada. Segue abaixo um

⁹⁶ BLAINY, Geoffrey. **Uma breve História do Cristianismo**. São Paulo: Editora Fundamento Educacional. 2012, p. 309.

⁹⁷ Mais antiga das nove Congregações da Cúria Romana, a Congregação para a Doutrina da Fé, outro nome dado ao Santo Ofício da Inquisição, engloba a Comissão Teológica Internacional e a Pontifícia Comissão Bíblica. Seu objetivo é difundir a doutrina católica e defender aqueles pontos da tradição que possam estar em perigo, com consequência de doutrinas novas não aceitáveis pela Igreja. Apesar de ter-se recolhido aos muros do Vaticano, continua existindo como sólido pilar do catolicismo, norteando ações missionárias. A atual organização foi reformada em 1965 por Paulo VI após o Vaticano II. De acordo com o artigo 48 da Constituição Apostólica sobre a Cúria Romana, *Pastor Bonus*, promulgada pelo Papa João Paulo II, em 28 de Junho de 1988, “o dever próprio da Congregação para a Doutrina da Fé é promover e salvaguardar a doutrina sobre a fé e a moral no mundo católico, por isso tem competência em coisas que tocam o assunto de qualquer maneira.” Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_constitutions/documents/hf_jp-ii_apc_19880628_pastor-bonus-roman-curia_en.html. Acesso em 11/07/2013 às 18:15.

⁹⁸ Repúdio total da fé cristã por quem tenha sido batizado. É delito mais grave do que a heresia e o cisma, cominado com a pena de excomunhão. Ao apóstata são recusadas exequias eclesiásticas, a menos que antes tenha dado sinais de arrependimento. Disponível em <http://www.ecclesia.pt/catolicopedia/>. Acesso em 11/07/2013 às 18:25.

trecho de seu pronunciamento, disponibilizado pela Rádio Vaticana, site oficial das notícias da Santa Sé.

(...) no mundo de hoje, sujeito a rápidas mudanças e agitado por questões de grande relevância para a vida da fé, para governar a barca de São Pedro e anunciar o Evangelho, é necessário também o vigor quer do corpo quer do espírito; vigor este, que, nos últimos meses, foi diminuindo de tal modo em mim que tenho de reconhecer a minha incapacidade para administrar bem o ministério que me foi confiado. Por isso, bem consciente da gravidade deste ato, com plena liberdade, declaro que renuncio ao ministério de Bispo de Roma, Sucessor de São Pedro, que me foi confiado pela mão dos Cardeais em 19 de Abril de 2005, pelo que, a partir de 28 de Fevereiro de 2013, às 20,00 horas, a sede de Roma, a sede de São Pedro, ficará vacante e deverá ser convocado, por aqueles a quem tal compete, o Conclave para a eleição do novo Sumo Pontífice.⁹⁹

Bento XVI abdicou do trono de Pedro, sendo o quarto papa da história a fazê-lo. O último antes dele fora Gregório XII, que abdicou em 1415, no contexto do Grande Cisma do Ocidente. Antes, apenas Ponciano em 235 e Celestino, em 1294 o fizeram.

O Conclave de 2013 iniciou-se com nova cara. Quase 600 anos se passara desde que o último papa renunciara. Além disso, eram grandes as expectativas e os desafios em torno do novo pontífice. Tinha como incumbência tomar as rédeas de uma instituição de mais de 2000 mil anos, cujos alicerces estavam trincados devido aos vários escândalos que envolviam a Santa Sé e seus prelados espalhados por todo o mundo. Casos de pedofilia e pornografia, esta última, dentro dos próprios muros do Vaticano, tornavam a missão do novo portador do anel de pescador ainda mais difícil.

Contudo, as novidades não pararam por ai. Se não bastasse uma renúncia papal, há tanto tempo não vista, o 266º papa, pela primeira vez na história, não foi um europeu, mas sim um latino-americano, um argentino por nome Jorge Mario Bergoglio. O então Arcebispo de Buenos Aires, da ordem dos Jesuítas, adotou como nome Francisco.

Há todo um simbolismo que envolve a exegese do nome Francisco. Pode-se pensar que seja por causa do São Francisco Xavier, missionário cristão 3º padroado português e cofundador, ao lado de Inácio de Loyola, da Companhia de Jesus, congregação religiosa fundada em 1534. Por outro lado, há indícios de que seja associado a São Francisco de Assis (tido com uma das três figuras mais importantes do

⁹⁹ “Bento XVI anuncia a decisão de deixar o cargo ao fim do dia 28 de fevereiro. Conclave em Março.” Disponível em http://pt.radiovaticana.va/storico/2013/02/11/bento_xvi_anuncia_a_decis%C3%A3o_de_deixar_o_cargo_ao_fim_do_dia_28_d/por-663817. Acesso em 11/07/2013 às 18:36.

Cristianismo, depois, apenas, de Jesus e Paulo), principalmente pelas palavras proferidas em sua posse, como acolhimento, caridade, fraternidade e evangelização.

Como já dito, a construção do significado do papa se deu ao longo dos séculos, contudo, seu reconhecimento como chefe supremo da cristandade não foi reconhecido facilmente. Podemos citar, por exemplo, os vários antipapas que surgiram ao longo da história, o que demonstra que tal autoridade, não era reconhecida igualmente pelos cristãos. Hoje essa autoridade não representa um problema para o Vaticano, mas o deslocamento entre prática e doutrina (objetivo do Vaticano II).

Bergoglio representa para os fiéis, as antigas referências da instituição. Tanto seus valores íntimos, como pobreza e humildade, quanto os ideais jesuíticos de conversão e até mesmo o rigor doutrinário da Companhia de Jesus.

A Igreja missionária dos Jesuítas foi responsável pela conversão de milhares de indígenas na América espanhola e portuguesa. Suas missões participavam ativamente da vida espiritual, econômica e política das colônias, permanecendo por praticamente cinco séculos.

Se por um lado Bento XVI ‘simbolizava’ a Inquisição, tendo sido prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, Francisco representa os Jesuítas, seus aliados históricos. Ratzinger pode ter conseguido um avanço significativo no que diz respeito ao diálogo com as outras religiões¹⁰⁰, contudo deslizou na aproximação com as bases da Igreja. Bergoglio, por outro lado, tem-se manifestado como um papa simples e modesto, mas obstinado em relação ao corpo doutrinário. Se Bento XVI criou a relação Vaticano/Internet, Francisco apresentou-se como uma figura afável, bem-humorada e de boa oratória. Será ele capaz de dar sentido aos objetivos pós Vaticano II, como a busca pela proximidade com os fiéis em uma linguagem mais acessível clara?

Pouco tempo depois de ser eleito, Francisco demonstrou claramente sua lealdade ao Concílio. O Papa enviou uma carta pessoal ao rabino chefe da comunidade judaica de Roma, Riccardo Di Segni, na qual explanava o desejo de “*poder contribuir para o progresso que as relações entre judeus e católicos conheceu a partir do Concílio*

¹⁰⁰ Por outro lado, é importante ressaltar a sempre em voga tensão entre mundo islâmico e cristão. Em uma conferência de Bento XVI feita na Universidade de Regensburg, em 2006, o então Papa, discursando sobre ‘Fé, Razão e universidade’, resgatou palavras do imperador bizantino Manuel II Palaeologos a um sábio persa num debate travado em 1381: “Mostrai-me o que Maomé trouxe de novo, e lá encontrareis somente coisas ruins e desumanas, como isto que ele prescreveu, de se difundir a fé que professava pela força da espada.” Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20060912_university-regensburg_po.html. Acesso em 18/07/2013. Acesso às 19:42.

*Vaticano II.*¹⁰¹ Além disso, discursando no Encontro com os Representantes das Igrejas e Comunidades Eclesiais e de outras Religiões, Francisco lembrou claramente João XXII e sua decisão de convocar o Concílio. O novo Papa citou o parágrafo 4 da declaração do Concílio ‘*Nostra Aetate*, sobre a Igreja e as Religiões não cristãs’¹⁰², demonstrando, além da ligação entre Judaísmo e Cristianismo, a legitimidade do Vaticano II e seus documentos:

E agora dirijo-me a vós, ilustres representantes do povo judeu, ao qual nos une um vínculo espiritual muito particular, já que, como afirma o Concílio Vaticano II, ‘a Igreja de Cristo reconhece que os primórdios da sua fé e eleição já se encontram, segundo o mistério divino da salvação, nos patriarcas, em Moisés e nos profetas’.¹⁰³

Parece perceptível para Bergoglio a importância do Concílio Vaticano II para a existência da Igreja contemporânea, sem a conveniência de tênues peculiaridades hermenêuticas, como se verificou durante o pontificado ratzingeriano, admissíveis apenas por uma plateia não ideologizada. Percebemos que não se trata de um Papa liberal, ‘vingador’ da repressão contra os Teólogos da Libertação, muito menos um restaurador anticonciliar. Liturgia, ecumenismo e diálogo interreligioso fazem parte de seus primeiros atos.

Essa troca de papas tornou-se uma transição segura para uma fase de maior ânimo doutrinário, de linguagem clara e diálogo cada vez mais presente, buscando evitar o abismo sempre existente entre doutrina e prática. Percebemos, dessa maneira, como as questões do Vaticano II ainda são evidentes, mesmo após 50 anos de sua realização. E isso se faz presente no pontificado de Francisco: a grandiosa simplicidade da missa (uma ‘Igreja pobre para os pobres’), sinal de uma acolhida absoluta e sem complexos da reforma litúrgica do Vaticano II, o discurso aos delegados, com uma citação por extenso do Concílio e do papa que o招ocou.

A escolha de um papa americano também não se deu por acaso. Há claramente uma preocupação da Igreja com o continente com maior número de fiéis em todo

¹⁰¹ Mensagem do Papa Francisco ao chefe-rabino de Roma. Disponível em: <http://www.zenit.org/pt/articles/espero-contribuir-para-o-progresso-das-relacoes-entre-judeus-e-catolicos>. Acesso em 18/07/2013 às 18:01.

¹⁰² Declaração *Nostra Aetate*. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html. Acesso em 18/07/2013 às 18:11.

¹⁰³ Discurso do Papa Francisco no Encontro com os Representantes das Igrejas e Comunidades Eclesiais e de outras Religiões. Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/francesco/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130320_delegati-fraterni_po.html. Acesso em 18/07/2013 às 18:16.

mundo, além disso, há uma preocupação com a perda de espaço frente a outros grupos religiosos. Só no Brasil, entre 2000 e 2010, 1,6 milhões de pessoas deixaram de ser católicas, o que representa uma queda de 73,6% para 64,6 %.¹⁰⁴

De várias maneiras, Francisco parece possuir um discurso mais sóbrio em relação a uma ‘recuperação’ dos princípios do Vaticano II. Tem-se a ideia de uma Igreja menos centralizadora e mais democrática; uma Igreja que busca escutar os novos atores sociais. De acordo com Paulo Della-Déa,

atualmente sofremos o peso de uma Igreja paquidérmica: muita instituição, muitos departamentos e dicastérios, muitos rituais, muito tudo. Precisamos de uma estrutura mais leve, porque um elefante dança, mas a que peso e a que custo? O Vaticano II nos colocou em uma dinâmica nova, de colegialidade e de mais respeito.¹⁰⁵

Compreendemos que a política e não apenas o Espírito Santo influenciam na hora da escolha papal. A América Latina é centro de governo de esquerda que desagradam ao Vaticano. Após o enfraquecimento da Teologia da Libertação, surge oposição entre grupos políticos de esquerda fora da Igreja, e grupos conservadores dentro dela. Francisco seria a saída para o acrescentamento dos segundos ao primeiro. O Jesuítico aparece assim como responsável pela reconversão da América Latina e por buscar a aproximação, principalmente com os jovens, de uma Igreja que concede indulgências pela internet¹⁰⁶ ao passo que ‘peca’, em partes, no seu diálogo interno. Não por acaso é um papa não europeu que herda essa tarefa.

Feito esse sobrevoo sobre os principais aportes teóricos sobre Religião e História, no segundo capítulo abordaremos as práticas carismáticas a partir da análise do catolicismo na contemporaneidade, expondo as possíveis relações e embates, tanto internos, quanto externos.

¹⁰⁴ Novo Mapa das Religiões. Coordenação Marcelo Cortes Neri. Rio de Janeiro: FGV,CPS, 2011. Disponível em http://www.cps.fgv.br/cps/bd/rel3/REN_texto_FGV_CPS_Neri.pdf. Acesso em 18/07/2013 às 15:32.

¹⁰⁵ A Igreja e a Juventude, antes e depois do Vaticano II. Disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/521520-a-igreja-e-a-juventude-antes-e-depois-do-vaticano-ii-entrevista-especial-com-paulo-dalla-dea>. Acesso em 18/07/2013 às 16:22

¹⁰⁶ Papa concederá indulgências pela internet durante a Jornada Mundial da Juventude no Rio. Disponível em <http://iberoamerica.net/brasil/prensa-generalista/extra.globo.com/20130717/noticia.html?id=h2G1Dm2>. Acesso em 18/07/2013 às 17:48.

Capítulo II - Atos e Preceitos do Catolicismo Carismático

2.1 O Catolicismo no Brasil Contemporâneo

A História nos mostra que o catolicismo foi a religião hegemônica no Brasil, reunindo, de acordo com Prandi, três quartos da população adulta. Em sua maioria tratam-se de católicos tidos como tradicionais, compreendendo aqueles que frequentam a Igreja eventualmente, como por exemplo em circunstâncias especiais (batizados, casamentos...) e aqueles que apresentam-se aos serviços habituais da comunidade religiosa, como a missa. Contudo, essa maioria não participa de movimentos que buscam o despertar da vida católica. Desse catolicismo tradicional também fazem parte as tradições religiosas populares e todo seu universo de símbolos e ritos, como as devoções a santos, peregrinações, promessas e milagres. Entretanto, a grande maioria desses católicos acondicionam a religião enquanto identidade social, participando quase que exclusivamente dos ritos de passagem.

O Catolicismo recobre todas as modalidades de realização da religião como experiência e significação do mundo e da própria vida social. Diferentemente das outras religiões do país, ele permite uma possibilidade internamente ampla e impunemente aberta de variação de opções, escolhas e atribuições diversas de sentido religioso a uma identidade.

Dentro ou fora do âmbito da religião, não deve haver no Brasil outro sistema de relações sociais com a multiplicidade de tramas e teias de trocas, alianças e conflitos que são a estrutura, a difícil grandeza e o dilema da Igreja católica. Não deve haver também outro sistema cultural tão polissemicamente rico e diferenciado de símbolos e significados.¹⁰⁷

Na modernidade, a religião católica possibilita formas diferentes e antagônicas de experiência da prática, crença e construção de identidades religiosas reconhecidas como da mesma religião. Não há cismas, uma vez que sua divisão é interna. Assim, ela se unifica reproduzindo a sua diversidade, fazendo com que seus adeptos compartilhem uma única identificação e uma maneira própria de vivenciá-la.

¹⁰⁷ PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do espírito:** a renovação conservadora do catolicismo carismático. 2^a Ed. São Paulo: EDUSP – Fapesp, 1998. p. 46.

Legítima e historicamente, a prática e a participação na vida religiosa de um católico se dão em instituições de controle eclesiástico abertas ao laicato. Seja de uma paróquia tradicional às comunidades eclesiais de base; de um antigo apostolado da oração a um moderno grupo de oração carismático.

O catolicismo como religião universal opõe-se à maneira como é entendido em contextos históricos, neste caso, muito claramente, a sua universalidade era esquecida em favor de sua aptidão para demarcar um grupo.¹⁰⁸

De maneira mais clara, Carlos Rodrigues Brandão demonstra as diversas identidades de um católico.

[...] uma pessoa católica se reconhecerá como só católica, ainda católica, sempre católica, também católica; crente, mas não praticante, católica praticante, mas não participante, católica participante ‘da vida da igreja’, um ‘cristão militante’ e até mesmo, pasmem, um participante dos trabalhos da Igreja, mas não crente nem participante.¹⁰⁹

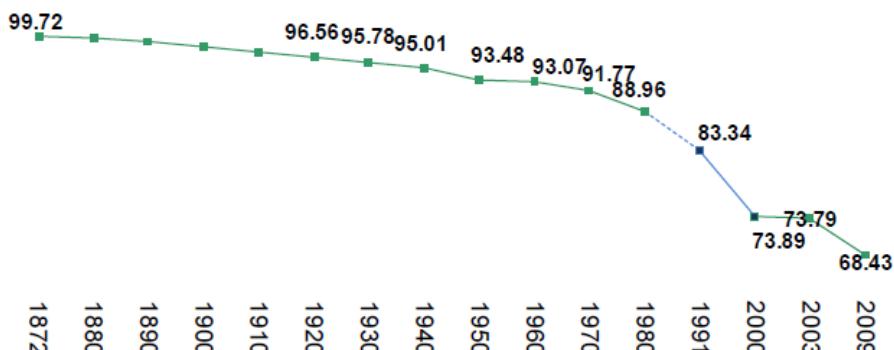
No final são todos católicos. Juntamente com essa ideia ‘frouxa’ de ser, que mantém sua unidade, o que importa aqui são as alternativas culturais de experiência vividas dentro da religião e os sentidos dados por ela ao sagrado.

Entretanto, mesmo sendo maioria entre a população adulta brasileira e possibilitar tantas formas de adesão, o catolicismo vem sofrendo uma queda desde fins do século XIX, quando ocorreram os primeiros registros censitários. De acordo com o gráfico a seguir, fruto de um estudo realizado pelo Centro de Pesquisas Sociais da Fundação Getúlio Vargas em 1999, verifica-se que o número de católicos no Brasil tenha caído para 68,43%.

¹⁰⁸ CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Antropologia do Brasil**. São Paulo: Brasiliense/Edusp, 1987, p. 191.

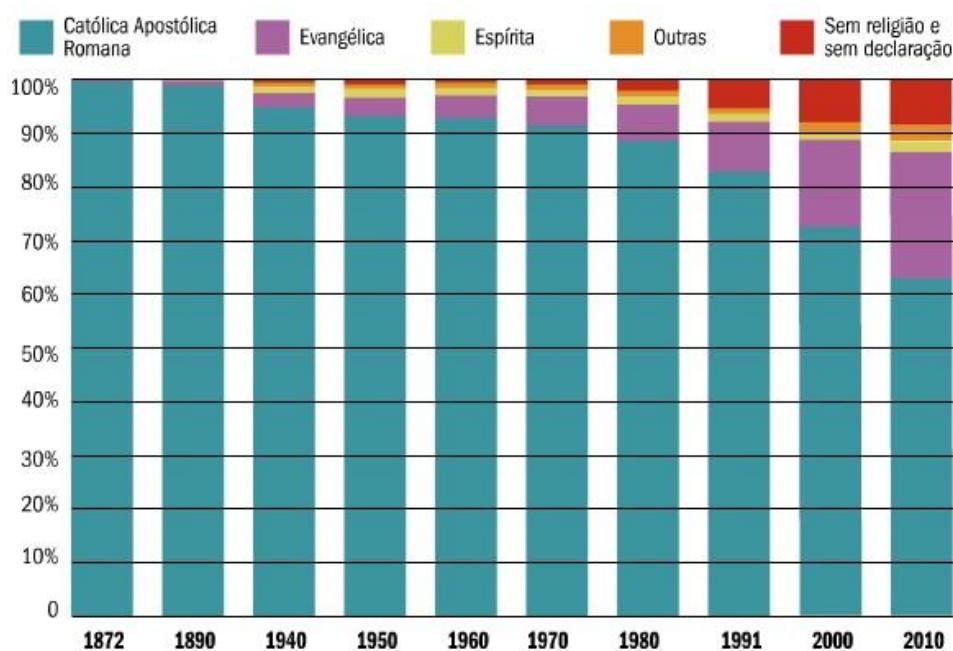
¹⁰⁹ BRANDÃO, Carlo Rodrigues. Crença e Identidade: campo religioso e mudança cultural. In: SANCHIS, Pierre. **Catolicismo**: unidade religiosa e pluralismo cultura. São Paulo: Edições Loyola, 1992, p. 49.

Brasil: Participação de Católicos na População - 1872 a 2009



Fonte: CPS/FGV a partir do processamento de dados publicados e microdados do IBGE.

No último Censo realizado, em 2010, ele representa quase 64,6% da população, o que confirma a queda prevista pelo estudo anterior¹¹⁰.



Fonte: Diretoria Geral de estatística, Recenseamento do Brasil 1872/1890, e IBGE, Censo Demográfico 1940/1991

Contudo, verifica-se o declínio das religiões majoritárias em todo o mundo, como o protestantismo nos E.U.A e o hinduísmo na Índia. Apesar de tais quedas, percebemos que essa desfliação religiosa não é resultado de uma mudança de paradigmas culturais, mas um caminho de diferentes possibilidades; uma multiplicidade

¹¹⁰ Disponível em:
ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/tab_1_4.pdf. Acesso em 08/01/14 às 14:15.

de ofertas e liberdade de escolha. Há uma gama de católicos que não se enquadram nessa maioria tradicional.

Os dados sobre religião se comparados com outros dados trazidos pelo Censo (diminuição da natalidade, aumento de casamentos sem legalização, aumento da escolaridade), apontam para uma modernização de hábitos e crescimento do individualismo subjetivista.¹¹¹

O catolicismo acaba passando por transformações modernizantes, verificado, principalmente, no fato de consolidar em seu seio vários movimentos: são católicos das Comunidades Eclesiais de Base, do Movimento de Renovação Carismático Católico, grupos de jovens, Comunhão e Libertação, Pastorais, entre várias outras formas de internalização.¹¹²

Esses católicos de religião internalizada se diferem dos tradicionais no fato de que para eles, se trata de uma escolha, cujos valores são desejados e constantemente evidenciados. Fazem parte de um catolicismo de reorganização pessoal e não se tratando mais de uma adesão tradicional. Para Prandi, “*a adesão a esses movimentos implica a ideia de conversão, de reorientação religiosa. Os tradicionais apenas seguem a religião na qual foram criados.*”¹¹³

A religião oferece um leque de possibilidades, opções de devoção e culto ao fiel, e no catolicismo não é diferente. Dentre todas as alternativas, o que nos interessa destacar são os dois movimentos mais importantes no catolicismo dos últimos 50 anos: as Comunidades Eclesiais de Base e o Movimento de Renovação Carismática Católica.

Formadas na década de 60 e 70, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) são a expressão máxima da Teologia da Libertação. Hoje, em franco declínio, representam cerca de 2% do total de católicos no país, conforme exposto por Prandi.

Idealizado por padres da América Latina, a Teologia da Libertação¹¹⁴ é definida por uma valorização da vida religiosa, evidenciando as demandas das classes

¹¹¹ ANTONIAZZI, Alberto. As religiões no Brasil segundo o Censo de 2000. **Magis: cadernos de Fé e Cultura.** (Especial), n.1, agosto, 2002, p.87.

¹¹² “O conceito de internalização refere-se à maneira pela qual o fiel participa da vida religiosa adotando seus valores, normas, práticas, de modo consciente e deliberado. Opõe-se ao tipo de religião tradicional que se implanta geralmente em sociedades onde instituições sacrais legitimam a ordem social e interpenetram toda a teia de relações humanas.” CAMARGO, Cândido Procópio Camargo Ferreira. **Católicos, Protestantes e Espíritas.** Petrópolis: Vozes, 1973. P. 77.

¹¹³ PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do espírito:** a renovação conservadora do catolicismo carismático. 2ª Ed. São Paulo: EDUSP – Fapesp, 1998. p. 30.

¹¹⁴ Não é objetivo deste trabalho aprofundar-se na análise da Teologia da Libertação. Sua breve descrição faz-se necessária pelas relações mantidas com a Renovação Carismática Católica, sem, contudo invocar uma observação exaustiva de sua História e pensamento. Doravante grifada por TdL.

menos favorecidas, a chamada ‘opção pelos pobres’. Tradicionalmente voltada para o campo mais social, esse ramo tem uma participação popular mais intensa e seus seguidores fazem uma leitura integral da Bíblia. Até o final dos anos 80, boa parte da Igreja Católica, principalmente nos países em desenvolvimento como os da América Latina, era orientada pela Teologia da Libertação (TdL) que cresceu com a luta contra a ditadura militar, com as Comunidades Eclesiais de Base e os diversos movimentos sociais. Creem na participação militante dos católicos como forma de transformação da sociedade, considerada desigual. Dessa maneira, acaba por dar menor relevância à esfera íntima como espaço privilegiado da religião.

Atuando em paróquias ao mesmo tempo em que o Movimento Carismático se estabelecia no Brasil, possuía grande representação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Esses fiéis muitas vezes têm-se associado aos variados movimentos sociais de reivindicação, estando também muito próximos de partidos políticos de esquerda.

Fora em um contexto de mudanças que a Igreja passou por alterações no perfil dos fiéis, fruto das mudanças na sociedade brasileira, como a industrialização acelerada, migração e crescimento urbano. Além desses, novas visões de mundo foram atreladas “[...] sobretudo às religiões afro-brasileiras, contando agora com sua modalidade universal, a umbanda, e as denominações evangélicas pentecostais”,¹¹⁵ além do espiritismo e o protestantismo.

Contudo, esse quadro em relação ao empenho social mudou na década de 80. Com o papado de João Paulo II (16 de outubro de 1978 a 2 de abril de 2005) houve uma ofensiva interna frente à Igreja Popular aliada à desarticulação dos referenciais sociopolíticos da TdL. Em 1984, o então Cardeal Ratzinger, futuro Papa Bento XVI, exprimiu seu pensamento acerca da Teologia da Libertação, conforme verificamos abaixo.

Com essa instrução, a cúpula católica reagiu à tentativa de reforma no pensamento católico, proposta pelos teólogos da libertação, como desvios de fé. (...) viu-se que a Sagrada Congregação conferiu à TdL uma radicalidade que ela de fato não tinha, nem no que se refere ao uso da violência revolucionária, pelo menos como uma prática cristã, nem ao uso do marxismo como uma visão totalizante do mundo. (...) A Sagrada Congregação repôs os vários aspectos da concepção tradicional católica do homem e da sociedade que os teólogos pretendiam reformar: o caráter universalizante da fé católica, como

¹¹⁵ PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. (Orgs.). **A Realidade Social das Religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 96

uma verdade que paira acima da sociedade terrena e dos condicionamentos históricos; a autoridade da Igreja hierárquica em detrimento de uma Igreja do Povo; o princípio da obediência doutrinária; o individualismo católico, (...); o pobre, entendido como pobre de coração; o maniqueísmo católico, as diferenças na sociedade explicam-se pela oposição entre o bem e o mal. A Sagrada Congregação, ao não aceitar a renovação que propõe a TdL nesse ponto, renegou como uma falsa teologia, não condizente com a fé católica.¹¹⁶

Ratzinger era o então Prefeito da Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé. Durante seu mandato, contestou os pensamentos que questionassem a doutrina católica em relação à hierarquia. Em seu texto, percebemos como tal ideia é defendida. Os embates entre cúpula católica e os líderes da TdL estiveram ligados principalmente à utilização das teorias marxistas como instrumento de análise por parte de seus teóricos. As propostas de reforma estrutural da Igreja Católica indicadas pela TdL foram recebidas como desvios de fé, desacelerando o crescimento das CEBs.

O papado iniciado em 78 ficou conhecido pela

(...) organização e o lançamento de uma forte ofensiva conservadora, marcada pela ortodoxia doutrinária, pelo apoio à centralização nas decisões e por uma revitalização do papado e, em geral, das hierarquias católicas.¹¹⁷

Com a abertura política brasileira em 1985, a Igreja perdeu sua posição de opção única frente aos problemas sociais do período, devido à organização de movimentos civis voltados para a resolução dos problemas sociais e políticos. Nesse contexto a Renovação Carismática Católica (RCC) ganha visibilidade diante à Igreja e à mídia como movimento opositor das CEBs, podendo ser entendido como uma nova forma para reencaminhar os fiéis católicos.

A relação entre Teologia da Libertação e Renovação Carismática Católica se dá no contexto da história da América Latina a partir das décadas de 60 e 70, mas essa oposição é uma construção posterior, engendrada pela cúpula do Vaticano, cuja questão central são os embates teológicos entre Roma e os padres progressistas latino americanos. Além disso, os processos de redemocratização, abertura política e o fim da Ditadura Militar devem também ser considerados no desgaste da Igreja Popular frente a esse novo contexto. De acordo com Massarão,

¹¹⁶Instrução sobre alguns aspectos da ‘Teologia da Libertação’ http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/documents/rc_con_cfaith_doc_19840806_th_eology-liberation_po.html. Acesso em: 08/01/14 às 14:51.

¹¹⁷EZCURRA, A. M. **O Vaticano e o Governo Reagan**. São Paulo. Hucitec, 1984, p. 85.

Durante o período em que a Teologia da Libertação esteve no comando da Igreja brasileira, a Renovação Carismática se estabeleceu nos meios católicos e teve apoio da hierarquia. O Movimento foi acompanhado pela Igreja, fez concessões frente às críticas recebidas (principalmente aquelas referentes ao compromisso social) e fortaleceu suas posições no campo católico.¹¹⁸

Sumariamente, a expansão da RCC parece ter pouca ligação com a instabilidade verificada nas bases da TdL, tendo em vista que seus embates estavam limitados ao âmbito paroquial. Contudo, de maneira ampla, a manutenção dos diversos movimentos internos, possibilita à instituição católica o ‘controle’ de um número maior de fiéis, o que remete a um sentimento de unidade e pertencimento, ambos essenciais à manutenção da Igreja.

Em 1959, meses após sua posse, o Papa João XXIII teria demonstrado o interesse em convocar um concílio ecumênico, que foi aberto em 1962. A ideia da Renovação Carismática como um ‘Novo Pentecostes’ vem exatamente das palavras proferidas na abertura do Concílio, relacionadas à necessidade de um novo Pentecostes para a Igreja – se o evento bíblico do Pentecostes marcou a fundação da Igreja, um novo Pentecostes seria seu renascimento.

O pentecostalismo não surgiu apenas entre os grupos protestantes e, mesmo entre os católicos, surgiu primeiro nos Estados Unidos. Em 1967, um grupo de estudantes, professores e clérigos da Universidade de Dunquene se encontravam, segundo Campos Júnior¹¹⁹, desmotivados perante o ritualismo e a liturgia pré-estabelecidos tradicionalmente. Sentiam falta do emocional junto ao forte racionalismo católico. A partir disso, os católicos norte-americanos tentaram iniciar uma “experiência de reavivamento”. Deu-se então a formação de grupos de oração, que culminariam no pentecostalismo católico. Com o tempo, surgem as primeiras manifestações (experiências de êxtase) semelhantes às dos protestantes.

Nos Estados Unidos, o movimento manteve um caráter ecumênico,¹²⁰ com grupos mistos de católicos e protestantes e um grande apelo através da busca pela cura divina.¹²¹

¹¹⁸ MASSARÃO, Leila Maria. Combates no Espírito: Renovação Carismática Católica, teorias e interpretações. **Revistas Aulas: Dossiê Religião**, Campinas, UNICAMP, n. 4, p. 15, Abr.\Jul. 2007.

¹¹⁹ CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. **Pentecostalismo**: sentidos da palavra divina. São Paulo: Ática, 1995.

¹²⁰ O ecumenismo na Renovação Carismática Católica norte-americana talvez se justifique pelo catolicismo ser minoritário nos Estados Unidos e estar inserido numa cultura protestante. No caso latino-americano, a Igreja Católica tem um ‘status oficial’, principalmente pela sua tradição e influência cultural.

No dia 1º de março de 1967 aconteceu o primeiro encontro entre católicos e pentecostais, o que foi considerada a primeira experiência ecumênica desse tipo. Isso levou a uma maior aproximação também entre católicos e protestantes. O movimento se espalhou da Universidade para outros estados e outros estudantes. Em abril do mesmo ano ocorreu o primeiro congresso nacional da Renovação Carismática. Foi o início do movimento pentecostal entre os católicos. Com o tempo, enfatizou-se a necessidade de formar mais grupos de oração. Esse reavivamento entre católicos fez o movimento se expandir além das fronteiras norte-americanas e em pouco tempo chegou ao Canadá, Austrália, Nova Zelândia, além da América Latina e Europa, e diferentemente do pentecostalismo de origem protestante, o ramo católico buscou manter o movimento como parte do seu rebanho.¹²²

No Brasil a Renovação Carismática teve origem na cidade de Campinas, SP, em 1969, através dos padres jesuítas Haroldo Joseph Rahm e Eduardo Dougherty. Sua rápida expansão se deu principalmente nos estados do Paraná, Minas Gerais e Goiás.

Por possuir uma ênfase mais espiritual, as manifestações ocorridas nas reuniões da RCC são similares às do pentecostalismo, porém preserva as doutrinas católicas básicas. De acordo com Campos Júnior, “*embora tenha nascido em uma ‘igreja histórica’, a RCC apresenta os componentes dos grupos pentecostais e preserva características do catolicismo popular.*”¹²³

Essa forma de culto e prática devocional levou a uma maior participação de leigos, o que acabou sendo uma motivação a mais para os fiéis participarem dos grupos de oração. No início, a Renovação atingiu os líderes já engajados em movimentos como Cursilhos, Encontros de Juventude e foi se ampliando gradativamente como uma nova 'onda' de evangelização com identidade própria. Em 1972, Pe. Haroldo Rahm escreve o livro ‘Sereis batizados no Espírito’, onde explica o que vem a ser o Pentecostalismo Católico. Sendo uma das primeiras obras publicadas no país sobre o movimento, trazia orientações para a realização dos retiros de Experiência de Oração no Espírito Santo, que muito colaboraram para o surgimento de vários grupos de oração.

¹²¹ Para os Carismáticos, a cura divina seria investida pelo Espírito Santo aos fiéis aptos a desenvolverem este dom. Estes escolhidos teriam a capacidade de, através da imposição de mãos, ministrar a cura aos enfermos, afligidos tanto pelos males físicos quanto pelos espirituais e psicológicos.

¹²² No caso protestante, as divergências dogmáticas e/ou institucionais culminam, geralmente, em uma nova seita (neo) pentecostal. Já no Catolicismo, esse cisma é interno, o que não leva ao rompimento com a Instituição Católica.

¹²³ CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. **Pentecostalismo:** sentidos da palavra divina. São Paulo: Ática, 1995, p. 96.

De acordo com Callois, qualquer concepção religiosa do mundo implica a uma distinção do sagrado e do profano. Ambos os gêneros são necessários ao desenvolvimento da vida: um como meio onde ela se desdobra, o outro como a fonte inesgotável que a cria, mantém e renova. Dessa maneira, o Sagrado aparece

(...) como uma categoria da sensibilidade. Na verdade, é a categoria sobre a qual assenta a atitude religiosa, aquela que lhe dá o seu caráter específico, aquela que impõe ao fiel um sentimento de respeito particular, que presume a sua fé contra o espírito de exame, a subtrai à discussão, a coloca fora e para além da razão.¹²⁴

A vida religiosa seria a soma das relações profanas (humanas) com o sagrado. Suas diversas manifestações nos levam à noção da religião enquanto administradora do Sagrado, onde as crenças as expõem e os ritos as asseguram na prática. Hubert define isso como a ideia-mãe da religião.

Os mitos e os dogmas analisam-lhe o conteúdo a seu modo, os ritos utilizam-lhe as propriedades, a moralidade religiosa deriva dela, os sacerdócios incorporam-na, os santuários, lugares sagrados e monumentos religiosos, fixam-na ao solo e enraízam-na.¹²⁵

Para a Igreja, o Carismatismo Católico é o (re) despertar dessa espiritualidade, ligada com as seitas históricas cristãs primitivas em busca da recuperação da mística original presente no Cristianismo. Esse avanço pentecostal do catolicismo fez com que a Igreja tradicional procurasse rever sua atuação no Brasil, desenvolvendo uma liturgia menos racional. O Papa João Paulo II em seu ‘Discurso aos Responsáveis pelo Movimento Carismático Católico’, de outubro de 1998, demonstrou o apoio aos grupos de oração junto à RCC. De acordo com ele

a Renovação Carismática Católica ajudou muitos cristãos a redescobrir a presença e a força do Espírito Santo na sua vida, na vida da Igreja e no mundo. Esta redescoberta despertou neles uma fé em Cristo repleta de alegria, um grande amor pela Igreja e uma generosa dedicação à sua missão evangelizadora.¹²⁶

Essa preocupação também se faz presente em algumas Igrejas Protestantes históricas, uma vez que o movimento possibilita o debate ecumênico. Para Campos Júnior, a aceitação por parte da Igreja Católica também é verificada, por exemplo, nos

¹²⁴ CAILLOIS, Roger. **O Homem e o Sagrado**. Tradução de Geminiano Cascais Franco. Lisboa: Edições 70, 1963, p. 20.

¹²⁵ HUBERT, H. Prefácio. CHANTEPIE DE LA SAUSSAYE. **Manual da História das Religiões**. Paris: s/ed., 1904.

¹²⁶ Discurso aos responsáveis pelo Movimento Carismático Católico. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1998/october/documents/hf_jp-ii_spe_19981030_carismatici_po.html. Acesso em 17/10/13 às 17:09.

grupos metodistas; “[...] o ‘despertar’ católico tem provocado ressonância em algumas igrejas protestantes históricas. Estas procuram dar mais liberdade às ações consideradas carismáticas.”¹²⁷

2.2 As Bases Gerais do Movimento Carismático

Diferentemente dos movimentos leigos que a Igreja Católica conheceu durante o século XX, a RCC difere-se também da organização das Pastorais. Mesmo sediada em Roma, sua direção máxima, o escritório internacional, é uma instituição basicamente laica. Sua missão é coordenar as “[...] missões do mundo inteiro, incluindo em suas atividades conferências internacionais e regionais, comunicações, incentivos a projetos de evangelização e a publicação de um Boletim Internacional.”¹²⁸

Logo depois se encontra uma divisão continental que no caso Latino-americano, localiza-se em Bogotá, na Colômbia. Sua principal função é coordenar os encontros de líderes que acontecem de dois em dois anos. Abaixo dessa divisão há os conselhos nacionais. No Brasil, seus membros reúnem-se semestralmente com a missão de avaliar o movimento e definir os projetos. Há também equipes regionais que acompanham os trabalhos e, dependendo do bispo, equipes diocesanas, responsáveis pelos encontros e por acompanhar os Grupos de Oração.

Esse afunilamento das responsabilidades reflete-se também no interior dos Grupos de Oração, onde se formam comissões de serviço até que todos os níveis da estrutura episcopal sejam preenchidos por comissões de movimentos carismáticos.

A base da vida Carismática são esses Grupos de Oração. Trata-se de encontros semanais cujo objetivo é a Renovação Espiritual de seus participantes. De forma alguma têm a função ou intenção de substituir a vida sacramental e o culto tradicional. No fim, acaba por complementá-la, ao trazer seus participantes para a Vida no Espírito.

Esses encontros têm como base ‘a oração sob várias formas: louvor, ação de graça orações contemplativas, oração em línguas, petições de graça e cura; os cânticos, que são uma forma de oração; o silêncio; o exercício dos dons carismáticos; as leituras da Bíblia; os testemunhos e as partilhas.’¹²⁹

¹²⁷ CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. **Pentecostalismo**: sentidos da palavra divina. São Paulo: Ática, 1995, p. 100.

¹²⁸ Comissão Nacional de Serviços da RCC. **O que é RCC?** Brasília, s/d.

¹²⁹ PRANDI, Reginaldo; SOUZA, André Ricardo de. A Carismática despolitização da Igreja Católica. PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. (Orgs.). **A Realidade Social das Religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996.p. 66.

O ponto alto da vida carismática se encontra nos Grupos de Oração. Ali os fiéis católicos vivenciam as mais variadas formas de louvor e adoração. Louvar é o que realmente interessa aqui. As pessoas podem cantar, pular, trocar calor, extravasar as tensões. São nesses grupos que os fiéis acreditam receber as bênçãos que Jesus pode lhes dar, por meio do Espírito Santo.

Além disso, os carismáticos se reúnem em grandes encontros anuais, chamados de Cenáculos que geralmente acontecem em grandes lugares públicos, como estádios e ginásios. Também são desenvolvidas outras programações como o retiro de aprofundamento espiritual, vigílias de oração, de louvor e reuniões de cura, onde cada grupo define suas atividades.

Assim como no Pentecostalismo, no Movimento Carismático Católico a renovação espiritual também é vista como fruto dos carismas ou dons do Espírito Santo. De acordo com Degrandis & Schubert, basicamente são nove os dons divinos, divididos em três grupos: 1) os dons da palavra: dom das línguas estranhas, das interpretações e das profecias; 2) dons do poder: fé, cura, milagre; e 3) dons das revelações: sabedoria, ciência e discernimento.¹³⁰

Em cada grupo os dons enfatizados são diferentes, mas ocupam destaque *o dom de línguas* (transe que revela a presença do Espírito Santo), *o da fé* (fundamento do emocional, da oração e da cerimônia de euforia) e *o dom do poder de cura* (que tira os males e doenças pela imposição das mãos).

Dessa forma, o batismo no Espírito Santo é, para os carismáticos, um rito que marca e dá graça. Tais dons surgem com esse ritual, o que acaba por dar uma nova dimensão de comunidade e do que é ser cristão.

O batismo no Espírito Santo consiste na oração que uma comunidade cristã eleva a Jesus glorificado para que derrame seu Espírito de maneira nova e em maior abundância sobre a pessoa que ardente mente o pede e por quem se ora. Esta oração se faz, ordinariamente, mediante a imposição das mãos. Nesta forma, o que batiza no Espírito Santo não é este ou aquele irmão, e sim o próprio Jesus glorificado.¹³¹

Esta ideia de comunidade voltada para a oração não está longe da concepção de mundo dos pentecostais protestantes. Ela deve estar presente em todas as dimensões da vida do fiel: na família, na escola, no trabalho e deve-se afastar de tudo e de todos que não aceitam o carisma. Assim, para um carismático, como explica Smet, “[...] ser

¹³⁰ DEGRANDIS, Robert; SCHUBERT, Linda. **Vem e segue-me:** a liderança na Renovação Carismática Católica. 2^a Ed. São Paulo: Loyola, 1990, p. 73.

¹³¹ ALDAY, Salvador C. **O Batismo no Espírito Santo.** 2^a Ed. Rio de Janeiro: Louva-Deus, 1986, p. 88.

*cristão é viver em relacionamento íntimo com a Santíssima Trindade”, participando sempre de “(...) uma comunidade de oração.”*¹³²

Com isso, o Movimento Carismático dedica-se a trazer o milagre pela intervenção divina como sendo uma ocorrência ampla e frequente, diferentemente da maneira pela qual a Igreja Católica vem colocando-o durante sua história. Mesmo com a pouca proximidade de certas posições oficiais da Igreja, sua fundamentação doutrinária segue à risca a doutrina oficial do catolicismo romano.

No Brasil tem havido grande apoio do episcopado em relação ao movimento. Suas reuniões ocorrem dentro dos próprios Templos ou espaços cedidos pela paróquia e são conduzidas por uma liderança leiga, orientadas por sacerdotes e teólogos engajados no movimento. Mesmo assim, eles não deixam de frequentar as missas e participar dos sacramentos oficiais.

Dessa forma, percebemos que o Movimento Carismático Católico também está disposto a disputar fiéis e seguidores no amplo território do mercado religioso. Para isso, a estratégia adotada pelos seguidores, além de delimitar seus espaços é também a de definir seus opositores. A grande ameaça são o Espiritismo Kardecista, a Umbanda, o Candombl. Os Carismáticos não atacam seus irmãos pentecostais protestantes, mas sim esperam que eles se disponham a “[...] assumir um compromisso total com a libertação do Pentecostes.”¹³³

2.3 Embates Internos do Movimento Carismático

De maneira ampla, a RCC e seus ritos, são encarados com certa prudência pela Igreja Católica, sempre atenta aos limites das práticas cristãs. Percebemos claramente esse posicionamento na fala de Dom Cláudio Hummes, em entrevista ao programa Canal Livre, da Rede Bandeirantes:

Mas a Igreja tem estado atenta e eles mesmos têm sido, sobretudo as lideranças maiores do movimento da RCC, eles têm sido muito atentos e receptivos, às orientações que o episcopado tem dado. E não só o episcopado, mas mesmo Roma. Porque o movimento é reconhecido por Roma. Roma reconhece o movimento. De forma que ele é um movimento legítimo dentro da Igreja mas, como todos, ele acentua certas coisas e que devem ser, obviamente, vividas dentro dos limites aceitáveis e para que não se chegue, digamos a exageros. Podia até conduzir a coisas que não são mais atribuíveis a Deus, que não se

¹³² SMET, Walter. **Comunidades Carismáticas**. São Paulo: Loyola, 1987, p. 55.

¹³³ WALSH, Vincent M. **Conduzi o meu povo**: manual para líderes carismáticos. 4^a Ed. São Paulo: Loyola, 1991, p. 60.

pode mais atribuir ao Espírito Santo mas que são, às vezes, coisas psicológicas, de outro tipo de realidades humanas, de reações humanas. Mas a Igreja está muito atenta a isso. Mas eu acho que, no seu conjunto, tem feito um grande trabalho de evangelização do nosso povo.¹³⁴

Podemos perceber nas palavras de Dom Claudio Hummes, então Cardeal-Presbítero da Santa Sé, que o carismatismo católico apesar de ser prática interna e aceita pela Cúria Romana, tem sido mantida sob constante vigilância. Dentro dessas práticas constatamos o sentido de ser cristão para o carismático: trata-se da defesa da renovação espiritual, calcada nos Dons e no Batismo no Espírito Santo.

Apesar de tantos eventos e presença marcante no município e na sociedade brasileira atual, o Movimento Carismático ainda encontra oposição, tanto de fiéis tradicionais, quanto de membros do clero católico. Dentre um de seus opositores está o Pe. José Luiz Gonzaga do Prado, da Paróquia Santa Rita, da Diocese de Guaxupé, em Nova Resende, MG. Mestre em Ciências Bíblicas pelo Pontifício Instituto Bíblico, Roma, Itália, é autor de vários livros e artigos, principalmente sobre a Bíblia e suas interpretações. Em seu artigo, ‘Há razões para não apoiar a RCC?’, ele nos deixa evidente sua posição enquanto defensor das CEBs e da TdL, demonstrando por que é um opositor da RCC, principalmente em relação no que diz respeito às possíveis reações psicológicas humanas, que partem de ações humanas, e não do Espírito Santo, como apontadas por Hummes.

Partindo de noções de psicologia e parapsicologia, ele demonstra como algumas práticas e fenômenos carismáticos, que podem ser encontrados em outras denominações religiosas e dentro do próprio cristianismo, podem ser entendidos de forma racional e, biblicamente, não são válidos. Ele critica a RCC em relação à interpretação que seus membros dão ao Carisma, exposto por Paulo em suas Cartas.

No capítulo 13, como ‘caminho incomparavelmente superior’ a todas aquelas manifestações que poderiam parecer a mais excelente experiência religiosa, Paulo apresenta o amor-solidariedade, o amor cristão, a *ágape*. Ao descrever e destacar as qualidades da *ágape* parece insinuar que o amor cristão está isento dos vícios e defeitos inerentes àquelas manifestações de carismas. Ele diz que o amor cristão “não é invejoso, não é presunçoso nem se incha de orgulho, não faz nada de vergonhoso, não é interesseiro, não se

¹³⁴ HUMMES, Dom Cláudio. Entrevista no programa Canal Livre, SP: Rede Bandeirantes de Televisão, 2002. Apud SANTOS, Geraldo Junio Pinheiro. **Católicos e carismáticos na Diocese de Uberlândia**: Rádio América, nas ondas da fé e da emoção – Uberlândia (1961-1995). 2006. Dissertação (Mestrado) – Programada de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006. p. 44.

encoleriza” etc. Quanto ao que Paulo diz no capítulo 14, quando volta a falar dos dons do Espírito, será que hoje algum grupo de RCC consegue observar rigorosamente tudo o que ali está?¹³⁵

Para Mons. José Luiz, as manifestações de transe não passam de uma hipnose coletiva provocada pelo clima emocional, ritmo, dança e música. Ele parte do princípio de que, no Candomblé, as diversas reações das pessoas são atribuídas às diferentes entidades dos cultos. Como explicar, por exemplo, a ambiguidade da RCC, uma vez que há relatos de pessoas que se sentiam possuídas pelo demônio e outras tomadas pelo Espírito Santo? Como explicar que a mesma causa produza efeitos tão diferentes?

A hipnose é um estado em que os níveis inferiores da consciência passam a comandar a pessoa. O que está lá no fundo, ao ser provocado, aflora nas diversas manifestações. Atribuir isso ao Espírito Santo ou reduzir a atuação da terceira pessoa da Trindade a ser a causadora dessas reações não é correto.¹³⁶

Ele aborda, dessa maneira, como a atuação da RCC está voltada para o emocional, para o pessoal, o que esvazia o cotidiano e tira sentido do social, do coletivo.

Há insistência no extramundano (Deus e o diabo), que desvia o pensamento do mundo e de seus contrastes, que dá explicações de fora do mundo para todos os problemas, também os psicológicos. Nota-se uma visão mágica, especialmente com relação aos sacramentos, que prendem Deus e o ser humano ao rito, impedindo uma comunicação livre e amigável entre os dois.¹³⁷

Esse discurso é claramente o de um teólogo da libertação, que insiste na ideia de que o cristianismo é uma religião da Salvação, com uma proposta coletiva. Por fim, ele demonstra que, mesmo se os rituais carismáticos fossem válidos, do ponto de vista católico, de nada se vale, uma vez que a proposta cristã está embasada no amor ao próximo.

(...) Se não interessa mais o Reino de Deus no mundo, então podemos tirar Jesus da cruz. Mesmo que se tente pôr o Espírito Santo no lugar dele, isso já não é mais cristianismo.¹³⁸

Ao analisar o texto do Mons. José Luiz percebemos que seu pensamento é geral, pois não situa movimento no tempo e espaço, tratando a RCC como uma realidade simples e *sui generis*. Apesar de, no início, ela ter sido entendida como uma

¹³⁵ PRADO, José Luiz Gonzaga do. **Há razões para não apoiar a RCC?** Artigo extraído da Revista Vida Pastoral, nº 234, Jan/Fev 2004. p. 2. Disponível em <http://br.dir.groups.yahoo.com/group/catolicosacampho/message/11065>. Acesso em 18/11/2013 às 11:45. p. 3.

¹³⁶ Idem

¹³⁷ Ibidem. p. 9.

¹³⁸ PRADO, José Luiz Gonzaga do. **Op. Cit.** p.11.

espiritualidade não institucionalizada¹³⁹, sua expansão, bem como de seus grupos de oração e outras comunidades carismáticas, levou tal estrutura a ser entendida como Movimento.¹⁴⁰

O Movimento Carismático Católico mantém ligação íntima com a religiosidade popular, onde se faz presente aquela figura icônica, seja como Antônio Conselheiro ou mesmo aquela benzedeira do bairro, cujos rituais misturam fé cristã e elementos de suposição. Esse misticismo carismático se confunde com a cultura carismática popular, de romarias, procissões e devoções a santos.

Apesar de toda oposição de partes do clero mais conservador, há uma ala que defende a RCC, e possuiu grande suporte do episcopado brasileiro. Em termos mais amplos, o documento que traçou as primeiras diretrizes sobre os carismas para os tempos atuais foi a *Lumen Gentium*, de 1964. De acordo com essa Constituição Dogmática

(...) O Espírito habita na Igreja e nos corações dos fiéis (...) dirige-a mediante os diversos dons hierárquicos e carismáticos (...). Não é apenas através dos sacramentos e dos ministérios que o Espírito Santo santifica e conduz o Povo de Deus (...), mas, repartindo seus dons a cada um como lhe apraz, distribuindo entre os fiéis de qualquer classe (...). Estes carismas quer sejam os mais elevados, quer também os mais simples e comuns, devem ser recebidos com ação de graças e consolação, por serem muito acomodados e úteis às necessidades da Igreja.¹⁴¹

No Brasil, a própria CNBB demonstra apoio ao Movimento, constatado no chamado ‘Documento 53: Orientações Pastorais para a RCC’. Produzido a partir de um amplo trabalho, foi apreciado na 32ª Assembleia Geral da CNBB, em abril de 1994 e aprovado na 34ª Reunião Ordinária do Conselho Permanente, em novembro do mesmo ano.¹⁴²

Dentre os trechos de maior relevância destaca-se o direito à liberdade associativa dos fiéis reconhecida e garantida pelo Direito Canônico e deve ser exercida na comunhão eclesial.

¹³⁹ Ver: Orientações Teológicas e Pastorais da Renovação Carismática Católica. 3ª Edição. São Paulo: Loyola, 1979. O texto final tem a colaboração de importantes teólogos como Joseph Ratzinger.

¹⁴⁰ Para melhor compreender a estrutura da RCC no Brasil e no mundo, ver: <http://www.rccbrasil.org.br/portal/>.

¹⁴¹ Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: sobre a igreja. Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html. Acesso em 26/11/13 às 20:01.

¹⁴² Para um estudo do conteúdo teológico do documento, ver: CATÃO, Francisco. **Carismáticos, um sopro de renovação**. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1995.

O Papa João Paulo II, na sua Exortação Apostólica *Christifideles Laici*¹⁴³, (o tópico Critérios de eclesialidade para as agregações laicas pode ser consultado integralmente no anexo no fim desse trabalho) de dezembro de 1998, aponta critérios fundamentais para o discernimento de toda e qualquer associação dos fiéis leigos na Igreja, que podem ser aplicados a todos os grupos eclesiais.¹⁴⁴

Portanto, a RCC aparece como um movimento legítimo no que tange o cenário pastoral brasileiro. O documento diz ainda:

Reconhecendo-se a presença da RCC em muitas Dioceses e também a contribuição que tem trazido à Igreja no Brasil, é preciso estabelecer o diálogo fraternal no seio da comunidade eclesial, apoiando o sadio pluralismo, acolhendo a diversidade de carismas e corrigindo o que for necessário. Nenhum grupo na Igreja deve subestimar outros grupos diferentes, julgando-se ser o único autenticamente cristão.¹⁴⁵

Além disso, o documento deixa claro como bispos e párocos devem se posicionar perante o Movimento em suas respectivas áreas de influência. Tais orientações que procedem da cúpula episcopal brasileira são instrumento de diálogo entre RCC e as Igrejas locais.

Os Bispos e os párocos procurem dar acompanhamento à RCC diretamente ou através de pessoas capacitadas para isso. Por sua vez, a RCC aceite as orientações e colabore com as pessoas encarregadas desse acompanhamento. Deve-se também reconhecer a legitimidade de encontros e reuniões específicos da RCC, nos quais seus membros buscam aprofundar sua espiritualidade e métodos próprios, dentro da doutrina da fé e da grande comunhão da Igreja Católica.¹⁴⁶

Como forma de suprir certa falta de fiéis, tendo em vista que a participação nos grupos é rotativa e, além de ser uma maneira de expansão e fortalecimento do movimento, a RCC se dedica à formação de seus membros por meio da chamada Escola Permanente de Formação, tutelada pelo Ministério de Formação, grupo responsável por proporcionar cursos variados sobre a Igreja, a RCC e temas análogos. Apesar de inicialmente ser voltado para membros assíduos da Renovação, o chamado Módulo Básico é aberto para toda comunidade católica, com o objetivo de “*formar os servos tornando-os capacitados e renovados para que atuem na RCC de acordo com sua identidade, unidade e missão.*” É composto por cinco ensinos: Identidade, Ofensiva

¹⁴³ Exortação Apostólica Christifideles Laici: sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no Mundo. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici_po.html. Acesso em 22/11/13 às 19:28. Para uma leitura estrita, ver em anexo: Nº30. Critérios de eclesialidade para as agregações laicas. p. 124.

¹⁴⁴ Documento 53 da CNBB: **Orientações Pastorais para a Renovação Carismática Católica**, nº 18. p. 3-4.

¹⁴⁵ Idem. nº 19-20. p. 4.

¹⁴⁶ Documento 53 da CNBB: **Orientações Pastorais para a Renovação Carismática Católica**, nº 18. p. 4.

Nacional, Espiritualidade, RCC como o novo Pentecostes e Contexto Eclesial.¹⁴⁷ Conhecido anteriormente como Escola Paulo Apóstolo oferece atualmente um curso do estudo acerca da identidade da RCC, com um aprofundamento no que diz respeito a importantes temas como Carismas, Grupos de Oração, Lideranças da RCC e a Doutrina Social da Igreja. Como se trata de uma formação continuada há também o Módulo Serviço, voltado para aqueles que concluíram o básico.¹⁴⁸

Além desse, o Movimento Carismático Católico se subdivide em outros grupos menores, os chamados Ministérios, encarregados de várias tarefas além da formação, como: comunicação, artes, crianças, cura e libertação, promoção humana, famílias, pregação, intercessão, comunicação social, jovens e Universidades Renovadas¹⁴⁹, sendo os dois últimos de grande interesse no que tange as pretensões de nossa pesquisa.

2.4 Pentecostalismos Católico e Protestante: proximidades e diferenças

Ao transpassar as atividades e dinâmicas da Igreja Católica e do cristianismo nos últimos séculos, passando pelo Vaticano II, considerado o grande ensejo da Igreja no mundo contemporâneo, se faz necessário compreender como ela se insere diante da modernidade. O evento conciliar tratou-se de um ponto de partida ou de chegada? De várias maneiras tratou de ser uma revolução, que abalou alicerces seculares e eclesiásticos. Conforme nos apresenta João Batista Libanio , significou uma

real ruptura em relação à mentalidade predominante na Igreja Católica até o final do pontificado de Pio XII. Essa ruptura caracterizou-se pela passagem de uma visão pré-moderna do mundo para uma visão moderna. E o Concílio foi esse divisor de águas, ao confeccionar os textos e ao dirigi-los precipuamente ao sujeito social moderno.¹⁵⁰

Nota-se, sem sombra de dúvidas, o fluxo do catolicismo do hemisfério norte para o hemisfério sul; um deslocamento de um catolicismo estagnado para um de grande fecundidade pastoral e teológica e uma participação efetiva dos jovens. Também é importante refletir sobre os diversos questionamentos da Igreja frente à modernidade.

¹⁴⁷ Disponível em <http://www.rccformacao.blogspot.com.br>. Acesso em 22/11/13.

¹⁴⁸ Para melhor compreensão do conteúdo de Formação da Escola Permanente, ver: <http://ministerioformacao.wordpress.com/escola-permanente/>

¹⁴⁹ A descrição dos Ministérios está disponível em: <http://rccuberlandia.blogspot.com.br>.

¹⁵⁰ LIBANIO, João Batista. **Concílio Vaticano II**. Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005. p. 14.

Mas o que simboliza efetivamente o Concílio em termos gerais? Para Miranda, a maior conquista, fora o diálogo:

O Concílio Vaticano II significou uma mudança decisiva para esta configuração eclesiástica. Pois aceitou dialogar com a sociedade civil, avaliar a cultura da modernidade, assumir alguns de seus elementos, atualizar (aggiornamento) sua pastoral pelo conhecimento do contexto real onde vivem os católicos, reconhecer a importância das Igrejas locais e a necessária inculcação da fé. O diálogo se estendeu às Igrejas nascidas da Reforma, bem como as outras religiões. Conhecemos os anos turbulentos que se seguiram ao Concílio Vaticano II, como já havia acontecido frequentemente no passado, e a reação posterior acentuou novamente, a centralização romana, o controle da produção teológica, a volta de uma hegemonia acentuada da hierarquia, a uniformização da liturgia e a modesta abertura proporcionada ao laicato na Igreja.¹⁵¹

Como detalhado anteriormente, o componente secularizante da modernidade é um questionamento válido. Porém, tanto uma abordagem historiográfica quanto teológica do Concílio deve ultrapassar os textos, criando canais de diálogo entre as diversas culturas da modernidade. Nossa indagação inicial acerca da direção do evento conciliar configura duas possibilidades de análises. Se tratarmos como uma continuidade, não estaremos dando a devida atenção às transformações em curso e ao enfraquecimento do poder institucional, mas sim reforçando sua incapacidade de mudanças. Por outro lado, a ruptura configura uma novidade; modificações, um corte cultural da história e das condições sociais.

Libanio nos mostra os desdobramentos dessa dupla leitura e como elas se configuraram até hoje.

Uns preferiram ver nele a continuidade com os dois últimos concílios anteriores, Trento e Vaticano I, e outros chamam a atenção para a novidade que inaugurou. A escolha da leitura não é inocente. Revela elementos ideológicos anteriores e traz consequências para a recepção do concílio. Como, nesse momento, após 40 anos de seu encerramento, defrontam-se essas duas leituras, vale a pena perguntar-nos pelos pressupostos da escolha (...) se a leitura de continuidade acentua o permanente, o estrutural e considera a história um fluxo contínuo. É feita muito a gosto da instituição, oferecendo segurança, mas padecendo facilmente do viés ideológico e inibidor de mudanças. A leitura de ruptura salienta o ponto de novidade criativa, muito própria dos críticos e profetas, gerando insegurança, desagradando os senhores da instituição, mas permitindo avanços.¹⁵²

¹⁵¹ MIRANDA, M. F. *Igreja e Sociedade*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 77-78.

¹⁵² LIBANIO, João Batista. *Concílio Vaticano II*. Em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Loyola, 2005. p. 9-11.

O *aggiornamento* estaria em coesão com o processo de *desencantamento do mundo* em Weber. Este, por sua vez, exprime o retrocesso da magia, uma adoção da racionalidade como meio de compreensão do sagrado. Apesar de esse processo ter existido e avançado não podemos dizer em retrocesso. Desencantamento do mundo refere-se ao desencantamento da lei, a dessacralização do direito, e põe de pé o moderno Estado laico como *domínio da lei*. É o ‘desencantamento do mundo, a eliminação da magia como meio de salvação’, realizado pelas religiões éticas.

As novas ofertas religiosas professam justamente uma recuperação da mística religiosa. O catolicismo também incorporou tais ideais, resgatando a magia. Tal processo culminou na Renovação Carismática que, ao lado das religiões evangélicas pentecostais, mantém a cura divina como centro da prática religiosa.

É evidente a busca por soluções mágicas dentro das várias experiências religiosas no Brasil. Problemas e males de todos os graus são conduzidos a centros kardecistas, templos evangélicos, terreiros de umbanda e candomblé e a centros católicos de peregrinação.

Com a RCC, o católico não precisa mais aderir à outra condição religiosa na busca por soluções diversas, seja do corpo ou da alma. Suas necessidades são revalorizadas internamente e a cura está ao seu alcance. E seus anseios, em sua maioria, são iguais àqueles que buscam os pentecostais: assistência espiritual, matéria e físico. Servindo de conforto, a religião proporciona alento para os desafios diários.

Contudo, apesar de carismáticos e pentecostais assemelharem-se no que tange à cura divina, eles se divergem no ponto de sua abrangência: para o carismático, ela aparece em um âmbito pessoal e, a cura em si, é menos centrada, já que eles se aproximam de um quadro de explicação racional, afastando-se do discurso mais direto, típico do pentecostalismo.

Outras concepções também se divergem entre essas duas categorias religiosas: se por um lado a Mal sempre está presente no discurso pentecostal, no carismático o homem é o centro do debate. Diferentemente do evangélico, ele vê o Homem como o mal maior da humanidade e não as ações de uma força maligna sobrenatural.

Doravante, a concepção de dinheiro também diverge entre ambos. Enquanto a renovação acaba por deixar a questão de posse material em um patamar mais inferior, colocando a ‘paz espiritual’ em primeiro lugar, o (neo) pentecostalismo legitima as aspirações materiais do fiel - a chamada Teoria da Prosperidade - defendendo por vezes a doação para a Igreja como forma de alcançar a graça divina.

Essas duas esferas se apresentam como aptas a dar soluções para as indagações de seus membros, necessárias para sua felicidade. Porém, mesmo com esses pontos em comum, cada uma delas possui sua maneira de tratá-los. Seus discursos são distintos e dirigem-se a públicos diferentes. Conforme apresenta Reginaldo Prandi, “*o discurso é mais ‘popular’, mais direto, sem rodeios, no caso pentecostal, e mais elaborado quando carismático, portanto, mais a gosto das classes mais favorecidas, em geral, mais escolarizadas e mais sensíveis a discursos mais abstratos.*”¹⁵³

Apesar de ambos se aproximarem da noção de pecado, se diferem em sua adesão: para o pentecostal, o Mal vem de uma força externa, maligna; já o carismático vê nisso uma batalha interior, onde o próprio Homem é responsável por seus atos, e essa noção de livre arbítrio valoriza o arrependimento. Mesmo a adesão ao movimento carismático ser motivada, em partes, pela busca na solução dos mais variados males que afligem o fiel, essa somente se efetiva quando ocorre certa conversão interna, capaz de redefinir o sentido para sua vida.

Essa filiação religiosa, em ambos os casos, expressa uma variação da mentalidade e interiorização de alguns padrões e normas, delineando alguns comportamentos, tanto no âmbito individual quanto coletivo.

Com a RCC se trata de um movimento internalizado, onde há uma preocupação com a conduta moral e questões internas de seus membros. Percebemos, por exemplo, uma defesa em nome do pudor sexual, baseado em uma moral familiar mais tradicional. Não é raro encontrarmos em grupos de oração casais de jovens carismáticos que aderiram ao movimento ‘Eu Escolhi Esperar’, que trata-se de uma campanha cujo objetivo é “*encorajar, fortalecer e orientar adolescentes, jovens e pais sobre a necessidade de viver uma vida sexualmente pura e emocionalmente saudável, valorizando a importância de saber esperar o tempo certo, a pessoa certa e a forma certa de viverem as experiências nestas duas áreas da melhor maneira.*”¹⁵⁴

Encontramos em Geertz¹⁵⁵ justamente essa relação do nível religioso com o *ethos* cultural dos grupos sociais, marcado pelas expressões simbólicas e configurador dos valores, representações e crenças partilhadas.

Maria das Dores Machado aponta aproximações e divergências entre pentecostais e carismáticos no que diz respeito vida íntima. Em sua análise, percebe-se

¹⁵³ PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do espírito:** a renovação conservadora do catolicismo carismático. 2^a Ed. São Paulo: EDUSP – Fapesp, 1998. p. 132.

¹⁵⁴ Disponível em <http://euescolhiesperar.com/mobilizacao>. Acesso em 22/07/2014 às 15:48.

¹⁵⁵ GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

uma busca pela santificação, um ideal de igualdade espiritual entre seus membros e a compreensão individual de salvação, além do misticismo, o emocionalismo, o ‘falar em línguas’ e a valorização da Bíblia¹⁵⁶.

Afora as condenações de atos sexuais fora do casamento e práticas homossexuais, há uma diferença evidente no que diz respeito à reação de cada uma dessas modalidades religiosas. O pentecostal apresenta-se mais tolerante ao julgar que tal falta trata-se da obra de alguma força exterior. Já o carismático, por internalizar a culpa, vê tais desvios como ausência de valores, portanto, ele é mais inclinado a efetivar julgamentos morais, como aponta Prandi

Fiéis aos preceitos tradicionais católicos, os carismáticos possuem uma postura que associa sexualidade à reprodução. Dessa forma, em sua maioria, condenam técnicas de controle de natalidade, pregando a abstinência sexual e combatendo o uso de preservativos. Já os pentecostais manifestam-se mais flexíveis e, por vezes, estimulando o controle do número de filhos.

Ambos condenam o aborto e a pornografia, bem como o alcoolismo e o uso de drogas, além de valorizarem a castidade. Todavia, apesar de os dois grupos condenarem o homossexualismo, há uma diferença na responsabilidade da culpa. Na perspectiva de Prandi,

a RCC prega que o homossexualismo é uma doença que se propõe a curar. Ensina que essa prática é anormal e pecaminosa e responsabiliza os homossexuais pelo surgimento da AIDS. Os pentecostais igualmente condenam a prática, mas acreditam que o homossexual está possuído pelo demônio, não sendo culpabilizável.¹⁵⁷

Todos esses pontos apresentados nos mostram como a RCC lida com a interiorização dos valores cristãos, visto que, para o pentecostal, esses são externos, estando ligados muito mais na conversão pela magia do que pela internalização de princípios ético-morais. De forma genérica, a renovação carismática é mais protestante, no sentido da Reforma, do que as novas seitas neopentecostais.

Nessa disputa com o pentecostalismo protestante, a Renovação passa por uma dificuldade quando se trata do Rito Mariano. O Culto à Virgem é presença constante em

¹⁵⁶ MACHADO, Maria das Dores Campos. **Adesão Religiosa e seus Efeitos na Esfera Privada:** Um estudo comparativo dos Carismáticos e Pentecostais do Rio de Janeiro. Tese de Doutorado em Sociologia. Rio de Janeiro, Iuperj, 1994.

¹⁵⁷ PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do espírito:** a renovação conservadora do catolicismo carismático. 2ª Ed. São Paulo: EDUSP – Fapesp, 1998. p. 136.

várias modalidades religiosas. Até mesmo as religiões afro-brasileiras, sincretizada na figura de Iemanjá, reservam esse patamar especial.

A presença de Maria marca a identidade católica do Movimento Carismático, cujo culto remonta os primeiros séculos. No Brasil, desde o descobrimento, ela é venerada de forma tradicional e popular. Como indica Bourdieu¹⁵⁸, trata-se da relação do campo religioso com as manifestações identitárias, especialmente dos grupos populares, com as modalidades pertinentes de apropriação dos mitos e ritos sociais.

Conforme indica Prandi, hoje, o Culto acabou levando a uma divergência entre cristãos católicos e protestantes: se por um lado Maria é venerada como Mãe de Cristo e da Igreja, por outro sua figura nada mais é do que de uma mulher cuja graça recebida deva ser lembrada, bem como exemplo de conduta. E o contraste de opiniões aumentou ainda mais com o surgimento da RCC, que o promoveu ainda mais.

As celebrações carismáticas geralmente se iniciam com orações e cânticos em louvor à Virgem Maria, Mãe de Cristo e, portanto, Imaculada. Conforme observado, os Grupos de Oração dedicam o momento inicial das reuniões a ela, e sua imagem é tida como símbolo de avivamento. A crítica protestante não aparece apenas em relação ao Culto à Maria, mas na adoração de imagens e outros deuses, crítica que, assim, se estende também ao panteão afro-brasileiro. E essa simpatia ao Rito Mariano acabando sendo a delgada linha que separa carismáticos e pentecostais protestantes. Mesmo com suas bases católicas tradicionais, a Renovação Carismática paira sobre o campo evangélico.

¹⁵⁸ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

Capítulo III - Movimento Carismático e Juventude em Uberlândia

Aos moldes da grande maioria dos municípios que surgiram a partir do movimento de colonização do interior brasileiro, Uberlândia possui uma história fortemente pautada na presença católica. O princípio do povoado data de 1852 quando fora instalado o distrito de Nossa Senhora do Carmo e São Pedro de Uberabinha, em torno da Capela de Nossa Senhora do Carmo e Mártir São Sebastião, cuja construção teve início em 1846. Essa ligação sempre foi íntima, a exemplo do primeiro padre, José Martins Carrejo, que era filho de um dos fundadores do município, Felisberto Alves Carrejo. Segundo o memorialista Antônio Afonso da Cunha, “*de modo geral, em nossa região, como em tantas outras, não se pode separar a história civil da religiosa. Foi a construção das capelas que deu origem aos povoados que são, hoje, as grandes cidades do Triângulo Mineiro.*”¹⁵⁹ Em Uberlândia essa relação é visível desde o início, onde os projetos civis e ideais da classe dominante encontravam respaldo e legitimidade nos projetos da Igreja.

Desde a apropriação de terras como concessão de sesmarias (1821), preconizava-se nas cartas oficiais a preocupação em construir o núcleo urbano por meio de um processo seletivo, favorecendo-se proprietários unidos por laços afetivos, de sangue e confiança. Tendo em vista que para o tipo de ocupação agrária os escravos não eram a mão de obra produtiva fundamental, optou-se pela atração de homens livres, migrantes, parentes e conhecidos, dentre eles famílias com padres, como o filho de Felisberto Alves Carrejo.

Os germes do núcleo urbano estão dados em 1852, quando o arraial foi transformado em distrito e instalado oficialmente em 1858. Como marco importante dessa época, figura a demarcação dos terrenos patrimoniais da capela concebida por Felisberto Carrejo, quando se transferiu o direito de sua posse para a Igreja Católica.¹⁶⁰

Tito Teixeira, memorialista überlandense, não deixa dúvidas entre a relação Igreja e poder público, deixando à mostra como a Igreja se beneficiou do patrimônio destinado ao núcleo urbano.

(...) dessa magnífica obra idealizada por Felisberto Carrejo foram pagas por subscrições populares. (...) o escrivão faz constar que, sendo

¹⁵⁹ CUNHA, Mons. Antônio Afonso da; SALAZAR, Aparecida Portilho. **Nossos pais nos contaram:** História da Igreja em Uberlândia (1818-1889). Uberlândia: UFU, 1989. p. 33.

¹⁶⁰ SANTOS, Geraldo Junio Pinheiro. **Católicos e carismáticos na Diocese de Uberlândia:** Rádio América, nas ondas da fé e da emoção – Uberlândia (1961-1995). 2006. Dissertação (Mestrado) – Programada de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006. p. 28-29.

a capela possuidora de cem alqueires de terras, de compra e cultura, o povo do município comprara por quatrocentos mil réis e oferecera à Nossa Senhora do Carmo e São Sebastião, e o juiz municipal determinou que os diletos e louvados demarcassem o patrimônio (...).¹⁶¹

Percebemos que sua história se mescla com a do próprio início do povoado. Essa estreita ligação entre Igreja e poder municipal também se fazia presente aqui, onde “[...] era visível não só essa relação como a convivência entre poder político e Igreja, especialmente no que diz respeito aos ideais das classes dominantes, cuja lema era ordem e progresso.”¹⁶² Constituído enquanto município em 1888, São Pedro de Uberabinha teve como primeiro administrador o vigário Pio Dantas e Barbosa, como presidente do conselho administrativo da intendência, permanecendo até 1894 como um de seus vereadores.¹⁶³

Já em meados dos anos 50 ocorreram significativas alterações na sociedade urbana, marcada por padrões burgueses e sustentada pela economia do sistema capitalista. Nas grandes metrópoles os sinais da sacralidade são reconfigurados e a vida noturna é estimulada; surgem novos tipos de transporte, novas formas de se vestir e de conduta; alimentação, esporte e lazer. Azzi defende que, “nos principais centros urbanos, transformados em metrópoles, os arranha-céus passaram a ocultar, com frequência, os templos católicos, e os apitos das fábricas se sobrepuçaram ao toque dos sinos das igrejas.”¹⁶⁴ A sexualidade ganha uma nova dimensão graças aos meios de comunicação em massa e os conglomerados comerciais tornam-se grandes *templos de consumo*. Surgem vários bairros periféricos devido ao inchaço das grandes cidades ocasionado pela migração, sempre com falta de estrutura básica. Esses sinais também eram visíveis na Uberlândia dos anos 1950-1960.

Contudo, o entusiasmo gerado pela política de desenvolvimento econômico do governo Juscelino Kubitschek também levou a uma maior sensibilidade de integração social da população brasileira, principalmente por parte de intelectuais, artistas e universitários, que sentiram a necessidade de promoção das camadas populares por meio da educação e da cultura.

¹⁶¹ TEIXEIRA, Tito. **Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central**. História da criação do município de Uberlândia. Uberlândia: Editora Gráfica de Uberlândia, 1970 (Vol. I) p. 21.

¹⁶² SANTOS, Geraldo Junio Pinheiro. **Católicos e carismáticos na Diocese de Uberlândia**: Rádio América, nas ondas da fé e da emoção – Uberlândia (1961-1995). 2006. Dissertação (Mestrado) – Programada de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006. p.. 28.

¹⁶³ TEIXEIRA, Tito. **Op. Cit.** 1970 (Vol. II) p. 422-425.

¹⁶⁴ AZZI, Riolando. **A Igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira**. Aparecida: Editora Santuário, 2008, p. 121.

Em 1952, Dom Helder Câmara, criou a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), que fomentou o surgimento e expansão de um novo reformismo católico, baseado na juventude, reforma litúrgica e institucional. No final da década, o movimento leigo passou a atuar mais à esquerda, tendo como exemplo, a formação da Ação Católica, que contava com cinco organizações destinadas aos mais jovens: a Juventude Agrária Católica (JAC), formada por jovens do campo, a Juventude Estudantil Católica (JEC), formada por jovens estudantes do ensino médio (secundaristas), a Juventude Operária Católica (JOC), que atuava no meio operário, a Juventude Universitária Católica (JUC), constituída por estudantes de nível superior e a Juventude Independente Católica (JIC), formada por jovens que não fossem abrangidos pelas organizações anteriores; dessas todas as que ficaram mais conhecidas foram a JEC, JOC e JUC. O crescente envolvimento do movimento estudantil na discussão dos problemas nacionais e das chamadas ‘reformas de base’, tais como a reforma agrária, acabou por engendrar a criação de uma organização política desvinculada da Igreja - a Ação Popular, constituída por antigos membros da JUC.

Com a ascensão do governo militar após o golpe em 1964, a Igreja manteve suas reformas pastorais e a articulação com o setores populares, iniciadas pela Ação Católica enquanto instrumento eclesial da reestruturação de suas estratégicas. Com o AI 5 passa a repudiar as ações do regime, tanto em relação aos problemas econômicos e sociais, quanto ao desrespeito aos direitos humanos. Assim, ela se mostra como uma instituição capaz de resistir ao regime, passando a ocupar espaço de oposição. Isso fica evidente com a perseguição e desmantelamento dos movimentos de esquerda e partidos políticos, dando força aos grupos formados em seu interior, como as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), Pastoral da Terra, JOC entre outras. Isso trouxe para a esfera católica pessoas ligadas às classes populares e aquelas resistentes ao governo.

Em meados da segunda metade do século XX com a realização do Concílio Vaticano II, criou-se um movimento expressivo em favor das classes populares, uma renovação teológica e pastoral que tinha por objetivo proporcionar às populações mais pobres instrumentos para melhorar as condições de educação, saúde, moradia e trabalho.

Contudo, tal reformulação encontrou resistência de alguns setores da Igreja do Brasil, contando com o apoio da Cúria Romana em meados dos anos 60 e 70. Há um recuo da Igreja em termos sociais para dar maior ênfase aos movimentos espirituais de forma individual, típico das classes médias conservadoras. Tal caminho a ser seguido não é o do reforço institucional baseado no crescimento de adeptos, mas o papel da

religião na organização social, voltado basicamente para a valorização dos elementos sagrados da religião.

Assistimos, dessa maneira, por parte de setores da Igreja Católica, uma mudança de prioridades no que tange a ‘opção pelos pobres’ em favor do movimento carismático católico que, se por um lado passa pela atmosfera do emocional e do sensível, por outro traz em seu cerne a ausência de uma visão mais histórica tanto do mundo quanto da própria Igreja. Talvez tal mudança de mentalidade seja explicada pelo fim das utopias que eram típicas do socialismo e do marxismo, incorporados pela ala progressista da Igreja Católica, representada pela Teologia da Libertação.

Tal tendência espiritualista e sobrenatural que envolve os membros da instituição encaixa-se em um modelo de ‘revitalização’ da Igreja Tridentina, dando ênfase na autoridade hierárquica, de dogmas e princípios morais bem definidos. Suas raízes ultramontanas e romanizadoras, de tônica antimodernista, juntamente com a volta a essa dimensão espiritual acabou reforçando a burguesia conservadora, sobre a qual manteve influência desde fins do século XIX.¹⁶⁵

A Diocese de Uberlândia foi criada em 1961 através da Bula “Animorun Societas” de João XXIII. Desmembrada da Arquidiocese de Uberaba compõe hoje 49 circunscrições eclesiásticas, entre paróquias e setores, abrangendo nove cidades: Araguari, Araporã, Cascalho Rico, Estrela do Sul, Grupiara, Indianópolis, Monte Alegre de Minas, Tupaciguara e Uberlândia.

Apesar dos conflitos que surgiram entre os poderes religioso e político, com o passar das décadas, ainda nos é evidente hoje, a estreita relação entre ambos. Exemplo disso se faz na chegada da própria RCC em Uberlândia, que se instalou logo após sua chegada ao Brasil. Em 1977, integrantes da classe média começaram a se reunir na Catedral de Santa Terezinha com o objetivo de orar, refletir e compreender a ação do Espírito Santo.

No início, a rígida estrutura Católica criticava a atuação da RCC frente a uma Igreja suprema, sem pluralismo religioso. Essas tensões se davam, primeiramente, pelo fato de o movimento ser feito de leigos e para leigos. A forte hierarquia católica era

¹⁶⁵ Em pesquisa anterior a esta, abordamos este tema. Mesmo que de forma ainda prematura e incompleta, como são as experiências da monografia de conclusão de curso de graduação, elaboramos reflexão acerca da inserção do Movimento Carismático dentro dos Novos Movimentos Religiosos Contemporâneos em: OLIVEIRA, Michel Angelo Abadio de. **Religião e Contemporaneidade:** um estudo acerca da Renovação Carismática Católica. Monografia (Bacharelado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011. p. 25.

‘desmantelada’ frente aos grupos que se formavam, cujos rituais não eram coordenados por eclesiásticos. Além disso, esses próprios ritos, tão diferentes do catolicismo tradicional, com forte apelo pentecostal (como a cura, a imposição das mãos, a glossolalia, dentre outros) eram vistos com estranheza pelos membros do clero e pelos católicos conservadores.

Desde a década de 1960 e, no caso überlandense, até fins dos anos 70, percebemos uma forte ligação entre Instituição Igreja e Poder Público. Sob a autoridade de Dom Almir Marques Ferreira (1961-1977), primeiro bispo diocesano, percebemos como o catolicismo estava conexo às aspirações da elite dominante.

Paralelamente aos projetos políticos do progresso estão alinhavados os projetos políticos da ordem e, portanto, do nosso ponto de vista, esse progresso só foi possível na medida exata em que foi possível às classes dominantes em Uberlândia, garantirem a ordem.¹⁶⁶

Suas Diretrizes Ultramontanas estreitaram ainda mais as relações entre Igreja e poder público, e sua imagem era associada à de uma sociedade, melhor dizendo, de uma comunidade hierarquizada, disciplinada e ordenada. Dessa maneira, Dom Almir pode ser entendido como o grande elo que ligava Instituição e Sociedade Civil nos anos iniciais da Diocese de Uberlândia.

Em 1978, um ano após a chegada do Movimento Carismático em Uberlândia, foi a vez de Dom Estevão Cardoso de Avellar ser nomeado bispo da Diocese. Figura politizada, esteve à frente da Igreja em Uberlândia de 1978 a 1992. Aliado de Dom Casaldáliga, bispo expoente da TdL e radicado no Brasil desde 1968, foi o responsável por adaptar a conduta da Igreja local aos discursos das Conferências de Medellín (1968) e Puebla (1979) e por reorganizar a estrutura episcopal, antes intimamente ligada aos setores políticos do município. Além disso, foi o agente responsável pela fundação de um seminário para a formação clerical.

Sob seu controle, a Diocese passou a se colocar entre a elite e o restante da população, redirecionando o pensamento da Igreja local e voltado para os movimentos sociais. Conforme atesta Maria Clara Tomaz Machado,

Entretanto, foi a partir da década de 70, com a chegada à cidade de um bispo, considerado da ala progressista da Igreja Católica, Dom Estevão de Avelar Brandão, que discursos críticos contra a miséria e a pobreza foram pronunciados em defesa dos favelados e contra a forma de desfavelamento pretendida pelo poder local. Organizar os movimentos sociais, seja através da ‘pastoral da terra’, que objetiva

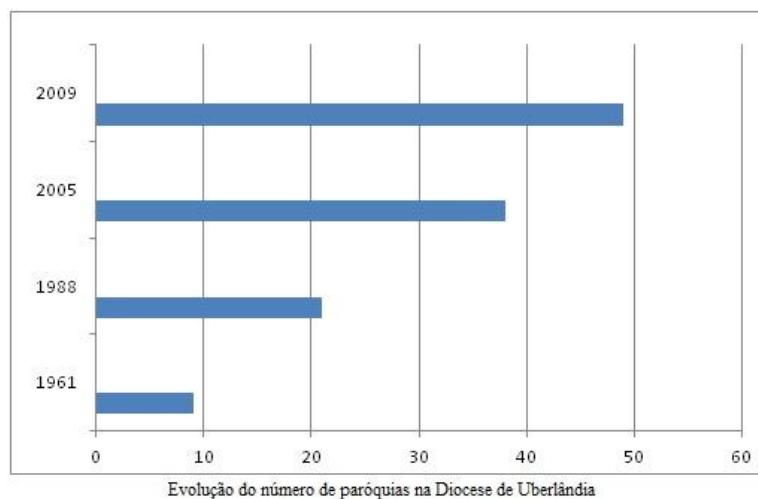
¹⁶⁶ MACHADO, Maria Clara Tomaz. A institucionalização da Pobreza no Espaço Urbano Burguês. IN: *Cadernos de História*. Uberlândia: UFU, Jan/Jun 1991. p. 56-57.

garantir a ocupação do solo urbano, pelas camadas mais pauperizadas da sociedade, seja através da Comissão de Defesa dos Direitos Humanos e dos Direitos dos Menores, é um trabalho que tem ocupado, desde então militantes e participantes desses movimentos políticos cristãos.¹⁶⁷

Dom Estevão de Avellar foi, claramente, o responsável por colocar Uberlândia no alinhamento com a Teologia da Libertação. Está explícito em seu discurso a luta por uma Igreja mais aberta ao social.

Não podemos viver a nossa fé de uma maneira individualista ou intimista, sem uma preocupação profunda com a sociedade na qual vivemos. A nossa fé deve nos levar a transformar a sociedade de hoje para que ela seja mais humana e mais cristã e impregnada dos ideais evangélicos.¹⁶⁸

Buscando formas de atuação frente aos problemas sociais do município e na demanda por uma maior conscientização em nível nacional, Dom Estevão iniciou um projeto de expansão das paróquias da diocese. Dessa maneira, além de reforçar sua liderança e seus ideais comunitários, ele acaba por defender a participação laica nas questões sociais e no compromisso com a Instituição, ambas de orientação conciliar pós Vaticano II. Podemos observar a viabilização desse projeto no gráfico¹⁶⁹ a seguir:



¹⁶⁷ MACHADO, Maria Clara Tomaz. Muito aquém do paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia. *Revista História e Perspectivas*. Dossiê: Poder Local e representações coletivas. Uberlândia: Edufu, nº. 4, Jan/Jun 1991. p. 45.

¹⁶⁸ AVELLAR, Dom Estevão Cardoso de. Batismo: um Compromisso. Diocese de Uberlândia. Uberlândia. 1987. p. 3. APUD SANTOS, Geraldo Junio Pinheiro. *Católicos e carismáticos na Diocese de Uberlândia*: Rádio América, nas ondas da fé e da emoção – Uberlândia (1961-1995). 2006. Dissertação (Mestrado) – Programada de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006. p. 73.

¹⁶⁹ Gráfico produzido manualmente por nós com base nos dados coletados no site do CCD, Centro de Comunicação Diocesano de Uberlândia. Disponível em <http://www.elodafe.com/paroquias-da-diocese-de-uberlandia>. Acesso em 19/07/2014 às 17:00.

Em meados dos anos 1990, a Igreja local, bem como o catolicismo brasileiro, vinham passando por um período de ‘censura’ por parte da Cúria Romana, onde as discussões sociais perdião espaço frente à maior importância dada às questões espirituais. Exemplo disso foi a condenação de Leonardo Boff, maior expoente da Teologia da Libertação no Brasil. Contudo, é possível afirmar que, sob a autoridade de Dom Estevão Cardoso de Avellar, a diocese de Uberlândia passou por um período de evidente expansão, conforme estabelece Santos:

Mesmo com todos esses contratempos, é possível avaliar que a Diocese de Uberlândia, a partir da presença de Dom Estevão, assume um projeto de político de restauração evidenciado na criação do seminário menos, na organização de grupos leigos, inclusive intelectuais que, nas paróquias, propõem discussões sociais sobre a realidade nacional e local, na criação e expansão de diversas paróquias nas periferias da cidade, na implementação dos grupos de jovens, casais, na criação da Faculdade Católica e da Rádio América.¹⁷⁰

Apesar das orientações teológicas de Dom Estevão, que privilegiava a participação leiga nas questões sociais, sufocando por vezes as questões espirituais, desde seu início o movimento da RCC acabou por distinguir-se e tomou evidência em relação aos outros grupos e pastorais¹⁷¹ e já ultrapassa 35 anos em Uberlândia.

Sua estrutura é organizada da seguinte forma: composta por seis membros (coordenador diocesano, secretário geral, tesoureiro e três conselheiros fiscais), a equipe diocesana responsável pela organização é eleita de dois em dois anos, eleição essa que é realizada por dois membros de cada um dos grupos de oração, no caso o coordenador e o responsável pelo Núcleo de Serviço. Localizado no bairro Jardim Finotti, o prédio que serve de sede da RCC em Uberlândia é composto de dois andares, com o escritório, cozinha, capela e um salão.

Mesmo se tratando da grande organização que é hoje, o Movimento conserva certas características dos pequenos grupos que se reuniam nas residências dos fiéis. De maneira direta, a RCC trata-se de uma “[...] ‘associação’ de direito privado, de natureza benéfica, sem fins econômicos, sem qualquer caráter político-partidário,

¹⁷⁰ SANTOS, Geraldo Junio Pinheiro. **Católicos e carismáticos na Diocese de Uberlândia**: Rádio América, nas ondas da fé e da emoção – Uberlândia (1961-1995). 2006. Dissertação (Mestrado) – Programada de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006. p. 76.

¹⁷¹ Atualmente a Diocese de Uberlândia reconhece os seguintes movimentos: Apostolado da Oração, Congregação Mariana, Cursilho de Cristandade, Diálogo Conjugal, Encontro de Casais com Cristo, Focolares, Legião de Maria, Mãe Peregrina, Oficina de Oração e Vida, Movimento Carismático, Irmandade Nossa Senhora do Rosário e São Benedito, Sociedade São Vicente de Paulo, Comissão de Justiça e Paz.

abrangendo a circunscrição territorial correspondente à Diocese de Uberlândia, com duração por tempo indeterminado.”¹⁷²

Afora toda estranheza inicial, tendo em vista seus principais ritos, como abordado anteriormente, hoje a RCC possui uma forte vitalidade no município de Uberlândia, estando presente em 27 das 34 paróquias da cidade, com um total de 33 Grupos de Oração, doze a mais em relação a 2011. Além disso, a cidade conta com sete Grupos de Oração Universitários (Unitri, Pitágoras, Politécnica, Uniube e três na UFU), um Grupo de Partilha Profissional e um Grupo de Atendimento SOS Oração.¹⁷³

Tal presença cresce a olhos vistos e pode ser constatada no último Congresso Estadual da RCC, cuja sede foi Uberlândia. Realizado nos dias 25, 26 e 27 de outubro de 2013, na Arena Multiuso Presidente Tancredo Neves, o Sabiazinho, o evento contou com as principais lideranças do movimento no país, como a presidente nacional da RCC Brasil, Kátia Roldi Zavaris. Também marcaram presença Dom Rubens Sevilha, bispo referencial pela CNBB Leste 2 para a Renovação Carismática Católica; Padre Wally Soares, diretor espiritual da RCC Minas; o secretário Geral da RCC Brasil, Onazir Conceição; o Presidente da RCC Minas, Cristiano Coelho e os membros do Conselho Estadual. O bispo da Diocese de Uberlândia, Dom Paulo Francisco Machado, presidiu a missa de abertura do Congresso. Assim como os demais congressos de âmbito nacional e estadual, essa celebração teve por objetivo reunir os membros para formação, integração e espiritualidade, cujo grande marco é a realização de um verdadeiro Pentecostes.

3.1 RCC, M.J. e G.O..s: a Renovação em Sintonia com a Juventude

O Ministério Jovem (M.J.) tem por objetivo cumprir a principal missão proposta pela RCC: evangelizar. Na página eletrônica do Ministério Jovem Uberlândia (M.J.U.)¹⁷⁴ aparece em destaque uma importante citação que resume esse espírito evangelizador estabelecido pela Igreja e que serve como um verdadeiro aviso:

¹⁷² Estatuto da Renovação Carismática Católica. Uberlândia: Diocese de Uberlândia. s/d. 11/07/13.

¹⁷³ Relação dos Grupos de Oração em Uberlândia. Disponível em: <http://grupodeoracaoagape.wordpress.com/r-c-c/relacao-de-grupos-de-oracao-uberlandia/>. Acesso em 05/10/2013 às 14:42.

¹⁷⁴ Movimento Jovem Uberlândia. Disponível em: <http://mjuberlandia.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>.

*“Anunciar o Evangelho não é glória para mim; é uma obrigação que se impõe. Ai de mim, se eu não anunciar o Evangelho!”*¹⁷⁵

O Movimento determina que, dada tal importância ao ato de evangelizar, esse não pode se dar de qualquer maneira. A missão do M.J. é mostrar como essa juventude pode estar em diálogo com os dogmas e a espiritualidade católicos; que tal dinamismo, característicos dos jovens, e suas realidades, está em consenso com ‘Aquele que os criou’. O M.J.U. trabalha em coesão com os demais Ministérios da RCC e sua coordenação na Diocese de Uberlândia, para que tal evangelização possa ser efetiva e absoluta.

Além dos textos bíblicos, outros documentos servem de respaldo à missão que a Igreja propõe aos seus fiéis. Dentre os escritos de maior relevância, destaca-se a Exortação Apostólica *Evangelli Nuntiadi*: sobre a evangelização no mundo contemporâneo, do Papa Paulo VI e destinada ao episcopado, ao clero e aos fiéis de toda Igreja.

(...) a tarefa de evangelizar todos os homens constitui a missão essencial da Igreja; tarefa e missão, que as amplas e profundas mudanças da sociedade atual tornam ainda mais urgentes. Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. (...) Ela existe para evangelizar (...)¹⁷⁶

Tendo consciência de sua missão, o M.J.U. trabalha “*de forma a assistir, acompanhar, educar, avivar e orientar a juventude de nossa Diocese.*”¹⁷⁷ Esse processo percorre uma empreitada de trazer à tona o que é próprio deste estado da vida do jovem, seus anseios e incertezas, orientando-os a um engajamento na Igreja a partir do grupo de oração. Todos esses aspectos, toda essa espiritualidade do M.J. segue a estrutura geral da RCC e tudo aquilo que ela detém como sua identidade: vida comunitária, prática dos carismas e Batismo no Espírito Santo.

A espiritualidade da Renovação Carismática Católica é Trinitária e nasce a partir de uma experiência pentecostal de quem participa da Salvação do Pai, na pessoa de Seu Filho Unigênito, nosso Senhor Jesus Cristo, tendo como antecedente histórico o pentecostes dos primeiros apóstolos de Jesus ressuscitado.¹⁷⁸

¹⁷⁵ I Coríntios. 9, 16.

¹⁷⁶ Exortação Apostólica *Evangelli Nuntiadi*: sobre a evangelização no mundo contemporâneo. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi_po.html. Acesso em 04/12/13 às 04:45.

¹⁷⁷ Movimento Jovem Uberlândia. Disponível em <http://mjuberlandia.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>. Acesso em 04/12/13 às 05:03.

¹⁷⁸ Ministério de Formação, Apostila 1 - Identidade da RCC.

É a partir dos G.O.. que o jovem passa a viver toda essa espiritualidade, de forma íntima e intensa, mas em comunhão com os outros fiéis. Doravante, o Batismo no Espírito Santo inicia a experiência de seu dever: a evangelização de outros jovens que não frequentam ou estão desiludidos com a religião.

O Ministério Jovem se estrutura de uma forma bem organizada dentro da RCC. Atualmente, no Brasil, têm-se as coordenações em nível nacional, estadual e diocesano, sendo que todos os projetos e trabalhos estão vinculados em plena unidade com as coordenações da RCC.

Como abordado anteriormente, os Grupos de Oração são a célula fundamental da RCC, sua expressão máxima. Podemos defini-los como comunidades carismáticas que cultivam a oração, a partilha e todos os outros aspectos da vivência do Evangelho, a partir da experiência do Batismo no Espírito Santo. O termo ‘Ministério’ é amplamente usado na RCC para designar, de uma maneira geral, os diversos serviços do G.O.. Um Ministério é um serviço específico dentro do Grupo. São formados de acordo com a necessidade e da realidade de cada Grupo e seus membros são escolhidos em momentos de oração, tendo em pauta o surgimento dos dons a partir dos carismas.

Trata-se de uma reunião semanal na qual um grupo de fiéis coloca-se diante de Jesus, sob a ação do Espírito Santo, para louvar e glorificar a Deus, participar dos dons divinos e edificar-se mutuamente.

O grupo de oração da RCC não deve esquecer, obviamente, de sua identidade carismática. Os outros grupos dentro de outras experiências são importantes para a Igreja e para as pessoas, mas o Grupo de Oração carismático tem características próprias: Batismo do Espírito Santo e o uso dos Carismas.

De acordo com seus membros, cada Grupo de Oração precisa ser, na Igreja e no mundo, rosto e memória do Pentecostes, assumir a responsabilidade pela transformação da nossa cultura, criando não só na Igreja, mas no mundo todo, uma cultura de Pentecostes através da qual todos busquem a construção do Reino de Deus.¹⁷⁹

Os G.O. procuram promover a experiência de Pentecostes, ou facilitar esta experiência para o fiel e acompanhá-lo no caminhar espiritual. Trata-se de uma comunidade carismática que cultiva a oração, a partilha e todos os aspectos de vivência do Evangelho. Por isso, colocam-se como instrumento principal da RCC na promoção

¹⁷⁹ O que é Grupo de Oração Carismático? Disponível em: <http://presentepravoce.wordpress.com/2008/03/24/grupo-de-oracao-carismatico/>. Acesso em 05/12/13 às 21:56.

da experiência pentecostal na Igreja que chamamos de Batismo ou Efusão no Espírito Santo. É caracterizado por três momentos distintos: o núcleo de serviço, as reuniões de oração e o grupo de perseverança.

Cada Grupo de Oração possui um coordenador que, junto ao núcleo de serviço, seja responsável por ele. O Núcleo de Serviço é o primeiro momento do G.O.. Trata-se de um pequeno conjunto de pessoas que assumem a responsabilidade de coordenação espiritual e estrutural, mantendo o planejamento e coesão. Sua finalidade é acompanhar e assistir os fiéis, conduzir e preparar as reuniões e avaliar as ações do Grupo. As reuniões do Núcleo de Serviço são tratadas como forma de exercer melhor o apostolado; um momento de experiência do Pentecostes, aos moldes dos cenáculos vividos pelos primeiros cristãos.¹⁸⁰

O segundo momento do Grupo é a Reunião de Oração. É um encontro informal, marcado, sobretudo, pela espontaneidade dos participantes e por uma abertura ao Espírito Santo. É o momento privilegiado, aberto à experiência do Batismo. Por isso, podemos dizer que a Reunião de Oração é o momento mais importante dentro dos Grupos de Oração e, consequentemente, da dinâmica da Renovação. Por sua abertura aos carismas, não existe um esquema rígido nem propostas definidas para seu desdobramento. Contudo, não acontece de maneira indefinida e sem direção.

O ritual se inicia com uma acolhida aos membros e, em especial, aos novos fiéis que participam do Grupo pela primeira vez. Esses são chamados à frente para se apresentarem, falar sobre sua vida em Igreja e sua ligação à RCC. Esse momento é de muita alegria e espontaneidade como forma de ‘quebrar o gelo’.

Após essas breves apresentações inicia-se um momento de animação. Regado de alegria, os participantes se soltam, descontraem e saem da inércia inicial. É permeado de músicas que buscam o louvor, sempre acompanhados por instrumentos musicais, seja apenas um violão, até mesmo o teclado, a guitarra e a bateria.

Dentre as várias músicas, podemos destacar duas das mais conhecidas, devido aos seus cantores. Padres Católicos Carismáticos, tanto Marcelo Rossi, quanto Fábio de Melo, são conhecidos pela sua vocação para a música e estão constantemente na mídia.

Noites Traiçoeiras¹⁸¹
Deus está aqui neste momento.
Sua presença é real em meu viver.

¹⁸⁰ Ver: At. 2, 1-4.

¹⁸¹ Pe. Marcelo Rossi. Composição de Carlos Papae.

Entregue sua vida e seus problemas.
Fale com Deus, Ele vai ajudar você.
Deus te trouxe aqui
Para aliviar o teu sofrimento.
É Ele o autor da Fé
Do princípio ao fim,
De todos os seus momentos.
E ainda se vier noites traiçoeiras,
Se a cruz pesada for, Cristo estará contigo.
O mundo pode até fazer você chorar,
Mas Deus te quer sorrindo. (bis)
Seja qual for o seu problema
Fale com Deus. Ele vai ajudar você.
Após a dor vem a alegria,
Pois Deus é amor e não te deixará sofrer.
Deus te trouxe aqui
Para aliviar o seu sofrimento.
É Ele o autor da Fé
Do princípio ao fim,
De todos os seus momentos.
E ainda se vier noites traiçoeiras,
Se a cruz pesada for, Cristo estará contigo.
O mundo pode até fazer você chorar,
Mas Deus te quer sorrindo.

Tudo posso¹⁸²
Posso, tudo posso Naquele que me fortalece
Nada e ninguém no mundo vai me fazer desistir
Quero, tudo quero, sem medo entregar meus projetos
Deixar-me guiar nos caminhos que Deus desejou pra mim e ali estar
Vou perseguir tudo aquilo que Deus já escolheu pra mim
Vou persistir, e mesmo nas marcas daquela dor
Do que ficou, vou me lembrar
E realizar o sonho mais lindo que Deus sonhou
Em meu lugar estar na espera de um novo que vai chegar
Vou persistir, continuar a esperar e crer
E mesmo quando a visão se turva e o coração só chora
Mas na alma, há certeza da vitória
Posso, tudo posso Naquele que me fortalece
Nada e ninguém no mundo vai me fazer desistir
Vou perseguir tudo aquilo que Deus já escolheu pra mim
Vou persistir, e mesmo nas marcas daquela dor
Do que ficou, vou me lembrar
E realizar o sonho mais lindo que Deus sonhou
Em meu lugar estar na espera de um novo que vai chegar
Vou persistir, continuar a esperar e crer ...
Eu vou sofrendo, mas seguindo enquanto tantos não entendem

¹⁸² Composição Pe. Fábio de Melo.

Vou cantando minha história, profetizando
Que eu posso, tudo posso... em Jesus!

Após observar uma Reunião de Oração, percebemos que não se trata de um momento vazio de sentido, as músicas que permeiam esse momento se relacionam ao tema do Louvor e da Efusão do Espírito Santo. Como as reuniões são basicamente de orações, deve prevalecer o momento de Louvor. Esse consome mais tempo nos encontros dos G.O.. Nesse momento os participantes reconhecem quem é Deus e se veem diante de tal grandeza. Por isso, o fiel deve aplaudir, elogiar, parabenizar Deus. Percebe-se que existem outras formas de oração (petição, intercessão, cura...), mas o Louvor tem um lugar privilegiado nas reuniões de oração.

O Louvor dá espaço ao Batismo no Espírito Santo. Esse momento é de uma intensidade diferenciada, principalmente nos Grupos de Oração Universitários e de jovens. Trata-se da identidade carismática e no exercício dos carismas. Os participantes clamam por uma nova efusão da graça do Espírito por meio da oração, do canto, da dança e da imposição das mãos. É interessante ressaltar como tal momento é marcado pela intensidade do fiel. Quase como em um transe, alguns se ajoelham, outros, com as mãos para o alto, clamam por cura, tanto espiritual quanto corporal. É o momento em que o fiel dá de corpo e alma ao Sagrado. É na Reunião de Oração que os carismas são manifestados sem restrições. Para os fiéis, eles fazem parte do ‘ver e ouvir’, que convence àqueles que estão chegando. É, por assim dizer, o momento pentecostal, quando os fiéis são levados à vivência na fé, fraternidade e no comprometimento missionário da evangelização.

Após tamanha intensidade ocorre o Anúncio da Palavra. De acordo com os participantes, é o momento onde Deus fala através da Sagrada Escritura. Há a pregação por parte dos coordenadores e um anúncio kerigmático¹⁸³ terminando com um momento de oração. Nesse final, há uma síntese da mensagem passada no G.O.. e um ‘envio’ dos participantes para a prática evangelizadora durante a semana.

Como explicitado, os responsáveis pela preparação e condução das Reuniões de Oração, são os membros do Núcleo de Serviço do G.O.. Raramente outros membros que não fazem parte do Núcleo conduzem as reuniões. Ao adentrarmos nas reuniões, podemos perceber que grande maioria dos G.O.. encaram a preparação como um item

¹⁸³ O culto kerigmático (vocabulário grego kerigma quer dizer: proclamação) focaliza a atenção sobre a evangelização dos não convertidos. As diversas partes do culto são direcionadas aos ‘perdidos’, para se entregarem a Jesus.

de grande importância. Contudo, alguns líderes acabam conduzindo as reuniões de forma mais espontânea, quase sem nenhuma elaboração prévia. A justificativa seria a ‘confiança na ação do Espírito Santo’, encarado dessa maneira, como o verdadeiro e único guia das reuniões. Contudo, é evidente no discurso de alguns líderes de G.O.. a preocupação na preparação das reuniões.

Por sua importância, alguns elementos da Reunião de Oração merecem destaque por sua consideração em conjunto. São eles:

Louvor: individual ou coletivo, o Louvor é encarado como a forma de oração mais próxima a Deus. Canta-se e dá-se glória por e para Ele;

Glossolalia: a Oração de Línguas é vista como um dos Carismas do Espírito Santo. Deve dar-se da forma mais espontânea possível. O responsável por conduzir a Reunião procura não induzir nenhuma ação externa;

Canto: apesar de estar presente em boa parte da Reunião, o canto é tido como forma de animar os participantes e de acolhida. Tem-se sempre o cuidado em não extrapolar tais limites, estando em sintonia com o coordenador e a ação dos fiéis;

Silêncio: o silêncio também é parte ativa das Reuniões de Oração, visto enquanto momento de reflexão interna. Não oferece, entretanto, uma monotonia, mas acaba dando dinamismo à reunião. Geralmente é aplicado após as orações e profecias de fé;

Ato Penitencial: assim como a Missa, as reuniões possuem Ato Penitencial, o momento em que o católico faz um exame de consciência e reconhece suas falhas. Algumas orações de cura espiritual também são realizadas através de Atos de penitência;

Pregação: momento de suma importância, onde há a motivação que leva o fiel a rezar, louvar e cantar. Para os membros, é o momento em que se está aberto a receber o Espírito Santo;

Testemunhos: aqui as pessoas se manifestam a fim de glorificar a Deus, dão seu testemunho de sua fé e como anúncio do Evangelho;

Avisos: momento final da reunião de oração, são dados de forma rápida. Geralmente dizem respeito à condução das reuniões e à jornada da Igreja e do Grupo de Oração.

O terceiro e último momento do G.O.. é Grupo de Perseverança. Esse grupo restrito reúne membros que já tiveram a experiência do Batismo no Espírito Santo, da

Salvação e do amor divinos e que buscam se aprofundar na fé e crescer no conhecimento de Deus.¹⁸⁴ Toda espiritualidade do Grupo de Perseverança faz parte da doutrina carismática, pois está inserido dentro do G.O., estando sujeitos ao Batismo no Espírito.

Os que foram evangelizados devem ser conduzidos aos grupos de perseverança (GP) para crescerem na doutrina, na fraternidade, na participação da Eucaristia e na vida de oração. O GP tem a missão de formar discípulos de Jesus, e nisto deve consistir o conteúdo e método do ensino. A catequese deve ser planejada e sistemática, com temas da doutrina da Igreja Católica, do Catecismo da Igreja Católica, do Magistério da Igreja e outros temas que leva a crescer na santidade e intimidade com Deus.¹⁸⁵

A função principal do Grupo de Perseverança é compartilhar experiências e formar membros que sejam guias espirituais para aqueles que adentram os caminhos da RCC e da Igreja. Prezam pela partilha, catequese, oração e fraternidade. Dividem do mesmo sentimento que emana do Batismo no Espírito Santo e, de uma forma geral, do próprio G.O., pois estão sempre em comunhão. Apesar disso, é mais ‘fechado’ que a reunião de oração, pois exercitam com frequência os carismas, por vezes, iniciando-os e, consequentemente, os testemunhos deles decorridos.

Dessa maneira, podemos indicar, por fim, pelo menos quatro finalidades principais do Grupo de Oração: primeiramente o louvar a Deus; segundo, proporcionar a experiência no Batismo no Espírito Santo; terceiro, a evangelização kerigmática; e por fim, a construção da comunidade cristã, tudo isso aliado a uma vida em oração e à vivência dos Carismas.

Essas quatro finalidades dão a Identidade da Renovação Carismática Católica. Em primeiro, o Batismo no Espírito Santo, essência identitária de todo Movimento, aquilo que dá plenitude ao fiel. Em segundo lugar, a prática dos carismas, efetiva efusão do Espírito que põe em prática os frutos (dons, carismas) por ele concedidos. E em terceiro, a geração de comunidades: cristã, católica e, acima de tudo, Renovada.

¹⁸⁴ Apostila III Módulo básico – Grupo de Oração.

¹⁸⁵ Grupo de Perseverança. Disponível em <http://www.rccbrasil.org.br/institucional/grupo-de-perseveranca.html>. Acesso em 10/12/13 às 14:31.

3.2 Momento de Reflexão Jovem e Grupos de Oração Universitários: representações da Juventude na Diocese de Uberlândia

De forma ampla, o Concílio Vaticano II aparece como responsável por dar voz, e vez, aos jovens, bem como a outros grupos sociais, incentivando-os a participarem e contribuírem na Igreja. Tal confiança, antes privada ao clero, age sobre os leigos.

Apesar de ter uma visão positiva em relação aos jovens, a Igreja fala muito e pouco escuta e essa juventude tem muito a dizer de e para ela. No Decreto *Apostolicam Actuositatem*, sobre o Apostolado dos Leigos percebe-se como o discurso Católico deposita suas expectativas nos jovens. Nas palavras de Paulo VI, eles

exercem na sociedade de hoje um influxo de maior importância.
(...) Com o amadurecimento da consciência da própria personalidade, estimulados pelo ardor da vida e pela atividade transbordante, assumem a própria responsabilidade e desejam tomar a parte ativa que lhes compete na vida social e cultural. Se este zelo é penetrado pelo espírito de Cristo e animado pela obediência e pelo amor para com os pastores da Igreja, podemos esperar dele frutos muito abundantes.¹⁸⁶

Mesmo com os direcionamentos pós-conciliares, os jovens ainda possuem pouca expressividade dentro da Igreja. Seja no Grupo de Oração Universitário ou para Jovens, percebemos que a grande expectativa desses adolescentes é ter mais espaço e poder de manifestação. Eles anseiam por maior flexibilidade e atuação frente uma Igreja enclausurada em seus próprios ritos, dogmas e discursos, buscando um espaço de convivência e fé em que possam ser jovens.

Buscando justamente esse espaço de atuação e evangelização, surgiu em Uberlândia, o chamado Momento de Reflexão Jovem. O M.R.J. como ficou conhecido, foi criado dentro do movimento de casais Diálogo Conjugal, que é um grupo de Associação de Casais do Movimento Católico de Uberlândia que surgiu em 1993, oriundo de um pequeno grupo de católicos da Paróquia de Nossa Senhora Aparecida, grupo este que participara dos Cursilhos de Cristandade, que entendeu por bem, trabalhar mais no âmbito da Pastoral Familiar. De acordo com seu site oficial,

o principal objetivo do Diálogo Conjugal é ajudar as famílias a edificar suas casas e seus lares sobre a rocha. Graças a Trindade Santa,

¹⁸⁶ Decreto *Apostolicam Actuositatem*, sobre o Apostolado dos Leigos. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html. Acesso em 19/04/2014 às 14:39.

à colaboração do nosso diretor espiritual e à contribuição de palestrantes e equipes, tem o movimento conseguido fazer maravilhas nas vidas dos casais e jovens. Pode-se, afirmar com certeza, que muitas famílias foram transformadas, muitos valores esquecidos foram resgatados. Muitas pessoas que se encontravam distantes de Deus se reproximaram novamente.¹⁸⁷

Esse grupo de jovens tinha o intuito de evangelizar e integrar na comunidade de fé os filhos dos casais ‘dialogistas’. O grupo foi crescendo, e hoje, ele tem como participantes não só esses filhos, mas também amigos e familiares, ou seja, jovens que buscam um lugar para exercerem e crescerem na sua fé.

Desde 1993 são realizados encontros anualmente, e em cada ano houve um casal para coordenar as atividades que foram desempenhadas pelos jovens e por outros casais durante os 12 meses. As atividades por eles comandadas, além da realização dos encontros, são as exercidas pelas quatro equipes que compõe o M.R.J. São elas: Equipe de Canto (responsável por animar as reuniões e as missas); Equipe de Liturgia (responsável pela liturgia das missas); Equipe Interação-web (responsável pela confecção do jornal “MRJ em notícia”, pela manutenção do site e pelos registros fotográficos dos jovens); e a Equipe Juventude Solidária (responsável por realizar os eventos e por promover situações em que se trabalhe a solidariedade e o auxílio ao próximo). O M.R.J. também conta com a participação de um Orientador Espiritual que é um dos párocos do Santuário de Nossa Senhora Aparecida.

O M.R.J. tem seus encontros aos sábados, e nessas reuniões são trabalhados temas que ajudam os jovens a refletirem sobre a sua vida, sua família, seus problemas, seu caminho e relação com Deus. Todos os temas são abordados tendo em vista a presença do Espírito Santo (típica dos movimentos carismáticos) e do seu santo protetor, São João Bosco. Dessa forma, o Momento de Reflexão Jovem acaba por contribuir, de forma expressiva, na formação de conduta dos jovens participantes, ressaltando, principalmente, o respeito ao próximo e a si mesmo. Além disso, esse grupo de jovens permite que a juventude mostre dentro da Igreja Católica a sua força e a sua fé.

Buscando essa atuação mais incisiva e uma evangelização mais presente na vida de seus participantes, o M.R.J. criou um web site¹⁸⁸. Contudo, visto que nem sempre

¹⁸⁷ Objetivo do Movimento Diálogo Conjugal. Disponível em <http://www.dialogoconjugal.com.br/index.php?pg=conteudo&idmenu=219>. Acesso em 25/05/2014 às 15:53.

¹⁸⁸ Momento de Reflexão Jovem. Ver: <http://www.mrjovem.com/index.php>.

este é atualizado, as observações acerca do grupo serão baseadas em outra fonte: a revista ‘O Vagalume’. Trata-se de um informativo, de edições mensais, criado pela Equipe de Evangelização do Diálogo Conjugal, cujo objetivo era “*formar e informar a comunidade, os grupos, sendo luz para as famílias que buscam viver cada vez mais os ensinamentos da Igreja.*”¹⁸⁹

A partir da edição número 245, de fevereiro de 2013, as edições de O Vagalume passaram a ter entre suas colunas o tópico Igreja Jovem, um espaço dedicado às notícias do M.R.J. Vários são os temas debatidos nessa coluna, todos voltados para os adolescentes que frequentam tanto alguns Grupos de Oração, quanto aquelas que vão às missas nas paróquias. Dentre tais temas, os mais recorrentes são aqueles que abordam as virtudes de se ter uma vida cristã, voltada para as coisas do ‘Alto’, como a importância do Batismo enquanto início da vida cristã, o poder do Perdão e da Caridade e a importância da Santa Missa. Contudo, podemos destacar como alguns temas atuais se fazem presentes nesse diálogo entre jovens e Igreja, cujo grande tema é a Renovação Espiritual de seus membros.

Em julho de 2013, o tema abordado foi a ‘Jornada Mundial da Juventude: a força dos jovens na Evangelização’, cuja 27ª edição aconteceu entre os dias 23 e 28 de julho, no Rio de Janeiro. Cerca de 900 pessoas saíram de Uberlândia rumo ao encontro, que incluiu a peregrinação e uma missa com o Papa Francisco. Dessas, praticamente a metade confirmou sua ida em caravanas organizadas pela própria Diocese.

A coluna Igreja Jovem destacou a importância da JMJ enquanto “*testemunho de uma fé transformadora, que vê o rosto de cristo em cada jovem.*”¹⁹⁰ Além disso, eles veem a ligação dos jovens com as tecnologias uma importante aliada na Evangelização, tendo em vista que a grande maioria deles tem acesso à internet. Aliás, a Igreja tem-se mostrado favorável em relação às mídias enquanto instrumentos de evangelização. Na Carta Apostólica *Ubi Cumque Et Semper*, do Sumo Pontífice Bento XVI, com a qual se institui o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, estabelece-se em seu Artigo 3º que, entre as tarefas específicas do Conselho salienta a necessidade de

¹⁸⁹ História do Vagalume. Disponível em <http://www.dialogoconjugal.com.br/index.php?pg=conteudo&idmenu=218>. Acesso em 25/05/2014 às 16:14.

¹⁹⁰ JMJ: a força da juventude na evangelização. **O Vagalume**. Uberlândia. Nº 250, p. 4, Julho, 2013. Ver anexo, p. 127.

*“estudar e favorecer a utilização das formas de comunicação modernas, como instrumentos para a nova evangelização.”*¹⁹¹

Em entrevista ao Jornal Correio de Uberlândia, o padre Flávio Henrique Barbosa, assessor eclesiástico do setor de Juventude, afirmou que as grandes experiências desses jovens deverão ser relatadas nas suas respectivas paróquias. Para ele, “esse é um dos compromissos concretos que a jornada pede. No encontro com o papa, ele faz o envio para as respectivas dioceses para que os jovens sejam agentes evangelizadores.”¹⁹²

Uma característica que deve ser destacada é o uso de uma linguagem indireta com o objetivo de comunicar-se com os jovens de hoje. Nessa edição em especial observamos a presença de palavras como baladas, praça de alimentação, conectados e esportes radicais. Todas se remetendo ao cotidiano dessa juventude. Outra forma de aproximação foi a elaboração de um guia ecológico na JMJ que, de acordo com os organizadores, *“foi feito para o jovem, com o intuito de que eles usem sua fé e quem prol do que Deus criou e, infelizmente, o homem vem destruindo.”*¹⁹³ Dessa maneira, a Igreja enfatiza a responsabilidade dos jovens em preservar o meio ambiente, resguardando aquilo que deus criou e o homem vem destruindo.

Essa matéria dá abertura para análise de outras duas, também publicadas em O Vagalume. Em dezembro de 2013, a edição 255 trazia como tema a ‘Vivendo a fé nos dias atuais’. Em um primeiro momento, ela determinava o período de Natal como tempo de esperança contra as muitas dificuldades e perseguições que surgem na caminhada pela santidade. Dessa maneira, o jovem deveria se manter fiel à sua fé, cuja manutenção se daria por meio de um diálogo com Cristo e com a Virgem Maria, mesmo que ocorram tentativas de ridicularizarão de suas crenças por parte de outras pessoas. Com isso, apreende-se que os jovens tornaram-se os principais gestores da evangelização e que devem utilizar dos vários meios possíveis para sua propagação e continuidade.

Porém, se na edição julho de 2013 destacou-se a importância das tecnologias para o desenvolvimento dessa evangelização, nesta há uma crítica às mídias sociais, que

¹⁹¹ Carta Apostólica em Forma de Motu Próprio *Ubi Cumque Et Semper*, do Sumo Pontífice Bento XVI com a qual se institui o Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/apost_letters/documents/hf_ben-xvi_apl_20100921_ubicumque-et-semper_po.html. Acesso em 23/07/2014 às 18:17.

¹⁹² 900 überlandenses vão participar da Jornada Mundial da Juventude no Rio. Disponível em <http://www.correiodeuberlandia.com.br/cidade-e-regiao/900-überlandenses-vao-participar-da-jornada-mundial-da-juventude-no-rio>. Acesso em 07/06/2014 às 16:15.

¹⁹³ JMJ: a força da juventude na evangelização. **O Vagalume**. Uberlândia. Nº 250, p. 4, Julho, 2013. Ver anexo, p. 127.

dão aos jovens uma proposta de felicidade terrena. E à falta de diálogo nas faculdades e colégios, onde o tema Igreja surge ao lado de ideias reformadoras, e é substituído por algo mais ‘legal’ aos olhos do mundo.

Destaca-se assim, a inversão de valores, um esforço de transformar o sagrado em mundano, num combate direto que vai ao encontro da juventude. Tendo isso em vista, a matéria dá amplo destaque para a revitalização dos esforços daqueles jovens que permanecem firmes aos princípios cristãos e católicos, cuja luta é vista como forma de santificação e de chegar aos Céus.

Sob a frase “Vivamos no mundo, mas não pertençamos a ele”¹⁹⁴, o texto dá ânimo ao jovem frente à desconfiança de quem não acredita nessa santificação. Por isso, ela diz ao leitor para buscar as coisas do Alto. Essa expressão significa, de modo geral, seguir a Palavra de cumprir com o papel de Cristão. Além dessa edição, o termo aparece como tema principal da coluna em abril de 2014, quando o título “Buscai as coisas do Alto”¹⁹⁵, fazia referência à última pregação do Padre Léo¹⁹⁶ (09/10/1961- 04/01/2007). Nela criticam-se os jovens que se entregam aos prazeres mundanos, pois essa felicidade é terrena, momentânea e falsa.

A verdadeira felicidade consiste, assim, em seguir a Palavra em todos os ambientes, não apenas na Igreja, e a todo o momento. Nesse exercício, o jovem deve fazer uma reflexão das suas ações cotidianas, analisando-as a partir da ótica das crenças cristãs. Portanto, a verdadeira felicidade é santa e não mundana, ela vem do alto. O jovem deve buscar uma santidade dinâmica, alegre, responsável e decidida, deve viver em obediência, com amor, pureza e respeito, e buscar sempre anunciar o Evangelho. Para isso, ele desafia o jovem a mudar, e não apenas esperar as coisas e o mundo mudarem, evidenciando, assim, o motivo da missão evangelizadora.

Percebemos que outros temas estão presentes nas matérias do *O Vagalume*, todos com a missão de passar a imagem de um jovem evangelizador, que se faz presente, não só na Igreja, mas também em sociedade; um jovem que pode mudar seu presente tendo em vista um projeto de futuro, um futuro ‘Do Alto’.

¹⁹⁴ Vivendo a fé nos dias atuais. **O Vagalume**. Uberlândia. Nº 255, p. 4, Dezembro, 2013. Ver anexo, p. 132.

¹⁹⁵ Buscai as coisas do Alto. **O Vagalume**. Uberlândia. Nº 259, p. 3, Abril, 2014. Ver anexo, p. 131.

¹⁹⁶ Padre Léo - Buscai as Coisas do Alto. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=5OV6cXpx-UQ&feature=kp>. Acesso em 07/06/2014 às 17:49.

Na edição 245, de fevereiro de 2013, sob o título ‘Juventude, eis os enviados’¹⁹⁷, a coluna traz como tema a Campanha da Fraternidade, cujo lema era ‘Eis-me aqui, envia-me’, e juntamente com a Jornada Mundial das Juventude que seria realizada em julho daquele ano, tinha por objetivo fortalecer a desejo de evangelização dos jovens. Além disso, o tema era comemorativo da 50ª Edição da Campanha, vinte e um anos após a primeira vez que ele apareceu.

Frente a um mundo que, aos olhos da Igreja, perde cada dia mais os valores familiares, esse reforço dos jovens se faz de extrema necessidade na vivência da Igreja e da sociedade. Além disso, ao depreender suas práticas, o jovem possui capacidade de transformar sua existência e do próximo. Como explicou Dom Eduardo Pinheiro, presidente da Comissão Pastoral para a Juventude da CNBB, “uma das metas principais da CF de 2013 é olhar a realidade juvenil, compreender a riqueza de suas diversidades, potencialidades e propostas, como também os desafios que provocam atitudes e auxílios aos jovens e aos adultos.”¹⁹⁸ Dessa maneira, esses enviados podem se multiplicar e, por meio da evangelização, fortalecer a Igreja.

Esse mesmo exemplo se faz presente na edição de número 252. A coluna de setembro de 2013, cujo título era ‘Jovens missionários de Deus’¹⁹⁹, destaca novamente a missão evangelizadora atribuída à juventude. Nela cria-se a imagem de um jovem que esteja disposto a ir onde há alguém que necessite de alguém que esteja disposto a oferecer suas capacidades a serviço dos que dele carecem. Papa Francisco destacou a importância dessa missão em sua visita ao Brasil na missa realizada na Basílica do Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida:

para onde Jesus nos manda? Não há fronteiras, não há limites: enviamos para todas as pessoas. O Evangelho é para todos, e não apenas para alguns. Não é apenas para aqueles que parecem a nós mais próximos, mais abertos, mais acolhedores. É para todas as pessoas. Não tenham medo de ir e levar Cristo para todos os ambientes, até as periferias existenciais, incluindo quem parece mais distante, mais indiferente. O Senhor procura a todos, quer que todos sintam o calor da sua misericórdia e do seu amor.²⁰⁰

¹⁹⁷ Juventude, eis os enviados. **O Vagalume**. Uberlândia. Nº 245, p. 6, Fevereiro, 2013. Ver anexo, p. 125.

¹⁹⁸ Campanha da Fraternidade 2013. Disponível em <http://destrave.cancaonova.com/campanha-da-fraternidade-2013/>. Acesso em 15/06/2014 às 15:16.

¹⁹⁹ Jovens missionários de Deus. **O Vagalume**. Uberlândia. Nº 252, p. 4, Setembro, 2013. Ver anexo, p. 129.

²⁰⁰ Homilia do Papa Francisco. Disponível em <http://www.renovacaocarismatica.com.br/novo/>. Acesso em 15/06/2014 às 15:38.

O discurso católico se faz presente também em outras edições na coluna Igreja Jovem de O Vagalume. Em abril de 2013 o tema foi ‘Precisamos de Santos’. Na página destinada à coluna percebemos como a linguagem é destinada aos jovens e, mesmo o sendo, é possível viver em santidade.

Em um primeiro momento é destacado como a realidade do mundo confronta as escolhas dos jovens. Mas é nesse contexto que a Igreja aparece, aproximando-se deles e resgatando o verdadeiro espírito de uma juventude cristã, cuja vitalidade e disposição devem ser usadas em prol de um mundo melhor. O próprio Papa Emérito Bento XVI, em visita ao Brasil em 2007, destacou em um de seus discursos para a juventude: “[...] *não desperdiceis vossa juventude. Não tendeis fugir dela. Vivei-a intensamente. Consagrai-a aos elevados ideais da fé e da solidariedade humana.*”²⁰¹

Dessa maneira, a coluna demonstra que a Igreja Católica precisa dos jovens ‘Santos’, com disposição e alegria que lhe são inerentes; jovens que vão em busca do bem e do amor ao próximo.

Precisam-se de Santos que não deixem de ir ao cinema, as baladas, usar calça jeans e comer doces. A nossa juventude é capaz de mudar o mundo e, para fazer isso acontecer, basta colocar Deus em primeiro lugar. Então, amemos a Eucaristia e saibamos saborear as coisas puras e boas do mundo - mas não sejamos mundanos.²⁰²

Além dessa busca pela santificação dos jovens, a matéria destaca a diferença de estar no mundo e não pertencer a ele. Tema, aliás, citado anteriormente, presente na edição de número 255. Para a Igreja, a relação Mundo/Mundano sempre esteve ligada à de Corpo/Alma e hoje, ainda mais, à figura dos jovens. Ao se aproximar da juventude, a Igreja busca resgatar a vitalidade própria desse grupo e incentivar as suas ações em prol de um mundo melhor. Dessa maneira, o corpo, a parte material, está ligado ao mundano. Os jovens devem aproveitar as boas coisas que o mundo lhes oferece, contudo devem sempre ter a consciência de que a alma, a essência, pertence ao espiritual, a Deus. Por isso tal ideia é importante para os projetos que a Igreja destina aos jovens, pois resgata o que é próprio da RCC: o Espírito.

Outra matéria que merecer destaque foi a de agosto de 2013. Um mês após as manifestações que eclodiram por todo país, a coluna Igreja Jovem trouxe como tema

²⁰¹ Viagem Apostólica de Sua Santidade Bento XVI ao Brasil por ocasião da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe. Encontro com os jovens. Estádio Municipal do Pacaembu, São Paulo. Quinta-feira, 10 de maio de 2007. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070510_youth-brazil_po.html. Acesso em 15/06/2014 às 16:35.

²⁰² Precisamos de Santos. **O Vagalume**. Uberlândia. Nº 247, p. 4, Abril, 2013. Ver anexo, p. 126.

‘As manifestações, os Jovens e a Igreja’. Aqui, o objetivo foi inserir o jovem carismático dentro de sua própria realidade, mostrando sua capacidade de transformação do mundo e de si próprio.

Ao destacar a voz das ruas, a coluna defende o princípio de que o jovem que aderir tais movimentos deve ter em vista seus princípios e o verdadeiro intuito dos protestos. Mesmo que o protesto não seja relevante para o jovem é importante ter sempre em vista o ideal cristão de amor ao próximo, enfatizado no seguinte trecho: “*antes mesmo de sair de nossos lares, devemos lembrar o que nos motiva e o que nos representa. A violência, por exemplo, não representa a juventude cristã.*”²⁰³

Com essa mensagem, a matéria levanta a bandeira por dias melhores, de esperança por um país melhor e evoca a proteção divina nesses tempos de lutas, sempre tendo em vista, uma vida em santidade. “[...] que Ele guie os nossos passos, nos dê perseverança e humildade para segui-Lo em santidade.”²⁰⁴

Percebemos como o Movimento está ligado também à realidade que cerca os jovens, fazendo deles verdadeiros atores sociais. Dessa forma, a religião é capaz de fornecer soluções realmente práticas, conforme evidencia Pierre Bourdieu:

se a religião cumpre funções sociais, tornando-se, portanto, passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes.²⁰⁵

Essa ideia demonstra como a relação entre os jovens e as manifestações também são passíveis de uma análise mais social. Esse grupo busca entender quais os significados da existência, ao passo que também querem entender e modificar sua realidade e dos outros.

Outra forma que busca a Evangelização dessa juventude são os chamados Grupos de Oração Universitários (G.O.U.s). Aos moldes dos Grupos de Oração tradicionais, os GOUs são grupos de oração e partilha de orientação católico-carismática. Seus membros são jovens universitários que utilizam do espaço da universidade para desenvolverem suas atividades religiosas nos intervalos das aulas.

²⁰³ As manifestações, os jovens e a Igreja. **O Vagalume**. Uberlândia. Nº 251, p. 4, Agosto, 2013. Ver anexo, p. 128.

²⁰⁴ Idem.

²⁰⁵ BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982, p.25.

Munidos geralmente de um violão e da Bíblia, se encontram uma vez por semana dispostos a rezar, cantar, louvar e pregar o Evangelho, tudo isso em um ambiente familiar e acolhedor.

Muitos são os trabalhos que traçam uma exaustiva história da origem dos grupos de oração. Contudo, por não estarmos preocupados com a origem, mas em problematizar tais grupos, limitaremos apenas em levantar os dois primeiros grupos, que surgiram nas universidades de Maringá e Viçosa durante a década de 80, sendo este último o de maior êxito. Além de um espaço comum para reunir os adeptos da renovação carismática, seu objetivo era a partilha da fé, de suas alegrias e dilemas. Muitos foram os projetos desenvolvidos pelos membros do G.O.U de Viçosa, incluindo o famoso SEARA, palavra bíblica que significa terra preparada para ser lançada a semente. Este evento

traz uma opção diferente para os dias de carnaval à comunidade viçosense e às pessoas procedentes dos mais variados pontos do estado ou mesmo do país, onde num clima de alegria e paz são proferidas pregações, intercaladas com muita música, shows, orações, teatros, missas e seminários, visando sempre o anúncio da salvação em Jesus, o reavivamento da fé, a formação espiritual, a busca de uma conversão profunda e de uma vida de santidade.²⁰⁶

O primeiro SEARA aconteceu em 1988, contudo, apenas em 1994 a sua organização possibilitou a organização de um agenda de evangelização universitária, que visava a implantação de GOUs pelas universidades do país. Tal evento levou à formação de um organismo que centralizava a assistência aos GOUs, o Projeto Universidades Renovadas (PUR). Em 1995, ele foi integrado à Secretaria Marcos, órgão interno da RCC responsável pelo trabalho com a juventude e, em 1998, foi transformado em Secretaria Lucas, responsável apenas pelos universitários. Por fim, foi convertido em Ministério Universidades Renovadas (MUR), já em 2003.

O projeto de evangelização universitária pode ser descrito por uma relação dicotômica, entre Fé e Razão. Como evidencia Benedetti, “*o fenômeno religioso padece de um movimento pendular entre carisma e burocracia; carisma e organização; carisma e rotinização; carisma pessoa e carisma de função; movimento e instituição;*

²⁰⁶ O Seara e sua história. Disponível em <http://www.rccvicosa.com/rcc/nossa-historia/>. Acesso em 16/06/2014 às 16:17.

profecia e sacerdócio [...]”²⁰⁷ a fim de renovar as Universidades do Brasil por meio dos Grupos Católicos.

A história dos GOUs em Uberlândia começou em 1994, com três jovens que começaram a se reunir em um sala para orarem juntos e partilharem seus anseios e curiosidades da vida acadêmica. Esta pequena comunidade já nasceu forte, devido ao fato de todos serem da mesma cidade, provenientes de um mesmo G.O..

Com o tempo alguns conhecidos e curiosos se juntaram aos encontros e logo eles estavam participando de outros eventos: houve a realização do 1º Retiro para Iniciação Cristã Universitário (REPIC), encontro que reuniu jovens carismáticos em uma fazenda próxima a Araguari. Além de gincanas e práticas de esportes, foi promovido um momento de música entre os participantes.

Nos anos que se seguiram, esses jovens carismáticos e universitários participaram de seu primeiro SEARA, o que fomentou o surgimento de mais GOUs em outras faculdades e campus pela cidade, e o ENUCCS (Encontro Nacional de Universitários Católicos Carismáticos). Dessa maneira, o Projeto Universidades Renovadas ganhou força na cidade. Esses eventos, voltados para o público universitário, segue a linha geral da RCC e de seus eventos específicos que reúnem grande público, como os Cenáculos, Missa Show, entre outros.

De modo geral, esses Encontros Nacionais de Universitários Católicos Carismáticos, ao estimularem a participação dos jovens, acabam por efetivar o desenvolvimento do PUR, cuja célula são os GOUs. Pradi, ao descrever as práticas religiosas carismáticas, demonstra que

(...) os encontros carismáticos católicos procuram seguir uma estrutura ritual razoavelmente padronizada capaz de controlá-las. O uso constante de orações e cânticos não se dá de maneira aleatória e desordenada. Em geral, é obedecida uma sequencia litúrgica controlada pelos líderes, que dela se valem para administrar o desenrolar das cerimônias.²⁰⁸

Uberlândia possui hoje oito Grupos de Oração Universitários. São eles: GOU Imaculado Coração de Maria, (Faculdade Pitágoras); GOU Dominus e GOU Santa Mônica (UFU Campus Santa Mônica); GOU Santo Inácio de Loyola (UFU Campus

²⁰⁷ BENEDETTI, Luiz Roberto. **Templo, Praça e Coração:** A articulação do campo religioso católico. 1988. 545p. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas USP, São Paulo, p. 21. APUD GABRIEL, Eduardo. **A Evangelização Carismática Católica na Universidade:** o sonho do Grupo de Oração Universitário. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2005, p.39.

²⁰⁸ PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do espírito:** a renovação conservadora do catolicismo carismático. 2ª Ed. São Paulo: EDUSP – Fapesp, 1998. p. 62.

Umuarama); GOU Asas e GOU Nossa Senhora do Rosário (Unitri); GOU Pastorinhos de Fátima (Uniube Campus Rondon Pacheco); GOU Pescadores de Cristo (IFTM). Afora isso, a RCC realiza uma missa no Campus Santa Mônica da UFU, todas as terças às 18h, cujo rito começa às 17h25min com o terço.

Localização das Instituições que possuem GOUs²⁰⁹



É necessário frisar que, além dos GOUs, o Ministério possui também como forma de atuação os Grupos de Partilha de Profissionais (G.P.Ps) que pregam uma reestruturação social através da vivência da ética cristã no trabalho profissional, tendo como lema “Um sonho de Amor para o Mundo”. O único de Uberlândia é o GPP São José Operário, que se reúne na Igreja Nossa Senhora do Caminho.

De acordo com o blog do Movimento em Uberlândia, o Ministério realiza,

(...) além das reuniões semanais de oração que são os GOUs, atividades como: calouradas cristãs (ecumênicas e ou católicas); retiros de aprofundamento (formação humana, afetividade e sexualidade, doutrina social da Igreja); experiências de oração para alunos e para professores; missões na Universidade e em comunidades carentes; grupos de partilha e perseverança para os profissionais (GPPs); encontros em nível diocesano, estadual, regional e nacional; acolhida aos vestibulandos e aos calouros; parcerias com outras secretarias e comunidades da RCC.²¹⁰

É interessante destacar como tais reuniões se dão. Os participantes se encontram semanalmente, em horários e locais variados, que acontecem de acordo com a dinâmica

²⁰⁹ Mapa produzido manualmente por nós com informações coletadas acerca dos GOUS em Uberlândia.

²¹⁰ O que é MUR? Disponível em: <<http://uberlandiamur.blogspot.com/2010/04/o-que-e-mur.html>>. Acesso em: 21/07/2011 às 15:08.

não só do grupo, mas também da universidade. Isso demonstra como se dá a configuração dessa juventude: trata-se de jovens carismáticos e universitários, que disponibilizam um momento semanal para participarem desse momento tal vital para a manutenção da RCC.

GOU Imaculado Coração de Maria, segundas-feiras, às 20h15min, em frente à biblioteca;

GOU Dominus, terças ferias, às 20h30min, na praça do Bloco J (começando 20h00 com o santo terço);

GOU Santa Mônica, quartas-feiras, às 12h00, no Bloco 3D sala 202;

GOU Santo Inácio de Loyola, quartas-feiras, às 12h20min, no Bloco 4K sala 216;

GOU Asas, quartas-feiras, às 20h40min, no Bloco A sala 104;

GOU Pastorinhos de Fátima, quartas-feiras, às 20h40min, no Anfiteatro;

GOU Pescadores de Cristo, sextas-feiras, às 12h20min, no Anfiteatro;

GOU Nossa Senhora do Rosário, quintas-feiras, às 10h00, no Bloco D Sala 15.

Nesse contexto universitário, os GOUs acabam por conceber “*uma teologia intimista (...), o estabelecimento de vínculos e o surgimento da partilha de uma fé individuais*,²¹¹ típica da RCC. O resultado desse carismatismo realizado na universidade, como sugere Benedetti, aponta que

o dogma, a verdade e a fé, sofrem neste processo, uma reduplicação de sacralidade: objetivamente sacralizados como verdades, recebem uma sobrecarga de absorção (subjetiva) através de adesão emocional-afetiva intensa. Ao reduzir o objetivo ao subjetivo, o real à interpretação, a crença à experiência subjetiva da crença, os pentecostais católicos adoram sua própria emoção religiosa.²¹²

Para além de uma secretaria que tem por responsabilidade a evangelização carismática na universidade, o MUR acabou por se transformar em um dos mais característicos elementos do campo religioso católico carismático. Por esse motivo,

²¹¹ PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do espírito:** a renovação conservadora do catolicismo carismático. 2ª Ed. São Paulo: EDUSP – Fapesp, 1998. p. 54.

²¹² BENEDETTI, Luiz Roberto. **Templo, Praça e Coração:** A articulação do campo religioso católico. 1988. 545p. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas USP, São Paulo, p. 283. APUD GABRIEL, Eduardo. **A Evangelização Carismática Católica na Universidade:** o sonho do Grupo de Oração Universitário. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2005, p.61.

além de ser um movimento totalmente leigo, voltado de e para universitários, acaba sendo objeto de disputas dentro da própria RCC, uma vez que seus líderes almejam maior unidade em relação ao Movimento.

De modo geral, podemos expor como esses vários elementos se interrelacionam, formando o amálgama do que é o grande pilar do catolicismo contemporâneo.

Todas as mudanças pelas quais a Santa Sé veio passando, desde que João XXIII convocou o Concílio Vaticano II, até A escolha de Francisco como o 266º Papa pode ser entendida em apenas uma palavra: Renovação. Por mais que a teologia e a doutrina estivessem, de certo modo, estagnadas durante o pontificado de Bento XVI, nos é evidente as transformações pelas quais a Cúria Romana esteve sempre em busca.

A nova face da Igreja de Pedro pode ser compreendida por esse ‘boom’ da juventude. Tal conceito, entendido como oposto da finitude, da morte, torna-se a bandeira da renovação pretendida pelo catolicismo. Jovem é movimento, é renovação é carisma.

É por isso que a Igreja se volta, nos séculos XX e XXI, para a corporalidade. Exemplo dessa nova forma de espiritualidade são as inúmeras fileiras do catolicismo carismático presente hoje nas mais variadas dioceses. O Movimento também é encontrado em Uberlândia, onde a presença do jovem é ativa e determinante para os novos rumos dessa nova forma de evangelizar. Como explicitado por Sofiati, “*esses grupos absorvem o que lhes interessa de cada proposta de espiritualidade e aplicam sua realidade, sendo que essa parece ser a tendência atual no interior do catolicismo.*”²¹³

Seja na sua diocese, nos encontros de jovens e até mesmo na universidade, o jovem é marca registrada dessa renovação. São garotos, garotas e casais jovens que buscam uma aproximação com aquela fé que, por séculos, esteve limitada aos muros do templo; uma fé que só era possível através da intervenção de um sacerdote. Mas agora, ela se encontra dentro de cada um, independentemente do local onde se encontram. Não é à toa que tais reuniões, muitas das vezes, não acontecem dentro da própria igreja. Ela pode ser alcançada por cada um, de forma íntima, porém, aos olhos de todos os presentes. O Movimento de Renovação Carismática é isso: é energia, dinâmica, inovação e ressurreição.

²¹³ SOFIATI, Flávio Munhoz. Etnografia de Grupos Juvenis Católicos: Diálogos e Experiência de Fé. **Revista Caminhos**. Goiânia, v. 10, n. 1. Jan/Jun. 2012. p. 157.

Considerações Finais

No discurso propagado pela Igreja Católica, é comum encontrarmos a noção de perda de valores por parte da sociedade. Ao lado disso, observa-se um afastamento da Igreja em relação ao mundo e aos problemas sociais, devido, em parte, a uma crescente falta de fé do homem contemporâneo.

Esse ‘discurso da crise’ compõe a imagem de uma Igreja frente a uma sociedade moderna, secularizada e materialista, cujo retrocesso é caracterizado através da perda de uma ética moral cristã, de fieis e da diminuição de seu espaço na sociedade. Podemos verificar indícios dessa relação na Carta do Papa João Paulo II a D. Jean-Pierre Ricard, Arcebispo de Bordéus e Presidente da Conferência Episcopal Francesa.

A crise de valores e a falta de esperança que se verifica na França, e mais amplamente no Ocidente, fazem parte da crise de identidade que as sociedades modernas atuais vivem; com frequência elas propõem uma vida fundada no bem-estar material, que não pode indicar o sentido da existência, nem dar os valores fundamentais para fazer opções livres e responsáveis, fonte de alegria e bem-estar. A Igreja interroga-se sobre tal situação e deseja que os valores religiosos, morais e espirituais, que pertencem ao patrimônio da França, que modelaram a sua identidade e que forjaram gerações de pessoas desde os primeiros séculos do cristianismo, não sejam esquecidos.²¹⁴

Ao expor tal ‘crise’, a Igreja Católica aparece como solução possível para tais males e como “salvadora da sociedade”. Assim, ela se vale da propaganda de sua renovação, a fim de que os fieis sejam atraídos pela solução para tais problemas seculares, funcionando, dessa forma, como estímulo ao retorno dos indivíduos afastados da comunidade religiosa.

É comum encontrarmos assimilações em relação ao ‘discurso da crise’ como descrença do homem moderno e à perda do espaço devido à ascensão de novas denominações cristãs e não-cristãs. Tal argumento também é encontrado nos trabalhos de teóricos da Igreja ou cientistas ligados a ela. Contudo,

(...) a ‘crise’ está presente nos discursos do clero, dos teólogos e da academia, porém, quando observamos a Igreja in loco o que vemos é sua contínua solidez, o crescente número de fiéis, sem contar o

²¹⁴ Carta do Papa João Paulo II a D. Jean-Pierre Ricard, Arcebispo de Bordéus e Presidente da Conferência Episcopal Francesa. Disponível em: <www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/2005/documents/hf_jpii_let_20050211_french-bishops_po.html>. Acesso em 21/07/2014 às 17:42.

número de novas organizações católicas que surgem e se somam a outras tantas.²¹⁵

Dessa forma, as teorias acerca da dessacralização da sociedade e do desencantamento do mundo moderno alimentam o discurso religioso, culminando numa reação devocional. Os vários movimentos religiosos católicos aparecem como forças de defesa da Igreja frente à ‘crise’, garantido ao fiel um grande leque de alternativas e variadas soluções, o que mantém o rebanho e a constante renovação do Catolicismo.

É nesse contexto que a Renovação Carismática encontra legitimização.

E foi como combatente da ‘crise’ que a Renovação Carismática se posicionou no universo católico. O discurso carismático caracteriza o Movimento como fonte de renovação da Igreja, veículo pelo qual a Igreja poderia vencer os percalços da falta de fé e os desafios da sociedade secularizada.²¹⁶

Em um primeiro momento, a modernização da sociedade fora entendida como sinônimo de secularização, contrapondo a religião ao progresso e ao desenvolvimento social, colocando a racionalização crescente da vida social como causa inevitável de retraimento da religião. Contudo, essa é uma visão linear e progressiva de secularização, pois tal contraponto perde importância frente a uma religião que seja aberta à ambivalência dos fenômenos sociais e ao reconhecimento da persistência dela na sociedade contemporânea.

A religião, enquanto fator relevante da mutação social e política que está rapidamente mudando o resto do mundo contemporâneo é entendida em uma nova perspectiva diante dessa nova sociedade. Ela deve ser considerada como um recurso cultural e como forma complexa que escapa à identificação com qualquer instituição religiosa ou com partes do sistema social, cujos símbolos interpretam a nova realidade percebida pelos atores, sem passar diretamente pela religião institucionalizada.

Assim, tal sociedade seria entendida como ‘pós-secular’ na qual a ênfase na tendência secularizante é deixada de lado permitindo perceber inúmeros fenômenos de dessecularização, o que possibilita também reconsiderar o fenômeno religioso na sua globalidade e peculiaridade, sem esquecer a espessura institucional ou esvaziar a dimensão ética dos fenômenos religiosos.

Dessa maneira, percebemos que a necessidade do sagrado nunca desapareceu totalmente. A secularização não inverteu a ordem sagrada ou a superou, mas criou uma

²¹⁵ MASSARÃO, Leila Maria. Combates no Espírito: Renovação Carismática Católica, teorias e interpretações. **Revistas Aulas: Dossiê Religião**, Campinas, UNICAMP, n. 4, p. 17, Abr./Jul. 2007.

²¹⁶ Idem. p. 19.

relação de retomada e manutenção, ligando a civilização profana às suas raízes judaico-cristãs.

Uma cultura secularizada não é uma cultura que simplesmente deixou para trás os conteúdos religiosos da tradição, mas que continua a vivê-los como traços, modelos escondidos e distorcidos, porém profundamente presentes.²¹⁷

Essa visão pode ser justificada quando analisamos o Movimento Carismático Católico. Nele encontramos os pontos centrais dessa ideia, principalmente no que se remete à adaptação a essa nova visão do religioso na contemporaneidade.

Deve-se destacar, porém, que não há perda de influência pública da religião diante da modernidade, mas uma relação simultânea de reconhecimento e neutralização com as formulações modernas, onde a religião busca articular o moderno e sagrado. Assim, a Renovação Carismática acaba por comportar as ambiguidades entre o tradicional e o moderno, e essa tendência de um Movimento complexo, acaba por se condensar na juventude, mais especificamente na universitária.

As religiões têm por função a regulamentação da vida as quais são capazes de constituir e influenciar moralmente a conduta de vida dos indivíduos e grupos, suprindo aquilo que o profano não pode oferecer.

Para Geertz²¹⁸ o campo religioso é o lugar onde se pensam as relações entre os homens através de símbolos religiosos. “A questão interna do sistema de significados que incorporados nela como símbolos, fazem a religião em si mesma e a diferenciam das outras construções simbólicas do homem como cultura.”²¹⁹

Há um movimento de socialização nos Grupos, uma vez que, no momento de concentração, os fieis passam de unidades representativas de sua própria individualidade para serem parte de um fluxo coletivo. De acordo com Durkheim, “[...] as representações coletivas são, portanto, percebidas enquanto relativamente autônomas e, simultaneamente, como constitutivas do tecido social.”²²⁰

Essa noção de religião enquanto produto do coletivo explicita toda a ideia desta pesquisa. Ela responde a determinadas condições da vida humana pelo sentimento de

²¹⁷ VATTIMO, Gianni. **La società transparente**. Milão: Garzanti. 1989 apud MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna**: entre secularização e dessecularização. Tradução de Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas. 1995.p. 437.

²¹⁸ GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

²¹⁹ BRANDÃO, Carlo Rodrigues. Crença e Identidade: campo religioso e mudança cultural. In: SANCHIS, Pierre. **Catolicismo**: unidade religiosa e pluralismo cultura. São Paulo: Edições Loyola, 1992, p. 8.

²²⁰ DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares de Vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Tradução de Joaquim Pereira Neto. Revisão José Joaquim Sobral. São Paulo: Paulinas, 1989, p. 11.

um laço que une o espírito humano ao espírito misterioso; entre o sagrado e o profano, entendidos aqui na perspectiva de Roger Caillois. Para ele, o Sagrado aparece

(...) como uma categoria da sensibilidade. Na verdade, é a categoria sobre a qual assenta a atitude religiosa, aquela que lhe dá o seu caráter específico, aquela que impõe ao fiel um sentimento de respeito particular, que presume a sua fé contra o espírito de exame, a subtrai à discussão, a coloca fora e para além da razão.²²¹

Por isso, tal proposta de pesquisa teve por objetivo compreender a articulação entre indivíduo e coletividade. Um sentimento coletivo é capaz exprimir formas de se fazer história, tanto quanto um conceito ou um fato. Além disso, ao se tratar de Renovação Carismática e Grupos de Oração, acaba-se por perpassar por noções como corpo e corporalidade.

Dessa forma, em seu intercâmbio com a antropologia, a história propõem-se uma ‘etnografia histórica’ em que os documentos são vestígios na mão do historiador. A partir do instrumental da etnografia podemos perceber como podem existir muitas histórias muitos tempos.²²²

Com todo o exposto, podemos chegar a algumas possíveis conclusões. Em primeiro lugar é evidente a abertura pós Vaticano II em relação ao apostolado dos leigos. Graças a esse diálogo com a modernidade, a Igreja possibilitou o surgimento de movimentos de caráter pentecostal. A relação tempo, História e religião nos permite perceber como o catolicismo se reinventa, buscando se readaptar diante dessa nova sociedade. Por outro lado, apesar desse caráter liberal pós conciliar, percebemos uma ala conservadora por parte de clérigos latino americanos, dentro do próprio concílio. Isso nos evidencia que um Movimento tão amplo, carece de ainda mais investigação. Do mesmo modo, há hoje tanto defensores quanto condenadores da RCC.

Percebe-se também uma aproximação do papado em relação aos leigos e, principalmente, da juventude. Este fica mais evidente a partir do papado de João Paulo II, e se concretiza com as atuais ações de Francisco. Se o primeiro lançou a JMJ, o segundo a efetivou. A RCC nos permite perceber as representações sociais sobre o mundo contemporâneo e sobre a juventude enquanto conceito. Essas representações de juventude puderam ser melhor compreendidas através dos materiais divulgados pela Diocese de Uberlândia e analisados durante esse trabalho.

²²¹ CAILLOIS, Roger. **O Homem e o Sagrado**. Tradução de Geminiano Cascais Franco. Lisboa: Edições 70, 1963, p. 22.

²²² NAVEIRA, Olívia Pavani. Os Annales e as suas influências com as Ciências Sociais. In: **Klepsidra – Revista Virtual de História**. Ano III, nº 16, abril-maio de 2003, p. 11. Disponível em <<http://www.klepsidra.net/novaklepsidra.html>>. Acesso em 20/07/2014 às 16:47.

Bibliografia

AGAMBEN, Giorgio. Tempo e História: crítica do instante e do contínuo. In: **Infância e História**: destruição da experiência e origem da História. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ALMEIDA. João Carlos. Catão. Francisco. **Existem razões para apoiar a RCC?** Disponível em: <http://blog.cancaonova.com/padrejoaozinho/2009/11/10/existem-razoes-para-apoiar-a-rcc/>.

ALMEIDA, João Carlos, MANZINI, Rosana, MAÇANEIRO, Marcial (org.) **As Janelas do Vaticano II: a Igreja em diálogo com o mundo**. Aparecida\SP: Editora Santuário. 2013.

ANTONIAZZI, Alberto. As religiões no Brasil segundo o Censo de 2000. **Magis: cadernos de Fé e Cultura**. (Especial), n.1, agosto, 2002, p. 83-109.

AZZI, Riolando. **A Igreja Católica na Formação da Sociedade Brasileira**. Aparecida\SP: Editora Santuário. 2008

_____. A Teologia na Reforma Católica (1840-1920). In: _____. **Teologia em diálogo**. São Paulo: Paulinas, 1992.

BENEDETTI, Luiz Roberto. **Templo, Praça e Coração**: A articulação do campo religioso católico. 1988. 545p. Tese de Doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas USP, São Paulo, p. 21. APUD GABRIEL, Eduardo. **A Evangelização Carismática Católica na Universidade**: o sonho do Grupo de Oração Universitário. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2005, p.39.

BERNSTEIN, Carl; POLITI, Marco. **Sua Santidade: João Paulo II e a história oculta de nosso tempo**. São Paulo: Objetiva, 1996.

BLAINY, Geoffrey. **Uma breve História do Cristianismo**. São Paulo: Editora Fundamento Educacional. 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. A crise das instituições tradicionais produtoras de sentido. In: MOREIRA, A.; ZICMAN, R. (Orgs.). **Misticismo e novas religiões**. Petrópolis: Vozes, 1994.

_____. Crença e Identidade: campo religioso e mudança cultural. In: SANCHIS, Pierre. **Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural**. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. Ser católico: dimensões brasileiras – um estudo sobre a atribuição de identidade através da religião. In: SACHS, Viola; et al. **Brasil & EUA: Religião e Identidade Nacional**. Tradução de Sérgio Lamarão. Rio de Janeiro: Graal, 1988.

CAILLOIS, Roger. **O Homem e o Sagrado**. Tradução de Geminiano Cascais Franco. Lisboa: Edições 70, 1963.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. **Os Baluartes da Tradição**: o conservadorismo católico brasileiro no Concílio Vaticano II. Curitiba: CRV, 2011.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Católicos, protestantes e espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

CAMPOS JÚNIOR, Luís de Castro. **Pentecostalismo**: sentidos da palavra divina. São Paulo: Ática, 1995.

CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. **Antropologia do Brasil**. São Paulo: Brasiliense/Edusp, 1987.

CATÃO, Francisco. **Carismáticos, um sopro de renovação**. São Paulo: Ed. Salesiana Dom Bosco, 1995.

CUNHA, Mons. Antônio Afonso da; SALAZAR, Aparecida Portilho. **Nossos pais nos contaram**: História da Igreja em Uberlândia (1818-1889). Uberlândia: UFU, 1989.

DEGRANDIS, Robert; SCHUBERT, Linda. **Vem e segue-me**: a liderança na Renovação Carismática Católica. 2 ed. São Paulo: Loyola, 1990.

DIEL, Paulo Fernando. A paróquia no Brasil na restauração católica durante a Primeira República. In: TORRES-LONDONÓ, Fernando. (Org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil**: perspectiva histórica. São Paulo: Paulus, 1997.

DUBY. Georges. **Ano 1000, ano 2000**: na pista de nossos medos. São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares de Vida religiosa**: o sistema totêmico na Austrália. Tradução de Joaquim Pereira Neto; Revisão José Joaquim Sobral. São Paulo: Paulinas, 1989.

EZCURRA, A. M. **O Vaticano e o Governo Reagan**. São Paulo. Hucitec: 1984.

FRESTON, Paul. Breve história do pentecostalismo brasileiro. In: ANTONIAZZI, Alberto et al. **Nem anjos nem demônios**: interpretações sociológicas do pentecostalismo. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

GOMES, Francisco José Silva. A religião como objeto da história. In: LIMA, L. L; CIRIBELLI, M.; HONORATO, C. T.; SILVA, F. C. T. (Orgs.) **História & Religião**. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Tradução Márcia Sá Cavalcante Schuback. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado**: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LAURENTIN, R. **Pentecostalismo entre Católicos**: riscos e futuro. Petrópolis: Vozes. 1977.

MACHADO, Maria Clara Tomaz. A institucionalização da Pobreza no Espaço Urbano Burguês. IN: **Cadernos de História**. Uberlândia: Edufu, Jan/Jun 1991.

_____. Muito aquém do paraíso: ordem, progresso e disciplina em Uberlândia. **Revista História e Perspectivas**. Dossiê: Poder Local e representações coletivas. Uberlândia: Edufu, n°. 4, Jan/Jun 1991.

MARTELLI, Stefano. **A religião na sociedade pós-moderna**: entre secularização e dessecularização. Tradução de Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulinas. 1995.

MASSARÃO, Leila Maria. Combates no Espírito: Renovação Carismática Católica, teorias e interpretações. **Revistas Aulas**, Dossiê Religião, Campinas, UNICAMP, n. 4, Abr./Jul. 2007.

MATA, Sérgio da. **História e Religião**. Belo Horizonte: Autêntica. 2010.

NIETZSCHE, Friedrich. **Segunda Consideração Intempestiva**: da utilidade e desvantagem da história para a vida. Tradução Marco Antônio Casanova. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2003.

NOVAK, Philip. **A Sabedoria do Mundo**. Tradução de Terezinha Batista dos Santos. Rio de Janeiro: Nova Era, 1999.

OLIVEIRA, Michel Angelo Abadio de. **Religião e Contemporaneidade**: um estudo acerca da Renovação Carismática Católica. Monografia (Bacharelado) – Instituto de História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2011.

PASSOS, M. O catolicismo popular: o sagrado, a tradição, a festa. In: _____. **A festa na vida**: significados e imagens. Petrópolis: Vozes, 2002.

PATTARO, Germano. A concepção cristã do tempo. In: RICOER, Paul (Org.). **As culturas e o tempo**. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Edusp, 1975.

PIERUCCI, Antônio Flávio; PRANDI, Reginaldo. (Orgs.). **A Realidade Social das Religiões no Brasil**. São Paulo: Hucitec, 1996.

PLATÃO. Timeu-Crítias. Tradução do grego, introdução, notas e índices: Rodolfo Lopes. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. **Série Colecção autores gregos e latinos**. 2011.

PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do Espírito**. São Paulo: Edusp, 1998.

PRADO, José Luiz Gonzaga do. Há razões para não apoiar a RCC? **Revista Vida Pastoral**, nº 234, Jan/Fev 2004.

ROCHA, Daniel. **Venha a nós o Vosso Reino**: relações entre escatologia e política na história do pentecostalismo brasileiro. São Paulo: Fonte Editorial. 2012.

SANCHIS, Pierre (org.). **Catolicismo**: unidade religiosa e pluralismo cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

SANTOS, Geraldo Junio Pinheiro. **Católicos e carismáticos na Diocese de Uberlândia**: Rádio América, nas ondas da fé e da emoção – Uberlândia (1961-1995). 2006. Dissertação (Mestrado) – Programada de Pós-graduação em História, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2006.

SILVA, Wellington Teodoro da. Um percurso no catolicismo brasileiro: tradição e revolução. In: PASSOS, Mauro. (Org.). **Diálogos Cruzados**: religião, história e construção social. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2010.

SMET, Walter. **Comunidades Carismáticas**. São Paulo: Loyola, 1987.

SMITH, Huston. **The World's Religions**. San Francisco: Harper San Francisco, 1991.

SOFIATI, Flávio Munhoz. Etnografia de Grupos Juvenis Católicos: Diálogos e Experiência de Fé. **Revista Caminhos**. Goiânia, v. 10, n. 1. Jan/Jun. 2012.

TEIXEIRA, Tito. **Bandeirantes e Pioneiros do Brasil Central** – História da Criação do Município de Uberlândia. Uberlândia: Editora Gráfica de Uberlândia, 1970. (Vol. I e II.).

TORRES-LONDOÑO, Fernando. (Org.). **Paróquia e Comunidade no Brasil**: perspectiva histórica. São Paulo: PAULUS, 1997.

VATTIMO, Gianni. **La società transparente**. Milão: Garzanti, 1989.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade**. Brasilia: Editora da UNB, 1991.

WEIGEL, George. **A Verdade do Catolicismo**. Lisboa: Bertrand Editora, 2002.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. Festas Religiosas no Rio de Janeiro: perspectivas de controle e tolerância no século XIX. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 14, 1994.

_____. Cultura popular: um conceito e várias histórias. In: ABREU, Martha; SOIHET, Raquel. (Orgs.). **Ensino de História** – Conceitos, temáticas e metodologia. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

ASSIS, Marcos Arcanjo. Católicos “por fora”, evangélicos “por dentro”: notas sobre a juventude e trânsito religioso. In: PEREZ, L. F.; TAVARES, F.; CAMURÇA, M. (Orgs.). **Ser jovem em Minas Gerais**: religião, cultura e política. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

BACZKO, Bronislaw. A imaginação social In: ROMANO, Ruggiero. (Org.). **Encyclopédia Einaudi (Anthropos-Homem)**. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. v. 5.

BATAILLE, Georges. **Teoria da Religião**. Tradução de Sérgio Goes de Paula e Viviane de Lamare. São Paulo: Ática. 1993.

BEYER, Peter. A privatização e a influência pública da religião na sociedade global. In: FEATHERSTONE, Mike (org.). **Cultura global: nacionalismo, globalização e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BISSON, Mauro Polacow. Brincando nos Campos do Senhor: Religiosidade, Pós-Modernismo e Interpretação. In: RAGO, M; GIMENES, R.A.O (org.) **Narrar o passado, repensar a História**. Campinas: UNICAMP, Humanas, 2000.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício de Historiador**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência**: por uma sociologia clínica do campo científico. Tradução de Denice Barbaru Catani. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

CAMARGO, Cândido Procópio Ferreira de. **Igreja e Desenvolvimento**. São Paulo: Brasileira de Ciências, 1971.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. Secularização e reencantamento: emergência dos novos movimentos religiosos. **Boletim Informativo de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, 2003.

CARVALHO, José Jorge. O encontro de velhas e novas religiões: esboço de uma teoria dos estilos de espiritualidade. In: MOREIRA, A.; ZICMAN, R. (Orgs.). **Misticismo e novas religiões**. Petrópolis, Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel. **A escrita da história**. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: Entre Práticas e Representações. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

CHAHON, Sergio. **Os convidados para a ceia do Senhor**: as missas e a vivência leiga do catolicismo na cidade do Rio de Janeiro e arredores (1750-1820). 2001. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

CHAUVEAU, A.; TÉTARD, PH. (Orgs.). **Questões para a história do presente**. São Paulo: EDUSC, 1999.

DELLA CAVA, Ralph. Política do Vaticano 1978-1990: uma visão geral. In: SANCHIS, Pierre. **Catolicismo**: unidade religiosa e pluralismo cultural. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. Igreja e Estado no Brasil do século XX. **Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 12, 1974.

DUFFY, Eamon. **Santos e Pecadores**: A História dos Papas. Tradução de Luís Antônio Araújo. São Paulo: Cosas e Naify, 1998.

DUPRONT, Alphonse. A Religião: Antropologia religiosa. In: LE GOFF, J; NORA, P.(org.) **História: Novas Abordagens**. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

ENCICLOPÉDIA EINAUDI Igreja; Clérigo/Leigo. In: **Mythos\Logos-Sagrado\Profano**. Imprensa Nacional – Casa da Moeda. 1987.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. Tradução de Talma Tannus Muchall. São Paulo: Martins Fontes, 7ª Edição, 1995. p. 361-404.

FRAGOSO, Hugo. A Igreja na formação do estado Liberal, 1840-1875. In: CEHILA. **A História da Igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1980. Tomo II/2.

GAARDER, J.; HELLERN, V.; NOTAKER, H. **O livro Das Religiões**. Tradução Isa Mara Lando. São Paulo: Cia. da Letras, 2005.

GABRIEL, Eduardo. **A Evangelização Carismática Católica na Universidade: o sonho** do Grupo de Oração Universitário. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos-SP, 2005.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan. 1989.

GIUMBELLI, Emerson. **O fim da religião**. São Paulo: Attar. 2002.

GOMES, Edgar da Silva. **A Separação Estado-Igreja no Brasil (1890)**: uma análise da pastoral coletiva do episcopado brasileiro ao Marechal Deodoro da Fonseca. 2006. Dissertação (Mestrado em Teologia Dogmática) – PFTNSA, São Paulo, 2006.

GUERRIERO, Silas. Novidades religiosas: entre relativismos e fundamentalismos. In: BAPTISTA, P. A. N.; PASSOS, M.; SILVA, W. T. (Orgs.). **O Sagrado e o Urbano**: Diversidades, manifestações e análise. São Paulo: Paulinas, 2008, (Coleção Estudos da ABHR).

HARTOG, François. **Evidência da História**: o que os historiadores veem. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011. – (Coleção História e Historiografia).

HAUCK, João FAGUNDES. A Igreja na emancipação: 1808-1840. In: CEHILA. **A História da Igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1980. Tomo II/2.

HERVIEU-LÈGER, Daniele. **Secularización y modernidad religiosa**. 1987.

HOBSBAWM, Eric J. A Volta da Narrativa; Pós Modernismo na Floresta. In: **Sobre História**: ensaios. São Paulo: Companhia da Letras, 1999. p. 201-215.

HUBERT, H. Prefácio. In: CHANTEPIE DE LA SAUSSAYE. **Manual da História das Religiões**. Paris: s/ed., 1904.

JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo**. Tradução de Cristiane de Assis Serra. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 5^a ed. – Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

LYOTARD, Jean-François. **La condizione posmoderna: rapporto sul sapere**. Milano: Feltrinelli, 1981.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e Pentecostais**: adesão religiosa na esfera familiar. Campinas, SP: Autores Associados. São Paulo, SP: ANPOCS, 1996.

MANOEL, Ivan Ap. História, religião e religiosidade. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Dossiê Identidades Religiosas e História, Ano I, n. 1.

MAUÉS, Raymundo Heraldo. Tradição e Modernidade Conservadoras no Catolicismo: o apostolado da Oração e a Renovação Carismática Católica. **Sociedad y Religión**, Belém, UFP, n. 22/23, 2001.

MELO, Carlos Wellington Martins de. “**A nação é Católica**”: Educação e Cidadania nas primeiras décadas republicanas (1890 a 1930). 2006. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, UNESP, Franca, 2006.

MICELI, Sérgio. A força do sentido. **Introdução à Economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectivas, 1982.

MONTEIRO, Rodrigo Bentes. As Reformas Religiosas na Europa Moderna – notas para um debate historiográfico. In: **Varia História**. Departamento de História, programa de Pós-graduação em História, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte. Vol. 23, nº 37 – 2007. p. 130-150.

NASCIMENTO, Márcio Luiz do. Desencantamento do mundo: acréscimos-explicativos de Max Weber à “versão final” de “A Ética Protestante e o ‘Espírito’ do Capitalismo”. **Cronos**, Natal, v. 9, n. 1, Jan./Jun. 2008.

NAVEIRA, Olívia Pavani. Os Annales e as suas influências com as Ciências Sociais. In: **Klepsidra - Revista Virtual de História**. Ano III, nº 16, abril-maio de 2003, p. 11. Disponível em <http://www.klepsidra.net/novaklepsidra.html>

NEVES, Guilherme Pereira das. **Um mundo ainda encantado**: religião e religiosidade na América Portuguesa ao fim do período colonial. Niterói: UFF, 2000.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. Comunidade, Igreja e poder: em busca de um conceito sociológico de ‘Igreja’. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, n. 13, v. 3, Nov. 1986.

_____. **Religião e dominação de classe.** Petrópolis: Vozes, 1985.

PACE, Enzo. Religião e Globalização. In: ORO, Ari Pedro; Steil, Carlos (orgs.). **Globalização e Religião.** Petrópolis: Vozes, 1997.

PEREZ, Léa Freitas. Conflito religioso e politeísmo dos valores em tempos de globalização. In: PEREIRA, Mabel Salgado; SANTOS, Lyndon de A. (Orgs.). **Religião e violência em tempos de globalização.** São Paulo: Paulinas, 2004.

_____. Algumas notas sobre religião e cultura de consumo. **Revista Horizonte**, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, Abr./Jun. 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Em busca de uma outra História: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, n. 29, 1995.

PIERUCCI, Antônio Flávio. Bye, bye, Brasil: o declínio das religiões tradicionais no censo 2000. **Estudos Avançados**, São Paulo, EDUSP, n. 52, 2004.

_____. Reencantamento de dessecularização; propósito de um auto-engano em sociologia da religião. **Novos Estudos**, CEBRAP, 1997.

_____. Religião como Solvente - uma aula. **Novos Estudos** 75. (Cebrap). Julho 2006. p.111-127.

PORTELLI, Hugues. **Gramsci e a questão religiosa.** 2 Ed Tradução Luiz João Galo: revisão Luis Roberto Benedetti. São Paulo: Paulinas, 1984, (Coleção Sociologia e Religião).

PRANDI, Reginaldo. **Catolicismo e Família:** transformação de uma ideologia. São Paulo: CEBRAP / Brasiliense, 1975.

PROCÓPIO, Carlos Eduardo Pinto. **Universidade, Formação e Missão:** o movimento dos Grupos de Oração Universitários Carismáticos. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora - MG, 2008.

_____. Renovação Carismática Católica e espaço público - Aportes Teóricos. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**. Ano 2, Volume 5, Dezembro de 2008.

_____. Uma outra Juventude Universitária Católica: notas sobre os grupos de oração carismáticos na universidade. In: PEREZ, L. F.; TAVARES, F.; CAMURÇA, M. (Orgs.). **Ser jovem em Minas Gerais:** religião, cultura e política. Belo Horizonte: Argvmentvm; 2009.

QUEIROZ, Maria Isaura P. de. Identidade nacional, religião, expressões culturais.: a criação religiosa no Brasil. In: SANCHIS, Pierre. (Org.). **Catolicismo:** unidade religiosa e pluralismo cultural. Grupo de Estudos do Catolicismo do ISER. São Paulo: Loyola, 1992.

QUADROS, Eduardo Gusmão de. A visão trágica do catolicismo no Brasil: inconformações de Eduardo Hoornaert. **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPUH, ano II, n 6. 2010.

RAQUENTAL JÚNIOR, César Alberto. **Ensino Religioso x Ensino Laico**: a laicização da escola pública na 1^a República. 2007, Dissertação (Mestrado) – PUC-RS, Porto Alegre, 2007.

RAMOS, Amélia Gabriela Thamer Miranda. “Da Fé na Razão” à “Razão na Fé”: Memória e Movimento Estudantil Religioso. In: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá - PR, v.III, n.9, jan/2011.

RANAGHAN, Dorothy; RANAGHAN, Kevin. **Católicos Pentecostais**. São Paulo: Paulist-Prest, 1972.

RODRIGUES, Cláudia. O Bispo e o General: A Igreja Ultramontana e o Sepultamento do General Abreu e Lima. **X Encontro Regional de História** – ANPUH-RJ. História e Biografias – UERJ. 2002. Disponível em <http://www.rj.anpuh.org/anais/2002/comunicacoes/rodrigues%20claudia.doc>

ROMANO, Roberto. **Brasil: Igreja contra Estado**. São Paulo: Kairós, 1979.

ROSA, Alexandra Cristina. **A Renovação Carismática Católica no espaço laico**: um estudo sobre o Grupo de Oração Universitário (GOU). Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora - MG, 2007.

ROSSI, Paolo. Lembrar e esquecer. In: **O passado, a memória e o esquecimento**. Seis ensaios da história da ideias. Trad. Nilson Moulim. São Paulo: Ed. UNESP, 2010. P. 1-38.

RÜSEN, Jörn. A história entre a modernidade e a pós-modernidade. **História: Questões e Debates**. Curitiba, v.14, n. 26-27. Jan/Dez. 2007. p. 80-101.

SALOMON, Marlon. Afrontar o perigo: a questão da história da verdade. In: SALOMON, Marlon. (Org.). **História, verdade e tempo**. Chapecó-SC: Argos, 2011. p. 323-345.

SANCHIS, Pierre. Desencanto e Formas Contemporâneas do Religioso. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, Ano 3, n 3, 2001.

SILVA, Bernadete França Albano. **Grupo de Oração Universitário (GOU) na Universidade Católica de Goiás**: uma análise sociológica. Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2002.

SOFIATI, Flávio Munhoz. A questão da sexualidade no Movimento Carismático Católico. **Revista Brasileira de História das Religiões**. ANPUH, ano III, n. 8. Set. 2010. p. 227-241.

_____. O novo significado da “opção pelos pobres” na Teologia da Libertação. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP, v. 25, n. 1, 2013. p. 215-234.

_____. Os Jovens Carismáticos. **Revista Espaço Acadêmico**. N°. 129 - Fevereiro de 2012. p. 47-55.

SOUZA, Beatriz Muniz de. **A experiência da salvação**: pentecostais em São Paulo. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. Secularização em declínio e potencialidade transformadora do Sagrado, Religião e Sociedade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 14, n 40, Set/Dez. 2000.

WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. Tradução de Pietro Nassetti. São Paulo: Martin Claret, 2006.

WHITE, Hayden. O fardo da história. In: **Trópicos do Discurso**: ensaios sobre a crítica da cultura. Trad. Alípio C. de Franca Neto. São PAULO: Edusp, 1994. p. 39-65.

Fontes Consultadas

Apostila III Módulo básico – Grupo de Oração.

CNBB. Pastoral Social. **Estudos da CNBB**. 3 ed. São Paulo: Paulinas, 1978. n. 10.

_____. **Comissão Justiça e Paz**: documentos normativos. São Paulo: Paulinas, 1983.

_____. **Renovação Carismática Católica**: dados históricos. Documento 19 da 32ª Assembléia Geral. Itaici, 1994.

_____. Documento 53: **Orientações Pastorais para a Renovação Carismática Católica**.

Comissão Nacional de Serviços da RCC. **O que é RCC?** Brasília, s/d.

Compêndio do Vaticano II: **constituições, decretos, declarações**. Coordenação geral de Frei Frederico Vier, O.F.M. Petrópolis: Vozes, 1969.

Encontro Episcopal Latino-Americano. **A renovação espiritual católica carismática**. (Documento de Colômbia, setembro de 1987). 2 ed. São Paulo: Loyola, 1989.

Estatuto da Renovação Carismática Católica. Uberlândia: Diocese de Uberlândia

HUMMES, Dom Cláudio. Entrevista no programa Canal Livre, SP: Rede Bandeirantes de Televisão, 2002.

Ministério de Formação, Apostila 1 - Identidade da RCC.

Orientações Teológicas e Pastorais da Renovação Carismática Católica. 3ª Edição. São Paulo: Loyola, 1979.

Fontes Eletrônicas

Discurso aos responsáveis pelo Movimento Carismático Católico. Disponível em: www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/speeches/1998/october/documents/hf_jpii_spe_19981030_carismatici_po.html

Carta do Papa João Paulo II a D. Jean-Pierre Ricard, Arcebispo de Bordéus e Presidente da Conferência Episcopal Francesa. Disponível em: www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/letters/2005/documents/hf_jpii_let_20050211_french-bishops_po.html

Congregação para a Educação Católica - Dimensão Religiosa da Educação na Escola Católica: Orientações para a reflexão e a revisão. Disponível em: www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/documents/rc_con_ccatheduc_doc_19880407_catholic-school_po.html

Meios de Comunicação. Disponível em: <http://comunidade.cancaonova.com/meios-de-comunicacao/>

O que é Grupo de Oração Carismático? Disponível em: <http://presentepravoce.wordpress.com/2008/03/24/grupo-de-oracao-carismatico/>

Relação dos Grupos de Oração em Uberlândia. Disponível em: <http://grupodeoracaoagape.wordpress.com/r-c-c/relacao-de-grupos-de-oracao-uberlandia>

Para melhor compreender a estrutura da RCC no Brasil e no mundo, ver: <http://www.rccbrasil.org.br/portal/>.

Constituição Dogmática *Lumen Gentium*: sobre a igreja. Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html.

Exortação Apostólica *Christifideles Laici*: sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no Mundo. Nº 30. **Critérios de eclesialidade para as agregações laicais.** Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jpii_exh_30121988_christifideles-laici_po.html.

Formação da Escola Permanente, ver: <http://ministerioformacao.wordpress.com/escola-permanente/>

Ministério de Formação - RCC Uberlândia. Disponível em: <http://www.rccformacao.blogspot.com.br>.

Blog da RCC Uberlândia. Disponível em: <http://rccuberlandia.blogspot.com.br>.

Exortação Apostólica *Evangelli Nuntiandi*: sobre a evangelização no mundo contemporâneo.

Disponível em
http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi_po.html.

Sobre a Teologia da Libertação: Conheça o pensamento do Papa Bento XVI. Disponível em: <http://www.cancaonova.com/portal/canais/formacao/internas.php?id=&e=4067>

Movimento Jovem Überlândia. Disponível em:
<http://mjuberlandia.blogspot.com.br/p/quem-somos.html>.

Sobre o Grupo de Oração Carismático:
<http://presentepravoce.wordpress.com/2008/03/24/grupo-de-oracao-carismatico/>

Grupo de Perseverança: <http://www.rccbrasil.org.br/institucional/grupo-de-perseveranca.html>.

Bíblia Online: <http://www.bibliaon.com>

Carta Encíclica de Sua Santidade Papa Pio XI sobre a restauração e aperfeiçoamento da ordem social em conformidade com a lei evangélica no 40º aniversário da Encíclica de Leão XIII *Rerum Novarum*. Disponível em
http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310515_quadragesimo-anno_po.html.

Carta Encíclica *Rerum Novarum* do Sumo Pontífice Papa Leão XIII sobre a condição dos operários. Nº 13. Disponível em
http://www.vatican.va/holy_father/leo_xiii/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum_po.html.

Carta Encíclica Del Sumo Pontífice Pio XI acerca del Fascismo y la Acción Católica. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19310629_non-abbiamo-bisogno_sp.html.

Carta Encíclica Del Sumo Pontífice Pio XI sobre La situación de la Iglesia Católica em El Reich Alemán. Disponível em
http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_14031937_mit-brennender-sorge_sp.html.

Carta Encíclica de Sua Santidade Papa Pio XI sobre o Comunismo ateu. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/pius_xi/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19370319_divini-redemptoris_po.html.

Carta Encíclica do Sumo Pontífice Papa Pio XII sobre o corpo místico de Jesus Cristo e nossa união Nele com Cristo. Disponível em
http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_29061943_mystici-corporis-christi_po.html.

Carta Encíclica do Sumo Pontífice Papa Pio XII sobre opiniões falsas que ameaçam a doutrina Católica. Disponível em

http://www.vatican.va/holy_father/pius_xii/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_12081950_humani-generis_po.html.

Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia. Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19631204_sacrosanctum-concilium_po.html.

Carta Encíclica de Sua Santidade João XIII sobre a recente evolução da questão social à luz da doutrina cristã. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/encyclicals/documents/hf_j-xxiii_enc_15051961_mater_po.html.

Carta Encíclica do Sumo Pontífice João XIII sobre a paz de todos os povos na base da verdade, justiça, caridade e liberdade.

“Gaudet Mater Ecclesia”. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/john_xxiii/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council_po.html.

Constituição dogmática *Lumen Gentium*, sobre a Igreja. Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html.

Constituição pastoral *Gaudium et Spes*, sobre a Igreja no mundo atual. Disponível em http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html.

Discurso de Paulo VI na continuação do Concílio Vaticano II. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/paul_vi/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630929_concilio-vaticano-ii_po.html

Benedetto XVI annuncia La sua rinuncia AL ministero petrino: *textus della Declaratio*. Disponível em: <http://it.radiovaticana.va/articolo.asp?c=663814>.

Discurso do Papa Bento XVI no Encontro com os representantes das ciências. Viagem a München, Altötting e Regensburg (setembro de 2006). Disponível em: http://www.vatican.va/holy_father/benedict_xvi/speeches/2006/september/documents/hf_ben-xvi_spe_20060912_university-regensburg_po.html

Mensagem do Papa Francisco ao chefe-rabino de Roma. Disponível em: <http://www.zenit.org/pt/articles/espero-contribuir-para-o-progresso-das-relacoes-entre-judeus-e-catolicos>.

Declaração *Nostra Aetate*. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.html. Acesso em 18/07/2013 às 18:11.

Discurso do Papa Francisco no Encontro com os Representantes das Igrejas e Comunidades Eclesiais e de outras Religiões. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/francesco/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130320_delegati-fraterni_po.html.

Novo Mapa das Religiões. Coordenação Marcelo Cortes Neri. Rio de Janeiro: FGV,CPS, 2011. Disponível em http://www.cps.fgv.br/cps/bd/rel3/REN_texto_FGV_CPS_Neri.pdf.

Papa concederá indulgências pela internet durante a Jornada Mundial da Juventude no Rio.

Disponível em <http://iberoamerica.net/brasil/prensa-generalista/extra.globo.com/20130717/noticia.html?id=h2G1Dm2>

Site do Movimento Universidades Renovadas Uberlândia:
<http://uberlandiamur.blogspot.com>

Site da RCC Viçosa: <http://www.rccvicosa.com>

Site da Comunidade Canção Nova: <http://comunidade.cancaonova.com>.

Anexo

Exortação Apostólica Christifideles Laici: sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no Mundo

Critérios de eclesialidade para as agregações laicais

30. É sempre na perspectiva da comunhão e da missão da Igreja e não, portanto, em contraste com a liberdade associativa, que se comprehende a necessidade de *claros e precisos critérios de discernimento e de reconhecimento* das agregações laicais, também chamados « critérios de eclesialidade ».

Como critérios fundamentais para o discernimento de toda e qualquer agregação dos fiéis leigos na Igreja, podem considerar-se de forma unitária, os seguintes:

— *O primado dado à vocação de cada cristão à santidade*, manifestado « nos frutos da graça que o Espírito produz nos fiéis »⁽¹⁰⁹⁾ como crescimento para a plenitude da vida cristã e para a perfeição da caridade.⁽¹¹⁰⁾

Nesse sentido, toda e qualquer agregação de fiéis leigos é chamada a ser sempre e cada vez mais instrumento de santidade na Igreja, favorecendo e encorajando « uma unidade mais íntima entre a vida prática dos membros e a própria fé ».⁽¹¹¹⁾

— *A responsabilidade em professar a fé católica*, acolhendo e proclamando a verdade sobre Cristo, sobre a Igreja e sobre o homem, em obediência ao Magistério da Igreja, que autenticamente a interpreta. Por isso, toda a agregação de fiéis leigos deve ser lugar de anúncio e de proposta da fé e de educação na mesma, no respeito pelo seu conteúdo integral.

— *O testemunho de uma comunhão sólida e convicta*, em relação filial com o Papa, centro perpétuo e visível da unidade da Igreja universal,⁽¹¹²⁾ e com o Bispo « princípio visível e fundamento da unidade » da Igreja particular,⁽¹¹³⁾ e na « estima reciproca entre todas as formas de apostolado na Igreja ».⁽¹¹⁴⁾

Exortação Apostólica Christifideles Laici: sobre a vocação e missão dos leigos na Igreja e no Mundo. Disponível em http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_30121988_christifideles-laici_po.html. Acesso em 22/11/13 às 19:28

JUVENTUDE, EIS OS ENVIADOS



Para os cristãos, o carnaval de 2013 não poderia ser encerrado de maneira melhor como será neste ano de 2013. No dia 13 de fevereiro, quarta-feira de Cinzas será lançada mais uma edição da Campanha da Fraternidade (CF). O tema é "Fraternidade e Juventude" e o lema "Eis-me aqui, envia-me!" (Is 6,8).

Este tema vem de encontro com a Jornada Mundial da Juventude (JMJ), que acontecerá este ano no Brasil, para fortalecer o desejo de evangelização dos jovens. "Uma das metas principais da Campanha da Fraternidade de 2013 é olhar a realidade juvenil, compreender a riqueza de suas diversidades, potencialidades e propostas, como também os desafios que provocam atitudes e auxílios aos jovens e aos adultos", explicou dom Eduardo Pinheiro, presidente da Comissão Episcopal Pastoral para a Juventude da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB).

Na situação em que o mundo se encontra, onde muitas mudanças de atitudes e valores familiares, é muito importante reunir forças para que a nossa juventude possa continuar no seguimento a Jesus Cristo, na vivência da Igreja e participação nas comunidades e principalmente na construção de uma sociedade melhor. Por isso, a Campanha da Fraternidade, que sempre tem um tema com forte apelo social, este ano convoca a sociedade brasileira a refletir sobre a Juventude.

Vivemos então esse tema, dando exemplos de fidelidade a Jesus e convocando a nossa juventude a fortalecermos como Igreja de Cristo. Essa atitude deve começar dentro de nossas casas, com nossos filhos, irmãos e pessoas mais próximas. Assim, quem sabe, possamos ter muito mais enviados, dispostos a trabalhar para o caminho da fé e da paz.

Fonte: Texto extraído e adaptado do site da CNBB.
Tiago e Patrícia Equipe Comunicação



Pensando na sua saúde
e de sua família



Média móvel no melhor nível!





PRECISAMOS DE SANTOS!

Ao falar de Santidade aos jovens, muitos deles possuem em mente a seguinte imagem: santo é aquele que vive em função da igreja, que usa uma batina e vive a pão e água. Sim, pode parecer exagero, mas é essa a frase mais comum que ouvimos. É nesse ponto que muitos de nós nos surpreendemos: não é preciso deixar de ser jovem para ser santo. A juventude é o tempo de sonhos, lutas e amadurecimentos. Época para aprender a fazer escolhas com o livre arbítrio que Deus nos deixou. Mas quando aquilo que o jovem possui no coração é confrontado com a realidade do mundo, ele perde suas essências e torna-se cada vez mais frustrado, ansioso e irresponsável.

Nesse contexto, a igreja quer aproximar-se dos jovens, resgatando neles o verdadeiro espírito da juventude, a fim de que eles usem sua vitalidade e disposição em prol de um mundo melhor. O Papa Emérito Bento XVI, em sua visita ao Brasil em 2007, encontrou-se com os jovens e, em um dos seus discursos, disse: (...) não desperdiceis vossa juventude. Não tenteis fugir dela. Vivei-a intensamente. Consagrai-a aos elevados ideais da fé e da solidariedade humana."

Sendo assim, a Igreja Católica precisa de jovens Santos, com a disposição e a alegria que lhes são inerentes, e que vão à luta em busca do bem e do amor. Precisa de Santos que não deixem de ir ao cinema, ir para baladas, usar calça jeans e comer doces. A nossa juventude é capaz de mudar o mundo e, para fazer isso acontecer, basta colocar Deus em primeiro lugar. Então, amemos a Eucaristia e saibamos saborear as coisas puras e boas do mundo – mas não sejamos mundanos.

Por: Mariana Lopes 23º MRJ
Gabriel André 23ºMRJ



EQUIPE WEB MRJOVEM

SER SOLIDÁRIO

Uma das tarefas do cristão é ser solidário. E no mundo em que estamos hoje essa atitude vem se mostrando cada vez mais rara, as pessoas encontram mil motivos para não ajudar o próximo. Muitas ficam apenas na teoria, sabem da necessidade, mas não procuram realmente fazer algo para ajudar quem quer que seja.

Mas felizmente ainda temos pessoas que procuram ir além das palavras e colocar em prática esse dever cristão. Os jovens do MR abraçaram a ideia de ajudar, no dia do Carna Cristo: eles levaram litros de leite que seriam posteriormente doados às famílias carentes. O resultado foi um sucesso! Muitos litros foram arrecadados e na última reunião do Grupão (16/03) foram repassados à Equipe de Assistência Social do Diálogo Conjugal.

Não é necessário fazer uma grande ação solidária, são pequenos gestos que podem fazer uma grande diferença na vida de muitas famílias. E quando nos dispomos a ajudar alguém não é novidade que no fundo nos é quem somos os maiores beneficiados. Ajudar faz um bem enorme a nós mesmos. Nos permite ir além, crescer e aprender.

"O importante não é o que se dá, mas o amor com que se dá." Madre Teresa de Calcutá



Pensando na sua saúde
e da sua família



Moda atual no melhor estilo!





JMJ: a força da juventude na evangelização

Está chegando o grande momento da XXVIII Jornada Mundial da Juventude (JMJ), evento que reunirá milhões de jovens em um encontro de fé, fraternidade e unidade, com partilhas e várias atividades culturais. Desde 1985, a Jornada tem o objetivo maior de continuar a mostrar ao mundo o testemunho de uma fé transformadora, que vê o rosto de Cristo em cada jovem. A cada dia, o público jovem cresce, mostrando sua fé e amor a Deus.

Escolhido pelo então Papa Bento XVI, o lema é "Ide e fazei discípulos entre todas as nações" (Mateus 28:19). E, tendo em vista que os jovens vivem conectados, cheios de informações, podem espalhar o evangelho a qualquer pessoa, em qualquer lugar.

Durante o evento, os jovens também poderão participar da Feira Vocacional, a fim de descobrir o chamado de Deus para suas vidas. A estimativa é que cerca de 150 comunidades e congregações estejam presentes na Quinta da Boa Vista, no período de 23/07 a 26/07, das 08 às 20h. Haverá desde estruturas de catequese e praças de alimentação até baladas.

E para quem gostar, esportes radicais, como escalada e tirolesa, além de uma tenda de 600 m² para a Adoração ao Santíssimo Sacramento.

A fim de que pessoas portadoras de deficiência possam participar dos eventos da JMJ, o Comitê Organizador Local (COL) está organizando o ambiente, adaptando-o, com tradutor em língua para os surdos, banheiros especializados para quem tem alguma deficiência motora, entre outros. A estrutura foi aprovada pela Secretaria Nacional de Direitos Humanos.

A novidade para esta jornada é o Guia Ecológico da JMJ, que será distribuído juntamente com o kit do peregrino. O Padre Josafá Siqueira, reitor da PUC - Rio (Pontifícia Universidade Católica) e Luiz Felipe Guanaes, diretor do Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente da PUC (NIMA), elaboraram o guia a pedido da Arquidiocese do Rio. Josafá diz que esse guia foi feito para o jovem, com o intuito de que eles usem sua fé em prol do que Deus criou e, infelizmente, o homem vem destruindo.

"Lembrem-se da responsabilidade teológica com a criação e a nossa missão de cuidar daquilo que Deus colocou em nossas mãos; e mostrar a preocupação ética da Igreja com o meio ambiente", afirmou Josafá.

Kauane 23º MRJ
Jhéssica Maria 23º MRJ

A row of four rectangular logos. From left to right: 1. 'MONTANHA DESPACHANTE' with a green mountain graphic and a list of services: Escrituras de Imóveis Urbanos e Rurais, Requerimentos de Cédulas Diversas, Busca e Entrega de Documentações, Elaboração de Contratos - Averbações, Habite-se - Regularização de INSS. 2. 'GIRO MOTO' with a red swoosh graphic. 3. 'excellent global escola de idiomas' with a yellow globe icon and the text 'metodologia não linear'. 4. 'Center' with a stylized 'C' graphic.

JMJ: a força da juventude na evangelização. **O Vagalume**. Uberlândia. Nº 250, p. 4, Julho, 2013.

As manifestações, os jovens e a Igreja



As ruas mostraram a voz e a união do povo brasileiro em busca de justiça e dignidade, perdidas ao longo da história do país.

Nós, jovens cristãos, que escolhemos defender essa causa, não podemos nos esquecer dos nossos princípios e do verdadeiro intuito de um protesto.

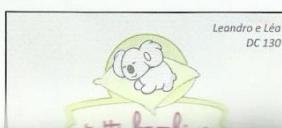
Antes mesmo de sair dos nossos lares, devemos lembrar o que nos motiva e o que nos representa. A violência, por exemplo, não representa a juventude cristã. Mas o amor e a solidariedade, nós garantimos que sim! Muitas reivindicações sequer nos afetam diretamente, mas, como irmãos, devemos apoiar uns aos outros, visto que Cristo nos ensinou a amar o próximo. Quase às cegas, essa caridade demonstra não só a nossa esperança num futuro melhor para o Brasil, mas também a nossa fé nos planos de Deus.

Que nós, cidadãos cristãos, ao levantar a bandeira por dias melhores, possamos também pedir a bênção e a proteção do nosso Pai: que Ele derrame sua paz sobre nós e que, dessa forma, nos livre da violência insana e da injustiça de décadas. É o que Deus nos diz em Levítico 26, 9: "E para vós olharei, e vos farei frutificar, e vos multiplicarei, e confirmarei a minha aliança convosco."

Assim, saibamos colocar Jesus à frente, inclusive nesse tempo de lutas, para que Ele guie os nossos passos, nos dê perseverança e humildade para segui-Lo em santidade. Que saibamos também agradecer pela proteção que, dia após dia, Ele nos concede em Sua infinita bondade.

Solis 23ºMRJ

Hugo Freitas 19º MRJ



As manifestações, os jovens e a Igreja. **O Vagalume**. Uberlândia. Nº 251, p. 4, Agosto, 2013.

Jovens missionários de Deus

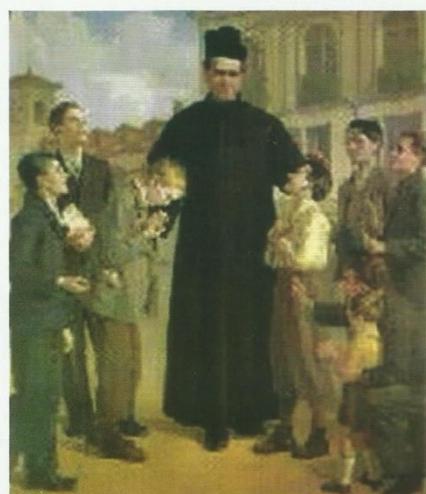
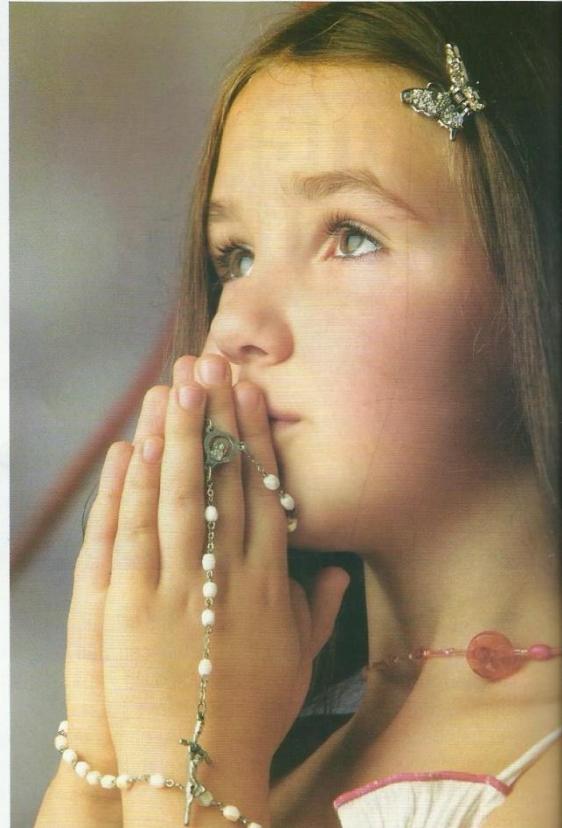
II Missionário" é aquele que foi incumbido de realizar determinada missão, de acordo com o dicionário. Porém, ser missionário é algo que está além de qualquer definição. Para ser missionário, deve-se ter coragem de dividir o tempo com os outros, sair dos grupos paroquiais, ultrapassar fronteiras onde quer que seja, levando a paz e pregando o amor de Deus às mais diferentes culturas. O missionário é aquele que está disposto a ir onde há necessidade de alguém que ofereça seus dons e sua vida a serviço dos mais necessitados.

Mas se você achou que seria uma tarefa fácil, está enganado. Afinal, já dizia Dom Bosco: "Eu não disse que seria fácil, apenas disse que valeria a pena". A missão é árdua, pois antes de falar de Deus para outras pessoas, precisamos estar preenchidos com o amor dEle e vivenciar tudo aquilo que Ele nos deixou como ensinamento.

Em sua viagem ao Brasil, nosso querido Papa Francisco pediu: "O evangelho não é apenas para aqueles que pareçam a nós mais próximos, mais abertos, mais acolhedores. É para todas as pessoas. Não tenham medo de ir e levar Cristo para todos os ambientes (...). A Igreja conta com vocês! E o Papa conta com vocês".

E nós respondemos: Sim, Papa Francisco, estamos com você. Está na hora de dar um rumo melhor às nossas vidas, de sair do comodismo e da rotina, vestir nossas armaduras e espalhar o amor de Deus para todas as pessoas, sem medo, preconceito ou qualquer tipo de barreira que possa nos impedir. #Juventude do Papa

Por: Mariana Lopes 23º MRJ e João Luiz 23º MRJ.



			
---	---	--	---

Jovens missionários de Deus. **O Vagalume**. Uberlândia. Nº 252, p. 4, Setembro, 2013.

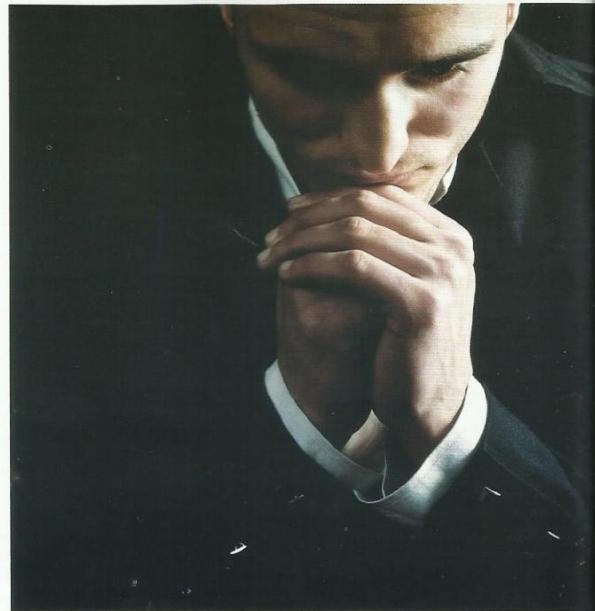
Vivendo a fé nos dias atuais

São muitas as dificuldades e as perseguições que se apresentam na caminhada pela santidade em nossas vidas, presentes nas características do nosso tempo. Por isso, é neste tempo que devemos brilhar como luzes de esperança cristã iluminando o mundo.

Devemos olhar para o horizonte, alargar a tenda dos nossos corações, transformar a nossa fé intelectual em uma fé que nos envolva, que nos coloque em movimento e que nos lance inteiramente ao encontro pessoal com Jesus. Os nossos olhos devem estar fitos no Pai diante das ciladas e perseguições do inimigo. Com Deus, o nosso diálogo deve ser constante para permanecermos em seu amor e nos seus ensinamentos, mesmo diante das tentativas de ridicularizarem nossa fé.

Precisamos permanecer no amor de Deus. Nos dias atuais, na sociedade em que habitamos, a cada minuto torna-se mais difícil ser um cristão católico. Existe uma inversão de valores muito grande, um esforço humano em transformar o sagrado em mundano, num combate direto que vai de encontro à juventude. Mas, graças a Deus, a maioria dos jovens resiste e persiste em ser cristão em um mundo tão desapegado da obediência, das orientações da Santa Igreja Católica e das infindáveis mostras de amor e misericórdia que Jesus nos deixou e nos reapresenta a cada Santa Missa, quando o seu santo sacrifício para a remissão de nossos pecados é atualizado.

Há muitos jovens lutando para ser luz do mundo e sal da terra! Essa batalha é difícil mas animadora, pois sabemos que o sofrimento é necessário para a nossa santificação e chegada à morada celeste! Contudo, o que é propagado pelas ruas, pelas mídias sociais e que afeta diretamente nossos jovens é a proposta da felicidade terrena, a felicidade traduzida nas ações dos próprios homens. Hoje, nas faculdades, nos colégios, nas rodas de amigos, pouco se fala sobre Deus e fé, quando não para criticar e apresentar ideias reformadoras para uma



Igreja mais moderna e que seja "legal" aos olhos do mundo.

"Vivamos no mundo, mas não pertençamos a ele!" Nossa juventude cristã é aplacada por olhares desconfiados de sua postura de vida, se é real ou apenas uma pintura bonita sobre um quadro velho. Jovem, Deus deseja que você tenha uma santidade dinâmica, alegre, responsável e decidida, pois estas são características do jovem que "busca as coisas do Alto". Você é um dom precioso do céu; viva a obediência, o amor, a pureza e o respeito em todas as ocasiões. Como cristãos, somos convocados a anunciar o Evangelho, mesmo com as dificuldades que nos assolam.

Não fique esperando que as pessoas mudem, que o mundo mude do dia para a noite. Sinta-se desafiado a mudar; acolha, em seu coração, a certeza de que Cristo caminha conosco, principalmente nos momentos das perseguições.

Lembre-se: **Jesus é a nossa fortaleza.** Quando você estiver desanimado, ridicularizado, lembre-se da vida dos santos, que sempre seguiram em frente, e retome a caminhada, pois "o caminho se faz quando se quer caminhar".

Fonte: <http://destrave.cancaonova.com/>
João Luiz - 23º MRJ
Letícia Vilela - 23º MRJ

BUSCAI AS COISAS DO ALTO



Padre Léo

* 09/10/1961
+ 04/01/2007

Em uma das suas últimas palestras Pe. Léo afirma que para seguir Jesus é necessário buscar as coisas do alto para alcançar a felicidade. Ou seja, é preciso seguir a palavra de Deus, buscar no dia-a-dia cumprir nosso papel como cristãos.

No entanto, muitos jovens declaram-se cristãos, porém não cumprem com o que defendem. Eles vão para as festas, embébedam-se e se entregam aos prazeres mundanos, causando mal a si mesmos e, às vezes, a outras pessoas. Ao fazer isso, carimbam suas ações com o carimbo da terra, o carimbo das coisas terrenas. A felicidade gerada é momentânea e falsa, logo os jovens sentem-se infelizes e querem repetir a experiência, buscando a felicidade no lugar errado com coisas erradas.

Mas há aqueles, que mesmo tendo oportunidade, curtem as festas sem consumir álcool ou outras drogas. Todos deveriam entender que um dos motivos para o não uso e abuso do álcool é a oportunidade

que o jovem se dá de escolher e de ter autonomia sobre a própria vida, estar mais próximo da felicidade e de Deus. Seguir os bons exemplos e fazer boas escolhas é a chave, o caminho para o céu, ter fé e romper com o pecado.

Para alcançar a felicidade plena é preciso não apenas pregar a palavra na Igreja, mas em todos os ambientes e a todo o momento. É necessário praticá-la entre amigos, no trabalho e família. Desse modo, é possível trocar os carimbos da terra pelos carimbos do céu. Muitas vezes, nós praticamos atos que vão contra a palavra de Deus e não nos damos conta. É preciso rever nosso cotidiano e refletir sobre como nos comportamos e se esses comportamentos são coerentes com nossa crença. Vamos traçar uma meta juntos. Convidamos a todos para carimbar as nossas ações e comportamentos durante este mês e fazer um balanço final, sobre qual carimbo mais utilizamos, se o carimbo do céu ou o carimbo da terra.

A PALESTRA COMPLETA VOCÊ ENCONTRA EM:
<http://www.youtube.com/watch?v=p8mmmcIMH4o>

PARA MAIS PALESTRAS ACESSE TAMBÉM:
<http://padreleobethania.com.br/>



PLASTILAR
Resistências Elétricas, Utensílios e Equipamentos para Hotéis, Bares, Restaurantes, Pãotecas, Sorveterias, Supermercados, Açougueiros, Pastelarias, etc.
FONE/FAX: (34) 3235-6565
AV. FLORIANO PEIXOTO, 1471 - B. APARECIDA - CEP 38400-700 - UBERLÂNDIA - MG
www.plastilar.com.br

eletromac
A melhor solução em material elétrico e doméstico
Matriz / Iluminação
Av. Vasconcelos Costa,
525 - Martins
Fone: 34 3292-4400
Filial
Av. Floriano Peixoto,
2695 - Aparecida
Fone: 34 3232-5640
vendas@eletromac.com.br | www.eletromac.com.br

CASA DE CARNES CRISTAL
Bovinos,
Suínos
e Aves,
Vendas no
Atacado e Varejo
Luiz Fernando e Nilva
(34) 3232-2000
Av. Floriano Peixoto, 4565 • Uberlândia-MG

Felicita Noivas
Uberlândia-MG
Rua Paula, 1072 - Umarizal
(34) 3232-6185 / 9233-0769
[/FelicitaNoivasEEEventos](https://www.facebook.com/FelicitanoivasEEEventos)
felicitanoivas@msn.com

Nesta palestra ele deixa a seguinte mensagem:

"É preciso ter uma meta, e a nossa meta é muito grande. Quem se acostuma com coisa pequena não pode ir para o céu. O céu é para quem sonha grande, pensa grande, ama grande e tem a coragem de viver pequeno. Isso é o céu." Pe. Léo.

Fillipe 23º MRI e Heitor 24º MRI

